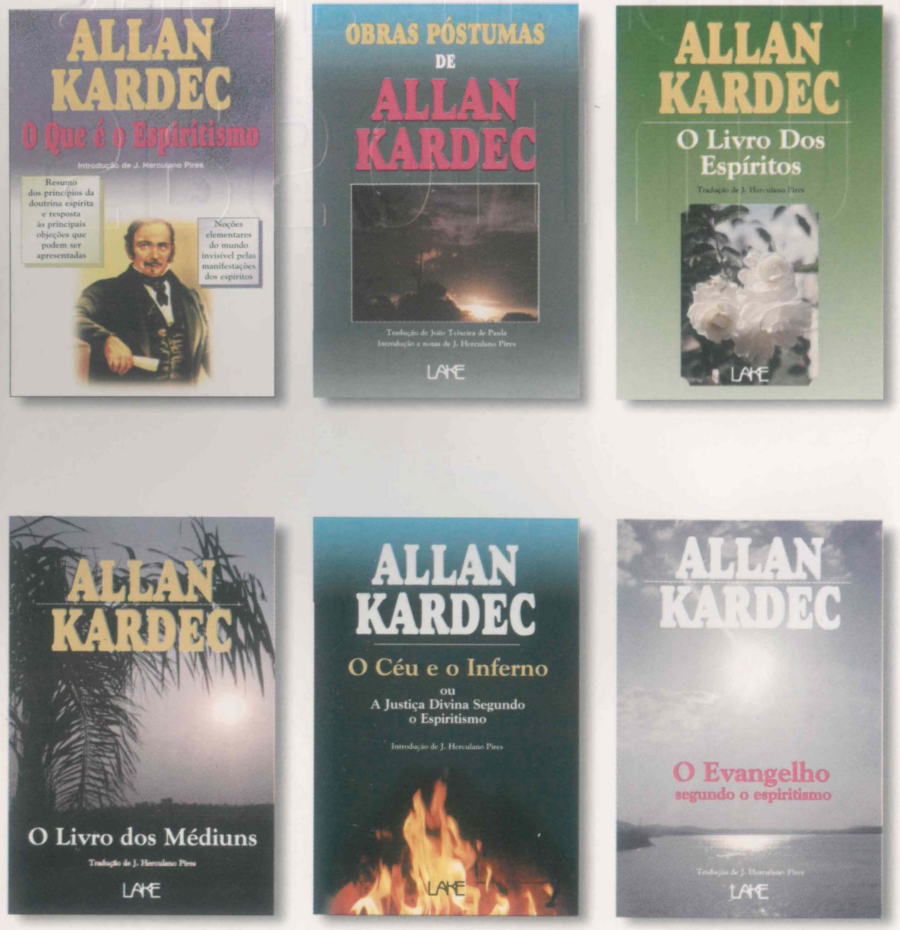
RAFAEL A. RANIERI
Materializações
Luminosas
(DEPOIMENTO DE UM
DELEGADO DE POLÍCIA)
Ilustrado
com novíssimas fotos de
materializações de Espíritos
LAKE

OUTRAS OBRAS DE EDIÇÃO



RAFAEL A. RANIERI

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

(DEPOIMENTO DE UM DELEGADO DE POLÍCIA)

RAFAEL A. RANIERI

Da Universidade de Minas Gerais
Delegado de Polícia no Estado de São Paulo

MATERIALIZAÇÕES LUMINOSAS

(DEPOIMENTO DE UM DELEGADO DE POLÍCIA)

(Edição revista e ampliada com novas fotos de espíritos materializados)

LAKE - Livraria Allan Kardec Editora (Instituição Filantrópica)
Rua Assunção, 45 - Brás - CEP 03005-020
Tels.: (011) 229-1227 • 229-0526 • 227-1396 • 229-0937
• 229-4592 • 229-0514
FAX: (011) 227-5714 e 229-0935
São Paulo - BRASIL

8ª Edição - do 36º ao 45º milheiros
Agosto de 2003
Nota: A LAKE é uma entidade sem fins lucrativos, cuja diretoria não possui remuneração.
Capa: Celso Zonatto

LAKE - Livraria Allan Kardec Editora
(Instituição Filantrópica)
Rua Assunção, 45 – Brás – CEP 03005-020
Fones: (011) 229-1227, 229-0526, 227-1396, 229-0937,
229-0514 e 229-4592
Fax: (011) 227-5714 e 229-0935
São Paulo – Brasil
e-mail: lakelivraria@uol.com.br
http://www.lake.com.br
C.N.P.J.: 00.351.779/0001-90 I.E.: 114.216.289.118
Fundada em 30/10/1936

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ranieri, R.A., 1920-1989
Materializações luminosas : (depoimento de um delegado de polícia / R.A. Ranieri. — 8. ed. —
São Paulo : LAKE, 2003.

1. Espiritismo 2. Materialização 3. Médiuns
4. Psicografia I. Título.

03-1356 CDD-133.92

Índices para Catálogo Sistemático:
1. Materializações : Fenômenos mediúnicos :
Espiritismo 133.92

Homenagem

Dedico este livro ao coronel Eleutério Blum Ferlich, então Comandante-Geral da Força Pública do Estado de São Paulo, e à sua digna esposa, Dona Célia Ferlich.

O Autor

Dedicatória

Não escrevi este livro para convencer os incrédulos, mas para consolar aqueles que esperam alguma coisa além da morte.

O Autor

Os Gregos Não Ouviram Paulo

"Mas quando ouviram falar da ressurreição dos mortos, uns escarneceram e outros diziam: acerca disso te ouviremos outra vez."

(Atos, 17:32)

ÍNDICE

O depoimento de um delegado de polícia 13

PRIMEIRA PARTE
Fenômenos de Materialização Realizados Através da Mediunidade de Francisco Lins Peixoto

I. Primeiro contato 17
II. No limiar de um mundo novo 20
III. No Rio 23
IV. Outra reunião 28
V. Um aparelho estranho 32
VI. A noite dos cravos 36
VII. Dois espíritos materializados 40
VIII. A noite da transfiguração 44
IX. A mão e o pé de Heleninha 48
Fotografias de peças em gesso, de luvas em parafina e de pedras transportadas pelos espíritos. Trabalhos realizados no André Luiz com o concurso da mediunidade de efeitos físicos de Peixotinho 53
X. Letreiros luminosos 62
X-a. Médium de luz possibilita materializações luminosas 66
X-b. Escrevendo à luz dos espíritos 71

SEGUNDA PARTE
Fenômenos de Materialização Realizados Através da Mediunidade de Fábio Machado

XI. Os mesmos espíritos com médiuns diferentes 77
XII. Fenômenos com radioatividade 80
XIII. Uemoto 85
XIV. O enrolamento dos discos 100
XV. Balas fosforescentes e explosivas 105
XVI. O espírito Palminha 110

XVII. Aparelhos semelhantes aos do "André Luiz" 118
XVIII. Os pingos de luz 121
XIX. A dança de Maria Alice 129
XX. Dois espíritos ao mesmo tempo – Zé Grosso e Palminha 135

TERCEIRA PARTE
(Dezembro de 1950)
Fenômenos de Materialização Realizados Através da Mediunidade do Peixotinho e do Fábio

XXI. Novamente com o Peixotinho 141
XXII. Com a pedra de rádio na mão 147

QUARTA PARTE
Fenômenos Realizados Através da Mediunidade de Outros Médiuns

XXIII. Com um velho amigo 159
XXIV. Ifigênia França 166
XXV. Ênio Wendling 175
XXVI. Levi, Altino e Heleninha 178
XXVII. Conclusão – Médiuns e mediunidade 181

ÚLTIMA PARTE
Depois do Fim – (De 1952 em Diante)

Depois do fim 185
I. Materializações em Pedro Leopoldo 189
II. Nova concepção dos fenômenos de efeitos físicos 194
III. Superincorporação 197
IV. Fotografias 202
V. Fotografia do espírito materializado de Maria Duarte Santos 221
VI. Organização de sessões de materializações 227
VII. Mensagem de Emmanuel 240
VIII. Página de Emmanuel 242
IX. Suíte Fotográfica 245

O DEPOIMENTO DE UM DELEGADO DE POLÍCIA

Este é apenas um depoimento de uma autoridade policial que teve a oportunidade de verificar por si mesma uma série de fatos irrefutáveis. Se um delegado de polícia merece crédito pelo cargo de responsabilidade que exerce perante a coletividade, e pela natureza do trabalho a que se dedica todos os dias, penso que é justo esperar a mesma aceitação de parte do público quando fala de coisas que viu, tocou, sentiu e verificou.

Habituada a lidar com indivíduos de toda a espécie: criminosos vulgares e criminosos altamente intelectualizados, inteligências rudimentares e inteligências de argúcia prodigiosa; indivíduos que usam todos os truques para enganar e defender-se; ocultar e disfarçar; penso ainda que por isso tudo o depoimento de uma autoridade policial deve ser acatado como honesto e exato. O médico pode ser enganado; o engenheiro pode estar sujeito a **tapeações,** o advogado mais esperto pode por sua vez ser conduzido a enganos mas o delegado é o último reduto. Dificilmente se deixará embair por truques. É obrigação profissional de todas as horas: desconfiar sempre e não aceitar até o fim as alegações que não sejam verdadeiras.

Numa delegacia de polícia aprende-se a conhecer o homem no seu aspecto mais difícil, que é o homem que se esconde e esconde tudo aquilo que possa comprometê-lo. Uma fisionomia tranqüila e ingênua oculta às vezes um criminoso depravado. Uma exposição dolorosa e comovente é quase sempre a defesa de um ladrão sabido, acostumado a percorrer os cárceres e as delegacias do país. Sabem eles apresentar as palavras mais angustiosas e alinhar com perfeição os argumentos mais convincentes.

E de tal modo o fazem que às vezes as testemunhas presentes, advogados, peritos, etc. acreditam que o delegado está levando longe o interrogatório, está **torturando** o infeliz, está sendo **desumano** e **mau**. No fim, fica provado que realmente o indivíduo é mesmo criminoso e que o único com a razão era, de fato, o delegado, defensor ferrenho das instituições públicas.

Faz, pois, o delegado de polícia, da desconfiança constante a sua maior arma e o seu melhor e mais perfeito instrumento de trabalho.

Nessas condições, um testemunho público de uma autoridade honesta tem que ser aceito como qualquer coisa de valor ponderável. É o testemunho de alguém que entende da arte de enganar e iludir.

Apenas baseado nisso, e sem outro título, é que me aventuro a expor tudo o que vi e assisti no setor do Espiritismo Moderno, sem a menor sombra de dúvida de que não fui absolutamente enganado e que a verdade, por ser a verdade, deve ser revelada e defendida para o bem comum.

Não tenho outro intuito senão o de concorrer com o patrimônio que adquiri para auxiliar no levantamento moral do homem moderno.

Deixo aos médiuns que forneceram de boa vontade o seu tempo e a sua organização física, aos assistentes que são inumeráveis, e especialmente aos Espíritos, que são os verdadeiros autores de tudo o que se realizou, os meus mais sinceros agradecimentos.

O Autor

PRIMEIRA PARTE

Fenômenos de materialização realizados através da mediunidade de Francisco Lins Peixoto

I. Primeiro Contato

Em fevereiro de 1948, em Minas Gerais, na residência do dr. Rômulo Joviano, alto funcionário do Estado, em Pedro Leopoldo, ficou combinada uma reunião de materialização. Estariam presentes o médium Francisco Cândido Xavier, como um dos assistentes, e o médium Francisco Lins Peixoto ou "Peixotinho",* como é conhecido, e que serviria de médium de materialização.

Acompanhei o médium Peixotinho desde Belo Horizonte até Pedro Leopoldo. Lá, ficamos hospedados no Hotel Vitória, no mesmo quarto, juntamente com mais as seguintes pessoas: Jair Soares, Inácio Domingos da Silva e João Gonçalves. Todos no mesmo quarto.

Quando nos recolhemos, na primeira noite de estada, o Peixotinho, que é asmático e fica às vezes sufocado, pediu que fizéssemos uma prece para que ele pudesse ser tratado pelos espíritos.

Feita a prece, aproximou-se um espírito que colocou uma faixa luminosa sobre o peito e as costas do Peixotinho, o qual, deitado, gemia alto. Todos nós vimos a faixa luminosa,

(*) Vide Foto nº 1, página 54.

de cor verde-clara, colocada sobre o peito. A cama do médium estava colocada entre duas outras, de solteiros, e o sr. Jair Soares de um lado e Inácio da Silva, do outro, assistiam ao fenômeno a uma distância de cinqüenta a sessenta centímetros mais ou menos. Eu estava colocado a uma distância de dois a dois metros e meio. Havíamos chegado ao entardecer e não nos separamos um só instante, de modo que não houve tempo para qualquer preparação da parte do médium.

• • •

A reunião marcada para o sábado, realizou-se. Como preparação, haviam os espíritos determinado através da psicografia, pelo Peixotinho, que não comêssemos carne nem bebêssemos ou fumássemos no dia da reunião.

Os cômodos para realização dos trabalhos foram indicados pelo Dr. Rômulo Joviano: um quarto menor que serviria de cabina e uma sala grande, ligada, que seria ocupada pelos assistentes. Em número talvez superior a quinze pessoas, assistimos ao desenrolar dos trabalhos.

Diversos espíritos apresentaram-se materializados. Todavia se apresentaram totalmente iluminados, por luz que saía de dentro para fora, tornando o ambiente antes às escuras, num suave crepúsculo. A impressão exata que se tinha era que um globo de luz fluorescente em forma humana caminhava pela sala.

Sucederam-se as aparições que vinham conversar com os presentes no recinto. A chegada dos espíritos na cabina era assinalada por clarões que lembram os relâmpagos de cor verde-roxo-azulada.

O médium Peixotinho tornara-se meu conhecido em Belo Horizonte dois ou três dias antes da reunião; não conhecia minha família nem sabia se eu possuía ou não filhos. Não viu nenhum retrato de filhos meus. Finalmente, não tratamos desse assunto.

No entanto, entre os espíritos que se materializaram em forma luminosa, apresentou-se o espírito de minha filha Heleninha, que com dois anos de idade "morrera" no ano de 1945.

Na mesma estatura, em voz semelhante, dirigiu-se a mim dizendo algumas palavras de saudação. Deixou-me uma flor como lembrança, ainda fresca e cheia de orvalho.

Embora pareça inconcebível, não me emocionei com a presença dela e pude dirigir-lhe calmamente a palavra.

Era realmente ela, sem deixar dúvida alguma.

José Grosso, outro espírito que se materializou, atirou numerosas pedras sobre os assistentes alegremente, em plena escuridão. Atirava-as e gritava o nome do destinatário. A pedra caía aos pés da pessoa indicada sem contudo atingi-la ou molestá-la.*

É quase certo que nenhum homem seria capaz de atirar dez ou doze pedras no escuro, sobre uma assistência numerosa para o tamanho do recinto, e com a violência com que foram atiradas sem ferir alguém.

Além disso, os espíritos materializados improvisaram "quadras" e pronunciaram discursos sérios de convocação ao homem do mundo atual.

Coisa maravilhosa era ver como os espíritos se dirigiam com imenso carinho ao Chico Xavier, dando-lhe a importância que deve ter perante o mundo invisível e esqueciam-se de outras personalidades que estavam no recinto, portadoras dos títulos universitários concedidos pelos homens. Prova belíssima de que o homem vale realmente como figura moral e espiritual acima de todas as vaidades humanas.

Esse foi o primeiro contato que tive com fenômenos de materialização.

(*) Vide Foto nº 3, na página 55.

II. No Limiar de um Novo Mundo

De volta de Pedro Leopoldo, em Belo Horizonte, marcou-se uma pequena reunião que seria realizada com a finalidade de se submeter a tratamento dona Ló de Barros Soares, esposa de Jair Soares. A pessoa referida apresentava perturbações no fígado e em outros órgãos.

Seria uma reunião íntima de meia dúzia de pessoas.

Dona Ló foi colocada numa cadeira "preguiçosa" ao lado da cortina que limitava a cabina e um pouco afastada dos assistentes.

Alguns momentos após iniciados os trabalhos, manifestaram-se os clarões-relâmpagos característicos.

No silêncio e na escuridão surgiu uma figura luminosa de mulher, vestida de tecidos de luzes, ostentando duas belas tranças. Era Scheilla, entidade que na última encarnação animou uma moça alemã.

Nas mãos trazia um aparelho semelhante a uma pedra verde-clara e ao qual se referiu dizendo que era um aparelho ainda desconhecido na Terra, emissor de radioatividade.

Com a presença luminosa do espírito, a sala inundou-se de doce claridade e os presentes podiam ver-se uns aos outros. Sentimo-nos elevados a um mundo de irrealidade e de sonho. Todos os preconceitos humanos esboroavam-se diante de nossos olhos e víamos à nossa frente os primeiros albores de uma nova humanidade redimida e bela.

Fez aplicações com o aparelho em dona Ló.

Eu estava sentado perto de um piano que havia na sala a um metro da cabina.

O espírito, após ter ido lá dentro e voltado sem o aparelho, pegou com as mãos a cadeira do piano, levantando-a no ar de modo que todos pudessem ver, veio para o meio da sala, colocou-a de manso no chão e sentou-se nela, cruzando as pernas.

Estava a meio metro de distância de mim. Tão perto que pude fixar-lhe todos os detalhes.

Quando olhava fixamente os seus tecidos luminosos, círculos de sombras se formavam em minhas retinas, ofuscando-me os olhos.

A simplicidade e a beleza do espírito nos falava das regiões benditas da perfeição e nos levava a meditar na insensatez do mundo e dos homens, agarrados às riquezas da Terra, vibrando nas regiões do ódio, esquecidos de Deus e de Cristo.

A fileira sublime dos cristãos sacrificados em todos os séculos desfilou em nossa mente com um cortejo de heróis eternos detentores da Verdade desde milênios.

Ali estava um habitante do mundo invisível repleto de luz e claridade. Para imitar uma figura daquela seria necessário uma prodigiosa instalação elétrica, que não caberia na pequena sala.

Depois de alguns minutos, levantou-se da cadeira e fez uma belíssima pregação evangélica em que repetia a necessidade urgente de que nos "identificássemos com o Evangelho de Cristo". Com sotaque alemão e voz absolutamente de mulher.

Letreiros luminosos foram apresentados numerosas vezes e todos eles eram "fabricados" em poucos instantes. O espírito pedia a um dos assistentes: "... fulano, diga uma frase curta". E em seguida apresentava a frase pronunciada em caracteres luminosos. O letreiro elevava-se às vezes até o teto e outras vezes era encostado propositadamente no rosto de um assistente que reclamava não estar vendo direito.

Outras entidades se materializaram nessa noite e todas elas luminosas. Em condições tais que seria impossível descrever de tal natureza que supor-se fraude seria loucura. Disfarce de tal espécie é impossível realizar-se. A luz que emana dos espíritos é luz de luar e brota dos tecidos como de uma fonte luminosa.

Sente-se nessa hora a verdade da exposição das mulheres que foram ao túmulo de Jesus e lá encontraram "dois varões de vestes resplandecentes" e do salmo que diz: "estavam vestidos de luz".

III. No Rio

Outra reunião, com o mesmo êxito, se realizou ainda em Belo Horizonte, estando eu presente.

Depois, o médium Peixotinho seguiu para o Rio e eu, que estava morando lá, também segui.

Nossas relações se tornaram mais íntimas e pude assim observá-lo de perto, acompanhando-lhe os passos como um cão de fila. Observava-lhe as menores atitudes, mas jamais verifiquei um só gesto seu para enganar ou ludibriar. Sempre correto, amigo, dedicado, sem subterfúgios ou preparação. Por uma dessas circunstâncias aparentemente inexplicáveis fui elevado ao posto de presidente do Grupo Espírita "André Luiz", sociedade onde trabalha o Peixotinho.

Na relação de seus sócios constam numerosos advogados, comerciantes e professores de curso secundário. A maioria, além de pessoas idôneas, portadora da instrução com que o mundo costuma assinalar os seus valores. Nos limites que a humanidade fixou para o "homem instruído" e sensato estão eles. Capazes de discernir e separar o que é falso do que é verdadeiro. Incapazes de ocultar fraudadores e honestos demais para enganarem-se a si mesmos.

O Centro, que ocupa um salão simples de um velho sobrado da Rua Moncorvo Filho, não tem nada de fantástico, extraordinário, repleto de "alçapões e cenários". Simplicidade é a sua característica. Qualquer pessoa pode a qualquer hora do dia subir as suas escadas e examinar o cômodo, pois está sempre aberto. Não há salas especiais nem saletas escondidas. Admira-se contudo como a Bondade de Deus é sem fim, quando meditamos que ali entre aquelas quatro paredes nuas os fenômenos mais importantes de todos os séculos têm-se realizado. Lembramo-nos do casal Curie trabalhando num velho barracão; de Édison, que iniciou sua vida fazendo experiências em porões escuros: e de Chico Xavier, fonte de luz para o mundo, que se submete cotidianamente ao labor evangélico numa pequena sala onde se amontoam dezenas de pessoas, sentadas em bancos rústicos. Realmente, as claridades para a humanidade surgem da insensatez de alguns que não se deixam vencer pela incredulidade de muitos e pela má vontade de todos. Se os inventores fossem dar ouvidos aos vizinhos, aos parentes e aos conhecidos que riem da sua tentativa de descobrir algo, a humanidade ainda estaria no período da pedra lascada.

Durante muito tempo pude observar e fiscalizar o Grupo "André Luiz". Como seu presidente, tinha oportunidade de ver tudo, fiscalizar tudo, controlar tudo. Não havia pois desculpas nem subterfúgios capazes de me enganarem. Eu não era pois um simples assistente, mas pessoa que dirigia a parte material dos trabalhos. Se alguma coisa houvesse eu deveria ser o primeiro a saber. No entanto, jamais encontrei um indício sequer que me levasse à suposição de que tudo aquilo era fraude. Os ideais mais humanitários servem de bandeira àqueles homens que ali se reúnem em nome de Cristo, renunciando a tudo e sonhando com uma humanidade confraternizada e evoluída. Não são ignorantes nem permanecem na ignorância. Estudam e raciocinam, experimentam e observam; concluem e organizam diretrizes. Dizer que

são cegos, estúpidos e ignorantes é acreditar ingenuamente que só por serem espíritas perderam todas as faculdades e sentidos. Não é possível que um indivíduo seja bom professor durante o dia e um alucinado durante a noite. Bom advogado, capaz de advogar interesses alheios e defender pontos de vista dificílimos e ser vilmente enganado por um homem de pouquíssima cultura, embora de enorme coração, como o Peixotinho. Médico que atende a dezenas de doentes diariamente e idiota e estúpido quando assiste às materializações. Engenheiro positivo, amante da matemática, que não passa para o teorema seguinte sem explicação, e fanático espírita que aceita materializações sem explicação alguma. Por que não se pode admitir que todos esses homens que são bons e sensatos profissionais, pais de família exemplares, sejam capazes de dar um testemunho verdadeiro do que vêem e comprovam?

É porque a maioria não procura a verdade nem se interessa pela verdade, mas deseja apenas satisfazer os seus interesses materiais. Todos sabem que a comprovação material da existência da alma é o problema mais importante para a humanidade. Todas as grandes invenções e descobertas perante a prova provada da existência da alma se tornam infinitamente pequenas. Toda a filosofia humana não tem feito mais do que procurar a alma humana e determinar Deus. E isso se compreende porque é a solução do nosso próprio destino.

No entanto, quando se apresenta o fato real, verdadeiro, ninguém quer saber dele. É natural que assim seja. Os judeus esperavam todos os anos o aparecimento do Messias, imploravam, pediam, sonhavam com Ele. A sua chegada seria a redenção de Israel, mas quando o Messias apareceu de fato, de verdade, eles os crucificaram e não o aceitaram. Nós todos sabemos que a ciência dos cientistas e a medicina dos médicos são precaríssimas. Andam todos na escuridão e a positividade que afirmam existir em seus trabalhos é coisa

em que eles mesmos não acreditam. A prova disso é que quando há doença na família de um médico ele manda chamar um colega. No fundo é porque não acredita verdadeiramente na sua ciência. Se acreditasse não chamaria outro. Usaria a ciência certa e exata que possui. Dirão: a ciência é certa, os seus conhecimentos é que são incertos.

Isso também é possível. Mas o fato é que eles mesmos sabem que a ciência toda do mundo ainda é infinitamente pequena e prodigiosamente cega. Há médicos que se desesperam diante de casos comuns e que têm sido tratados por eles em outros pacientes com êxito durante anos. Basta que haja uma pequena diferença e que o mal não seja vencido dentro de alguns dias. Perdem a confiança em si mesmos e na ciência médica.

Os homens têm o hábito de não admitir como verdade coisa alguma que não seja palpável, tocável. No entanto, a ciência já aceita o hipnotismo e admite a sugestão. Começa a penetrar nos complexos de Freud, que afinal de contas não deixam de ser coisas quase que imaginárias.

O mal do homem consiste em não estudar, observar e experimentar aquilo que admite inicialmente como fantástico e impossível. Tudo é possível, tudo é provável. O Universo e o próprio Homem ainda são territórios inexplorados. Se o problema da gestação humana, que é material em grande parte de seu aspecto, ainda não é conhecido por esse homem que ri das coisas invisíveis, como desejar que ele aceite o mundo invisível?

No Grupo "André Luiz" não havia cegos nem loucos, mas homens honestos, trabalhadores, dedicados ao serviço de seus semelhantes. Ali, pois, penetrei como Aladino no seio da terra. O véu que separa os dois mundos se rasgou de alto a baixo e pude saber então de onde dimana a sabedoria que assombra até hoje a humanidade, de Buda a Sócrates e de Sócrates a Cristo.

Vi que o nosso mundo não roda no espaço solitário e abandonado de Deus, mas confunde-se na comunhão de milhões de seres que vivem nas ondas universais como centelhas divinas em busca do seu Criador.

IV. Outra Reunião

Em outra reunião no "André Luiz" tive oportunidade de continuar as observações precedentes.

Nessa reunião realizava-se a operação de apêndice da srta. Laís Teixeira Dias.

Iniciados os trabalhos, manifestaram-se numerosas entidades, que se revezaram no auxílio aos doentes que se dispunham em camas pelo recinto. Junto à cabina, deitada, estava Laís que viera com infinita dificuldade para se submeter à operação. Arrastando-se, esse é o termo, deitara-se no leito.

As figuras luminosas do Além iam e vinham como flores de luz, enchendo com a beleza de sua presença o velho salão. Parecia-nos que um pedaço dourado do firmamento fora arrancado e atirado no meio de nós.

Entidade de clarão tão forte, que atingia os pontos mais distantes da sala, aproximou-se de Laís e depois de certo tempo voltou-se para nós, trazendo nas mãos uma faixa luminosa, de cor verde-clara. Chegando-se à Lenice, irmã de Laís, e quartanista de medicina, abriu a faixa e mostrou-lhe um ponto de luz vermelha no meio da faixa, explicando:

— Este é o apêndice dela. Fluidificamo-lo e o retiramos.

Lenice então pediu-lhe:

— Não poderia o irmão materializar esse apêndice para que nós o víssemos como ele é?

O espírito afirmou que sim.

Com gesto rápido fechou a faixa sobre o ponto luminoso e abriu-a instantaneamente, apresentando no lugar do ponto luminoso vermelho, um apêndice de carne em péssimo estado. Afastou-se com ele.

Depois voltou ao recinto travando uma palestra técnica sobre assunto de medicina, ministrando a Lenice uma verdadeira aula, mostrando as diferenças entre a Alopatia e a Homeopatia. Numerosos outros fatos significativos se deram nessa reunião, mas essa para mim foi o mais importante.

A reunião realizara-se em um sábado; na quinta-feira seguinte Laís fazia um discurso no "André Luiz", com voz estentórica e falando tão alto e tão bem como eu nunca a ouvira falar. Andava perfeitamente, normal, e dizia que todas as dores desapareceram completamente após aquela noite.

Como pois duvidar de que alguma coisa de extraordinário se processara no seu interior? Até hoje as dores não voltaram mais e tudo desapareceu como por encanto. Já faz longos meses. É possível que fôssemos enganados, mas será que uma simples mistificação eliminaria dores e apêndice? Se assim é, seria o caso de se considerar a mistificação como de ação profundamente terapêutica e elevá-la à situação de ótimo tratamento médico.

Não é possível que a sugestão dure tanto tempo e se a sugestão eliminasse órgãos e partes de órgãos dessa maneira, também seria considerável o serviço que poderia prestar à causa humana. A realidade é que as forças disseminadas na natureza e as energias "ocultas" são uma verdade incontestável. Acredita o homem, porém, na sua ingenuidade ou na sua perversidade que só o que a ciência comum

afirma é verdadeiro. Seria inútil relatar as "burradas" da ciência e dos cientistas, assim como os vereditos das academias com respeito a trabalhos de homens desprezados pela sua época e exaltados pela posteridade. Raríssimos são os gênios que foram aceitos pela humanidade quando vivos. Poucos os que mereceram a consideração e o respeito contemporâneos. É conhecida a atitude de Leonardo da Vinci deixando gravado em código para o futuro as descobertas formidáveis que havia feito. Desprezado e perseguido pelos homens ignorantes, enfeixou num livro incompreensível as maiores conquistas do nosso tempo.

O mundo riu estupidamente de Pasteur e ninguém riu mais dele do que os médicos do seu tempo. Assim como o mundo dos espíritos que o Espiritismo apresenta agora, Pasteur apresentava também um mundo invisível, mas real: o mundo dos micróbios e dos infinitamente pequenos. Mas a superioridade dos médicos é o que conduz a humanidade à cegueira e à intolerância da maioria dos sacerdotes que, pregadores de um Deus vivo e invisível, deveriam acatar com respeito as revelações do Além.

O homem que vive na Dúvida e na Descrença nega-se a conceber e aceita a realidade da existência após a morte e no entanto diz-se imortalista e defensor da existência da alma. Despreza-se o Espiritismo, mas procura-se criar uma psicologia que o substitua. Afinal de contas isso é inveja ou o que é?

Não se sabe explicar. E fica-se assombrado quando se negam não as idéias, mas os fatos, o que é absurdo.

Quem leu o livro "No Invisível", do Cardeal Lepicier, e assistiu a verdadeiras reuniões espíritas fica admirado diante da ignorância ou má fé do Cardeal. Tem-se a impressão que ele viu tudo,menos sessão espírita. Infelizmente, a maioria dos homens não discute a respeito da verdade com o intuito de encontrá-la, mas com a intenção de defender interesses particularistas, pessoais, ou em benefício de determinada classe.

Diante de reuniões como essa, contudo, adquire-se a certeza de que a humanidade vive os seus últimos séculos de hipocrisia e maldade e ascende para as claridades de um mundo redimido onde a verdade resplandecerá como um sol e a virtude brilhará como uma estrela.

V. Um Aparelho Estranho

Certa noite, reunidos no "André Luiz", sob a impressão de encantamento que nos enchia os corações, assistíamos à entrada e saída de entidades luminosas que vinham aliviar o sofrimento dos doentes que lá se enfileiravam.

Como sempre, derramavam a luz dos tecidos das vestimentas que usavam. Mais de vinte e cinco pessoas, idôneas e responsáveis, estavam ali comprovando a comunhão maravilhosa dos Espíritos eternos com os homens, também eternos viajantes do Infinito. Ninguém parecia estar alucinado ou ter por um momento sequer perdido as faculdades da visão, da audição ou da memória. Normalíssimos. Senhores de todos os sentidos e capazes de raciocínios elevados, pois que de quando em quando um dos presentes fazia breve comentários, a propósito de assunto apresentado por entidade espiritual.

Harmonia, calma e razão, eis os elementos primordiais que compunham a assembléia. Homens honestos e sinceros ali estavam dispostos ao trabalho laborioso, é verdade, de ajudar ao próximo desvendando os mistérios da Vida. De quantos séculos estava aquele pequeno grupo de homens adiantado de seu século pela contemplação de um mundo desconhecido para talvez 99,9% da humanidade?

Não sabemos dizer. Mas podemos afirmar que todos estavam conscientes de seus deveres, certos agora de que não passavam de míseras criaturas diante do Universo infinitamente grande, ao mesmo tempo que se sentiam centelhas eternas e imortais, nascendo e renascendo nos vales das trevas em busca da luz; nos antros de dor em busca da paz; nas regiões da confusão sem fim em busca da calma e da iluminação.

Ali dentro, Cristo reinava como o Supremo Embaixador de Deus. Todos tinham a certeza das suas palavras perenes: **Eu sou a porta... ninguém vai ao Pai a não ser por mim.**

Estávamos diante das portas do Infinito. Novas concepções brotavam em nossas mentes e uma nova esperança renascia dos escombros...

Ficávamos a pensar nos grandes poetas que abandonaram o mundo pela porta do suicídio, descrentes de tudo, certos de que iam mergulhar no nada, no não-ser.

Triste e pobre filosofia humana! A propósito de descobrir a verdade universal aniquila a certeza da nossa continuação eterna. A vaidade e o orgulho são as barreiras para os sábios que se esqueceram de Deus.

• • •

Enquanto deixávamos o pensamento voar como uma água de asas espalmadas, uma entidade resplandecente aproximou-se de uma senhora e colocou-lhe no peito um aparelho estranho; parecia um bolo feito numa forma semelhante à concavidade de um prato fundo, portanto quase um disco, gelatinoso, de cor verde-clara, e transparente.

Colocou o estranho aparelho no peito da senhora e como por um passe de mágica pudemos ver-lhe o interior do corpo como se contemplássemos peixes em um aquário; lá

dentro palpitava o coração, viviam os pulmões e corria o sangue nas artérias e nas veias.

Via-se tudo com perfeita nitidez.

Ainda não voltáramos de nosso assombro, quando a entidade mergulhou uma das mãos através do aparelho, ficando parte da mão no interior do corpo da senhora e o resto para fora. Em gestos compassados, o espírito retirava a mão e tornava a mergulhá-la. De cada vez que retirava trazia nos dedos certa matéria escura que lançava no ambiente e se dissolvia.

O espetáculo durou por longos minutos.

Verificamos ali a realidade das descrições recebidas por Francisco Cândido Xavier e ditadas por André Luiz em seus livros.

O mundo espiritual dispõe de aparelhos completamente desconhecidos na Terra, capazes de trazer a retificação física aos corpos doentes. Se não o fazem em maior escala é por culpa nossa que acreditamos que somente a nossa ciência precária poderá salvar o homem.

Por nossa culpa, que julgamos que o mundo além da morte é mundo vazio, sem organização e sem recurso. As religiões intolerantes que se julgam as únicas salvadoras do homem criaram a **mentalidade infantil da humanidade terrestre,** presa ao egoísmo e à dor. Supõem que tudo é mentira, atendendo aos interesses de indivíduos que como disse Jesus: "Nem entram e nem deixam os outros entrarem".

Tornaram-se por si mesmos guardadores das portas do Céu e consideram-se os únicos credenciados para enviar consciências ao Altíssimo.

Por que somente alguns são os detentores da Verdade? A Verdade pertence a todos. Não há exclusividade. É necessário apenas procurá-la com sinceridade e destemor. A única religião digna é a religião do bem. A religião daqueles

que amparam e servem sem esperar recompensa, pertençam eles a qualquer credo, a qualquer crença. Tanto se salva o católico que põe acima de tudo a prática das verdades evangélicas como o protestante e o espírita que vivem para o bem, para a verdade e para a renúncia. No Céu não há divisões como na Terra. O passaporte, porém, é um só: o passaporte da caridade exercida com sacrifícios e com sofrimentos, com angústias e com lutas interiores. "Ninguém espere um céu que não construiu para si mesmo", nos ensina brilhantemente Emmanuel.

Quem será capaz de dizer que a ciência comum já conhece e possui o aparelho que acabamos de descrever? Um simples disco gelatinoso que, colocado sobre uma parte do corpo, o torna transparente?

Um aparelho desses é um perfeito raios-X e não há na Terra, que eu saiba, raios-X sem instalação elétrica.

Como fazer essa instalação ali sem que ninguém tomasse conhecimento? E o mergulho da mão através do disco de gelatina?

Sente-se diante desses fatos irrefutáveis que o mundo caminha para a gloriosa etapa da ressurreição e da vida. Esperemos o amanhã como quem espera o dia após a noite, e a aurora após a tormenta tenebrosa.

Cristo ressurge para o mundo na promessa maravilhosa do Consolador.

VI. A Noite dos Cravos

O recinto boiava em completa escuridão. Mergulhados na sombra, ouvíamos os hinos e os cantos sinceros dos assistentes que elevavam o pensamento ao Criador, Senhor dos Mundos e Ordenador da Vida Universal. As entidades luminosas apareciam no recinto munidas de aparelhos estranhos que eram aplicados nos doentes que se alinhavam nas camas. De quando em quando, clarões luminosos cortavam a escuridão como relâmpagos e por um momento iluminavam a todos.

Nessa noite tínhamos em nossa companhia três pessoas de projeção do cenário espírita da Argentina e que vieram ao Rio de Janeiro assistir ao Congresso Espírita Sul-Americano. Entre eles o Sr. Dr. Luís Postiglioni.

Através de um companheiro nosso, pediram permissão para assistir aos trabalhos. Em reunião à parte lhes foi concedida pelos espíritos a permissão desejada.

Ali estavam, pois, pela primeira vez, em contato com o "mundo invisível", tantas vezes negado pelas religiões, pela medicina e pela ciência oficial. As religiões, que se esquecem que elas só poderão viver apoiadas na certeza da vida imortal e eterna.

Medicina, que se esquece que Esculápio se deitava e adormecia para conversar com seu gênio familiar, quando consultado a respeito de doença que não sabia curar.

Ciência, que se esquece que todas as suas conquistas mais belas estão no mundo invisível que brotam as forças mais poderosas de nosso tempo.

Como fechar os olhos àquilo que se passa à nossa frente de maneira irrefutável? Seria o mesmo que negar a ação do rádio que queimasse as nossas mãos. A humanidade porém não se preocupa com argumentos e fatos. Ela que não sabe explicar noventa e nove por cento dos fenômenos da vida, nega-se a aceitar esses também por puro espírito de negação. Ela que recusou o Cristo pode recusar tudo o mais.

É verdade que deve assistir-lhe o direito de negar. O que porém nos assombra é a coragem de certos escritores que se aventuram a tratar do assunto sem nunca ter feito experiência alguma. Desejam contrapor a sua opinião, acreditando-se credenciados apenas porque escrevem bem, à opinião de homens que só escreveram alguma coisa após muitos anos de observação paciente e demorada. São os químicos que não estudaram química, os físicos que não aprenderam física. Supõem-se capazes de falar de tudo com autoridade. Nesse ponto, no entanto, não podem ter autoridade alguma. Desde que não apresentem experiências pessoais idôneas, não têm o direito de se arvorar em críticos daqueles que consumiram uma vida, muitas vezes, no **estudo experimental** dos fenômenos.

Quem se aventura, portanto, a expor opiniões sem base experimental está, no fundo, atraiçoando a raça humana, que confia na sua palavra de homem honesto e honrado que deveria ser.

Não basta saber escrever, é preciso ter visto, ouvido, tocado e sentido de perto para não conduzirmos os homens por caminhos tortuosos da inconsciência e do mal.

• • •

Nessa noite, pois, pudemos sentir emocionados as impressões profundas que o contato com os espíritos, trazendo aos homens a prova material da sua continuação perene, causaram naqueles que os vêem pela primeira vez. O Dr. Luís Postiglioni conversou com o espírito de José Grosso, que em altas vozes veio trazer-lhes as saudações do mundo espiritual.

O Dr. Postiglioni dirigiu-lhe então algumas palavras poéticas ao que José Grosso replicou imediatamente, improvisando algumas quadras que reproduziam trechos do que lhe dissera o visitante. Era uma prova evidente do improviso. Não foram quadras preparadas com antecedência, porque reproduziam o pensamento do visitante e às vezes se viam pedaços de frases que foram transformadas em versos.

Os argentinos regozijaram-se e diante da novidade que lhes oferecia o espírito, o doutor continuou durante algum tempo numa espécie de desafio amigável, que demonstrava a inteligência viva do espírito e a sua vivacidade. Decorria a sessão com o Zé Grosso em ambiente de alegria sã. Nada de tumular ou tétrico. O espírito conversava com pessoa viva, integrada em nosso mundo. Dizia expressões "brincalhonas", "bolindo" com um ou com outro.

A reunião já se avizinhava de seu fim, quando surgiu o espírito de Scheilla materializado, que fez breve preleção e anunciou que iria distribuir cravos frescos aos assistentes: cravos vermelhos para os homens e cravos brancos para as mulheres.

Havia cerca de trinta pessoas mais ou menos. Os homens e as mulheres sentaram-se misturados, isto é, sem prévia separação. Em plena escuridão não se saberia dizer onde estavam os homens e onde as mulheres, pois sentados em fila alternavam-se por acaso.

E foi o que os espíritos fizeram. Todas as luzes se apagaram. Os tecidos luminosos dos espíritos deixaram de ser

vistos e em completa escuridão começou a ser feita a distribuição dos cravos, no mais absoluto silêncio.

O perfume das flores inundou o ambiente.

Todos receberam um cravo e ninguém saberia dizer qual a cor do seu. Apenas percebíamos a passagem do espírito que ia deixando um cravo nas mãos de cada um.

Zé Grosso participou aos argentinos que fizera "uma luva de parafina" e que dava de presente a eles. O que de fato foi encontrado no fim dos trabalhos.

Encerrados estes, acesas as luzes, todos verificaram, admirados e contentes, que os espíritos não se enganaram; cada mulher recebera um cravo branco e cada homem recebera um cravo vermelho.

É uma prova de que os espíritos enxergam no escuro e que a sua visão é bem diferente da nossa. Será possível que um homem não se enganaria, já não digo totalmente, mas ao menos com referência a uma pessoa somente na distribuição?

Essa é a parte física da reunião, e o que dizer da parte intelectual? Conselhos absolutamente de acordo com o Evangelho de Cristo foram dados a todos e ensinamentos da mais alta moral que se possa encontrar na Terra foram ministrados. Afirmar que a ciência espírita é arte do demônio é, na minha opinião, atestado de ignorância ou então um meio de se afastar a humanidade de um caminho que só poderá levá-la a pontos mais altos de compreensão e progresso. O que ela apresenta são fatos, fatos e mais fatos.

Não se esconde absolutamente, apenas, num corpo de doutrina ou num sistema filosófico. Neguem mas estudem, observem, experimentem. Negar sem fazer o resto é supor que a humanidade só se compõe de tolos. Sabemos que todos os inventores têm sido mais ou menos acusados, no correr do tempo, de emissários do demônio. E isso aconteceu até com um padre, nosso patrício, o Padre Bartolomeu de Gusmão, pioneiro da aviação.

VII. Dois Espíritos Materializados

Como sempre, naquela noite estávamos em contato com as entidades luminosas do Além.

A atividade era a mesma: aliviar os que sofrem e amparar os que descrêem. O vale sombrio do mundo abria-se para nós em jorros de luz e esperança. Novas claridades vinham saudar os homens e dizer-lhes da realidade da vida além do túmulo. Recordar-lhes que a vida humana não é senão a conta de um rosário que possui contas infinitas.

Apareceu-nos, entre numerosas entidades, o poeta português João de Deus. Não vimos porém o seu rosto. Afagou-me numa das vezes em que distribuía afago a todos, com infinita ternura. Senti, contudo, nesse seu afago, quando passava a mão em meus cabelos, que numerosas vidas nos uniam e que laços milenares nos ligavam.

Como era sublime o reencontro de seres que nascem e renascem ao perpassar dos séculos! Figuras desaparecidas ressurgem plenas de vida imortal. Percebe-se então a Grandeza Divina que permite que nos lancemos nos abismos em busca de luz e da iluminação como mergulhadores dos mares do Oriente em busca de pérolas.

A recompensa ao **esforço continuado** como lei inexorável. Compreende-se então que Deus nem castiga nem premia, mas através de suas leis certas e justas possibilita aos seres ascender ou estacionar. Cada gesto no caminho do bem determina uma "modificação física" do próprio ser para melhor. Cada gesto no caminho do mal determina também uma "modificação física" do próprio ser para pior. Estaciona-se ou caminha-se para a frente. E alguns até descem e se precipitam em estados inferiores de consciência. Compreende-se então que a ignorância humana é ilimitada e o seu orgulho não tem fim. Sente-se no entanto que a partícula cheia de lama que somos nós pode todavia se tornar brilhante como uma estrela. O contato com os espíritos desperta na mente do homem as idéias da sua grandiosidade e da justa posição que ocupa no universo. Sabe-se que não somos nada atualmente, mas tem-se a certeza que seremos muita coisa no futuro. Lembramo-nos então das palavras de Cristo: "Vós sois deuses" e as compreendemos.

E mais ainda, entendemos a sua expressão: "A ciência dos sábios será confundida".

E a verdade inevitável é esta; ou a ciência humana aceita o Espiritismo e o estuda ou haverá um dia em que ela se sentirá só e ridicularizada. Porque os fenômenos espíritas são fenômenos físicos e passíveis de medida, pesagem e contagem. É apenas questão de tempo a sua repetição no momento que se desejar.

Os médiuns de materialização se multiplicarão e a negação sistemática terá que cair diante dos fatos irrefutáveis.

Os **cientistas** não poderão rir sempre: chegará um instante em que terão que **desmentir** com fatos, contra fatos, e não com palavras.

É impressionante a displicência dos homens de ciência diante do que está se passando nas sessões de materializações atualmente e mesmo ainda contra a opinião de mais de cinqüenta nomes respeitáveis no mundo, como cientistas.

Nomes que aceitaram os fenômenos espíritas, escreveram a respeito dos fenômenos espíritas e dedicaram longos anos de sua vida a eles.

• • •

João de Deus improvisou para a assistência estrofes cheias de ternura e no estilo inconfundível com que se imortalizou na literatura.

Revista para nós a inteligência viva e as expressões ingênuas de seus versos imortais. Falava-nos agora das esperanças de uma vida mais alta e mais bela. Retirando-se porém, eis que nos esperava uma notável surpresa. Apareceu-nos o espírito de Zé Grosso em sua estatura gigante de caboclo nordestino, trazendo pela mão uma figurinha iluminada de criança que era o espírito materializado de minha filha Heleninha.

Ambos percorreram a sala e vieram-se colocar à minha frente. Eu podia ver, à distância de vinte centímetros, os dois de pé. A criança contemplou-me silenciosa e o Zé Grosso brincou comigo:

— Viu o presente que eu trouxe para você?

Depois riu alto e se retirou.

A criança não teria mais que meio metro de altura e o Zé Grosso deve ter quase um metro e noventa. Estes os espíritos.

Quanto ao médium Peixotinho não possui mais que um metro e sessenta.

• • •

CONCLUSÃO

Dentro do Grupo não havia criança alguma assistindo à reunião. O Peixotinho não trouxe criança.

Como, pois, supondo-se que fosse mistificação, poderia ele se apresentar aos meus olhos e aos olhos de todos ao **mesmo tempo** como um gigante de um metro e noventa de altura e uma criança luminosa de cinqüenta centímetros? Ambos fluorescentes como lâmpadas humanas?

Estavam de mão dadas e caminhavam juntos.

Ouvia-se o rinchar forte das botinas grosseiras do Zé Grosso e a vozinha fina da criança quando se dirigia a alguém.

Eis um fato para aqueles que acreditam que nas reuniões espíritas só acontecem coisas capazes de enganar os ignorantes e os tolos.

VIII. A Noite da Transfiguração

Jesus, embora fosse o Filho de Deus, ou melhor, um dos Filhos de Deus, teve oportunidade uma vez de dizer a seus discípulos que eles o igualariam na realização dos fatos considerados fora do natural, além dos limites das possibilidades humanas.

Foi na passagem memorável em que exclama: "Vós podeis fazer o que eu faço e muito mais ainda."

Afirmação essa que expunha a lei do aperfeiçoamento e do progresso espiritual e moral como dependentes apenas da boa vontade humana.

As portas dos céus e os seus tesouros estavam abertos aos discípulos que quisessem atingi-los. Ele não se considerava o único privilegiado. E muitos de seus discípulos realizaram realmente fatos e "milagres" semelhantes aos que o Mestre realizara.

Paulo deu vida novamente ao rapaz que caíra de uma janela num dia de pregação evangélica.

Pedro curou o paralítico da Porta Formosa no Templo de Jerusalém; Filipe transportou-se através do espaço após uma conversa na estrada com o eunuco. Com suas mãos misericordiosas todos os discípulos aliviaram as dores alheias e ampararam os que sofrem; expulsaram espíritos das trevas e deram luz aos cegos. Não houve privilégio.

Jesus prometeu e cumpriu.

"Podeis fazer o que eu faço e mais ainda."

No Grupo "André Luiz", nós tivemos algumas noites maravilhosas que lembravam profundamente a grandeza dos primeiros tempos do Cristianismo. Verdadeiros anjos andaram no nosso meio e a verdade da transfiguração do Cristo nos apareceu como verdade incontestável.

Certa noite, após uma série empolgante de aparições luminosas, de gracejos espetaculares do Zé Grosso, em prosa e verso, de discursos notáveis de espíritos materializados, de provas formidáveis da sobrevivência, nos esperava uma grandiosa surpresa.

Ia a reunião em meio, quando uma das entidades que fiscalizavam e guardavam o médium, dirigindo-se à assistência, convidou-me a mim e à srta. Lenice Teixeira Dias para irmos os dois até à cabina onde estava o médium. Disse-nos que observássemos tudo rigorosamente e depois contássemos aos companheiros o que tínhamos visto.

Lenice, como estava escuro, conduziu-me pela mão até o interior da cabina.

Ao penetrarmos nela quedamos admirados diante de um espetáculo grandioso. Deitado na cama em nossa frente estava o médium Peixotinho como se estivesse morto.

O seu corpo porém estava **todo iluminado interiormente:** víamos a superfície de suas mãos, braços e barriga, embora estivesse vestido de pijama, como se fosse de vidro e dois ou três centímetros abaixo, interiormente, dessa superfície, luminosidade igual à do vaga-lume, saindo de dentro para fora.

Na região do plexo solar a luz era intensíssima e nas mãos notavam-se os clarões verdes interiores. Transformara-se a cabina numa doce claridade de luar.

Ordenou-nos uma voz forte de espírito que pegássemos no médium e o examinássemos. Tomei as suas mãos e examinei-as de perto, observando detidamente a luz interior. Esfreguei-as com força e demoradamente para ver se a luz saía, desaparecia ou passava para as minhas mãos, caso fosse tinta fosforescente, mas não havia dúvida,não só não consegui nada, como a superfície semelhante ao vidro acima da luz, que se esparramava por dentro da carne, era um fato incontestável. Na barriga, o mesmo fenômeno.

A Lenice também submeteu-o a experiências. Saímos da cabina, e depois de nós, mais seis pessoas presentes, em grupos sucessivos de dois, entraram na cabina e verificaram o fenômeno. Dizem os que entraram por último que por fim a luz estava já esmaecendo e o médium se tornava de novo opaco.

A importância desse fenômeno impede que descrevamos qualquer outro acontecido nessa noite. Já não estávamos diante de um espírito do outro mundo, mas perante um amigo nosso, comum, simples, e que ali naquela cabina nos mostrara a sua alma iluminada. Vimos-lhe o espírito luminoso dentro do corpo como a outra forma eterna que o anima e o conduz.

Diante disso, perguntamos aos céticos, àqueles que não crêem e duvidam, que organização elétrica seria necessária para realizar um fenômeno dessa natureza e será que seria realizado?

Não cremos. Para iluminar um homem interiormente da maneira que nós o vimos, ainda não há na Terra aparelho capaz de fazê-lo.

Mais uma vez as promessas do Cristo surgiram a nossos olhos como a Verdade Sublime e Luminosa d'Aquele que sabia o que dizia e o que queria. A transfiguração de Cristo foi um fenômeno **físico** e **real** e não está fora dos limites das possibilidades humanas.

Peixotinho não é um Cristo, mas apenas um médium de materialização e não se ilumina sozinho como Cristo o fazia mas os espíritos realizam o fenômeno, estando ele inconsciente, talvez para que nós pudéssemos clamar aos homens de todas as latitudes: a alma é imortal, eterna viajante do Infinito em busca de Luz e Vida Superior. Infelizes daqueles que, descrendo, se mergulham cada vez mais na desilusão e na tormenta.

IX. A Mão e o Pé de Heleninha(*)

Por um desses "acasos" a que a maioria dos homens não dá importância, nunca tiramos um retrato de nossa filha Heleninha quando estava na Terra. Apesar de ser uma criança de beleza excepcional e de inteligência que já nos primeiros anos denunciava um gênio, esquecíamo-nos de fotografá-la o que é de estranhar por ser ela naquela ocasião filha única.

É comum os pais fazerem um álbum especial do primeiro filho ou mesmo colecionar fotografias com amor e carinho. Amávamos muito nossa filha, mas hoje é que verifico o fato impressionante: não nos lembrávamos de fotografá-la. Apenas uma única vez foi fotografada e a fotografia levada por minha sogra que se fotografou junto com ela.

O retrato ficou com minha sogra e após a sua morte, mais um motivo para que ela não permitisse que tivéssemos uma reprodução conosco para não trazer à minha esposa recordações que a fizessem sofrer.

Esqueceu-se assim a fotografia, que ficou perdida no meio de papéis velhos.

(*) Vide Fotos ns. 4 e 5, na página 56.

Peixotinho nunca foi à casa de minha sogra, não a conhecia, nem viu jamais fotografia de minha filha e nem sequer lhe fizemos qualquer descrição. Sobre ela, portanto, para o médium, reinava a ignorância completa. Nem idade, nem o tamanho, nem o tipo lhe foram revelados. No Rio de Janeiro, então, ninguém sabia dizer nada a respeito dela, porque, como já dissemos, desencarnara em Belo Horizonte.

Assim, tivemos agradável surpresa quando uma noite no "André Luiz", depois de uma reunião movimentada, o Zé Grosso nos disse:

— Ranieri, **ela** fez um pezinho e uma luva para você. Adivinhe de quem é?

A assistência não sabia de que se tratava, mas eu sabia.

Naturalmente, o leitor acostumado com fatos psíquicos sabe como se fazem as luvas das mãos e dos pés dos espíritos materializados. Para aqueles que não conhecem, vamos explicar.

Nas reuniões de materializações, geralmente, os espíritos pedem que deixem duas latas de mais ou menos 20 quilos da seguinte maneira: uma cheia de parafina dissolvida e fervente, sobre um fogareiro aceso, a elevada temperatura. A parafina líquida permanece uma temperatura de 80, 90, 100 e mais graus centígrados. Se alguém colocar a mão dentro dessa parafina ficará de imediato queimado gravemente. A outra lata colocada ao lado, pedem os espíritos que se encha de água fria. Aliás, ambas ficam cheias até às bordas.

Enquanto os trabalhos prosseguem, da assistência se ouve ferver e espoucar a parafina em ebulição. O fogareiro não se apaga.

O espírito materializado para realizar o trabalho de confecção das luvas ou mãos ou pés, aproxima-se das latas e mergulha no líquido de parafina fervente o membro que deseja reproduzir em cera. Por exemplo, a mão. Esta fica im-

pregnada de parafina que se cola na mão. Do mesmo modo que se fritam ovos, derramando a gordura sobre os mesmos, o espírito com a outra mão vai derramando parafina líquida sobre a primeira mão já recoberta com a camada inicial. Quando julga que a luva está como deseja, mergulha a mão recoberta de parafina fervente na água fria e, nesse momento, desmaterializa a mão espiritual, que desaparece, deixando dentro d'água apenas a luva de parafina. Esse é o método mais comum.

Se enchermos a luva assim fabricada com gesso molhado, fica a reprodução fiel de mão humana notando-se todas as linhas originais e até os cabelos e os poros da pele. Absolutamente idêntica à mão humana que viera na Terra. De um modo geral, porém, se reconhece logo à primeira vista o seu dono pela própria luva. Foi o que aconteceu com a mão e o pezinho prometidos por Zé Grosso.

Ao terminar a reunião, penetramos na cabina e lá estavam entre outras peças de parafina de outros espíritos, especialmente, uma enorme luva da mão do gigante Zé Grosso, as luvinhas minúsculas e perfeitas, absolutamente iguais às mãos que eu apertara com amor em minha casa e aos pés que eu calçava com carinho de pai.(*)

Um pé e uma mão de Heleninha reproduzidos em parafina com grandiosa perfeição! Eram aquela mão e aquele pé de criança de um ano e oito meses, com as mesmas curvas, as mesmas dobras, os mesmos dedinhos. Marca incontestável da sobrevivência espiritual.

Exatos, fiéis, perfeitos.

As luvas feitas pelos espíritos são inteiriças, não apresentam emendas. Reproduzem todos os sinais que haja no membro.(**)

(*) Vide Fotos ns. 4 e 5, na página 56.

(**) Vide Fotos ns. 6 a 15 nas páginas 57 a 61.

Não se partem quando o espírito retira a mão ou pé, o que deveria acontecer por serem o pulso e o tornozelo mais estreitos que o "corpo da mão" ou o "corpo do pé". Na retirada, forçosamente teriam que se partir.

Finalmente, qual o homem que suportaria mergulhar a mão numa lata de parafina fervendo de 80 a 100 graus?

Mais importante ainda: como iria o Peixotinho, se fosse ele enganador, mistificar, conseguir fazer uma peça que coincidisse ponto por ponto, sem erro, com as características dos pés e mãos de minha filha? E o tamanho e a idade?

Para uma prova da verdadeira reprodução, nessa prova notável de identidade espiritual, dos pés e mãos de minha filha, levei-os para casa e chegando lá, sem dizer nada a ninguém, abri o embrulho e disse:

— Vejam o trabalho interessante que os espíritos fizeram na reunião.

Estavam presentes minha esposa, meu sogro, minha sogra e meus cunhados, todos reunidos na sala.

Nesse momento houve uma exclamação geral, uníssona, de admiração e alegria.

— Esses são o pé e a mão de Heleninha? Olhem até a maneira que ela possuía de ficar sempre com esses dois dedos juntos!

Eu não insinuara nada. Não dissera nada que pudesse revelar o proprietário das luvas. Mas a verdade impoluta ali estava para convencer a todos que os mortos não são mortos e voltam dos umbrais da morte para pregar aos vivos a beleza da ressurreição.

Cristo trouxe aos homens a Sua Mensagem, mas o Cristianismo só começou a existir no momento da Ressurreição. Os discípulos dispersos só continuaram a luta depois que O viram no fato mediúnico da materialização e era por

isso que eles possuíam a energia necessária para morrer heroicamente no Circo de Roma. Poderiam eles negar que O tinham visto depois de ter morrido na Cruz?

Fotografias de peças em gesso, de luvas em parafina e de pedras transportadas pelos espíritos. Trabalhos realizados no ANDRÉ LUIZ com o concurso da mediunidade de efeitos físicos de Peixotinho.

Todas essas peças podem ser vistas no pequeno museu do André Luiz no Rio de Janeiro.

Foto 1
O médium de materialização
Francisco Lins Peixoto ou "Peixotinho".

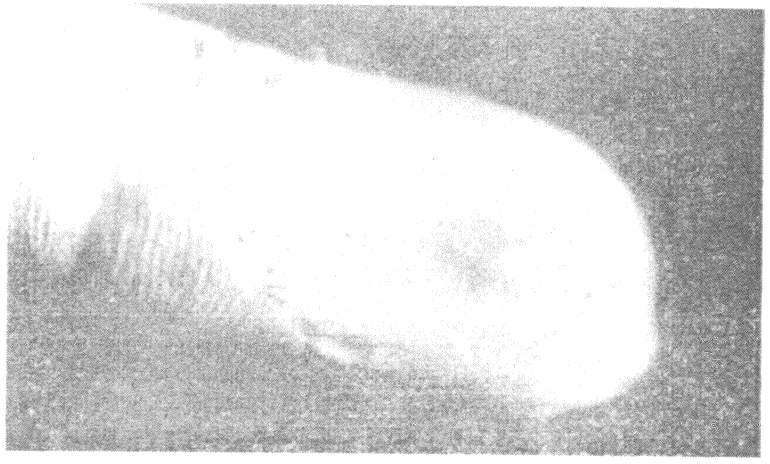


Foto 2
Notável fotografia de um dedo de uma das mãos em gesso apresentadas neste livro, feita segundo modelo de uma luva em parafina executada por espírito materializado. Nesse dedo se vê perfeitamente a impressão digital do espírito.

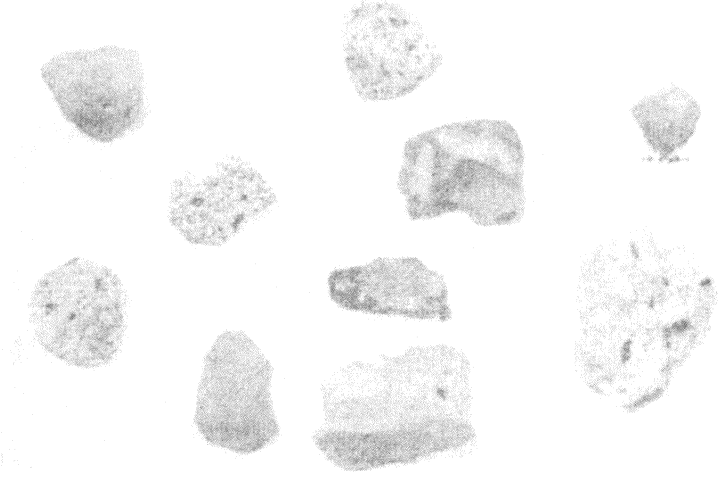


Foto 3
Pedras transportadas do exterior para o interior do grupo André Luiz, em sessão de materialização, estando o recinto absolutamente fechado.

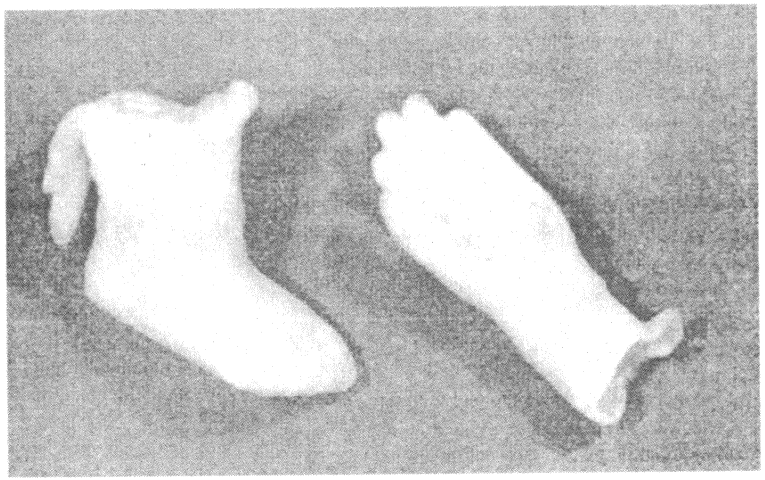


Foto 4 (primeira posição)
A mão e o pé do espírito **Heleninha**, luvas de parafina feitas em sessão de materialização do grupo **André Luiz**, com o concurso da mediunidade de Peixotinho.

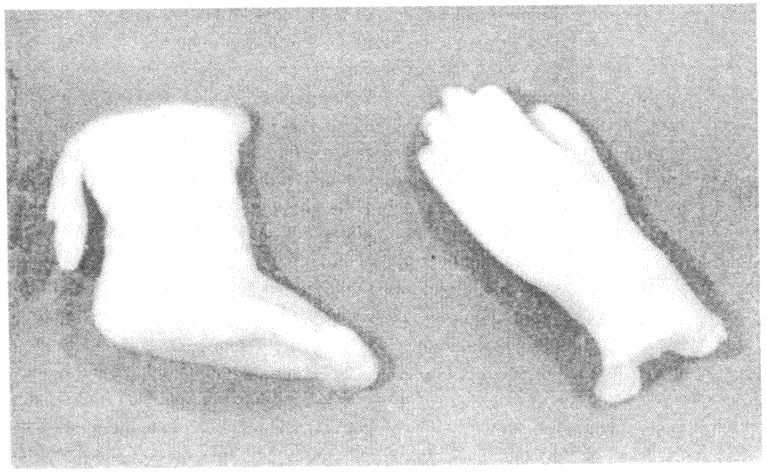


Foto 5 (segunda posição)
A mão e o pé do espírito **Heleninha**.

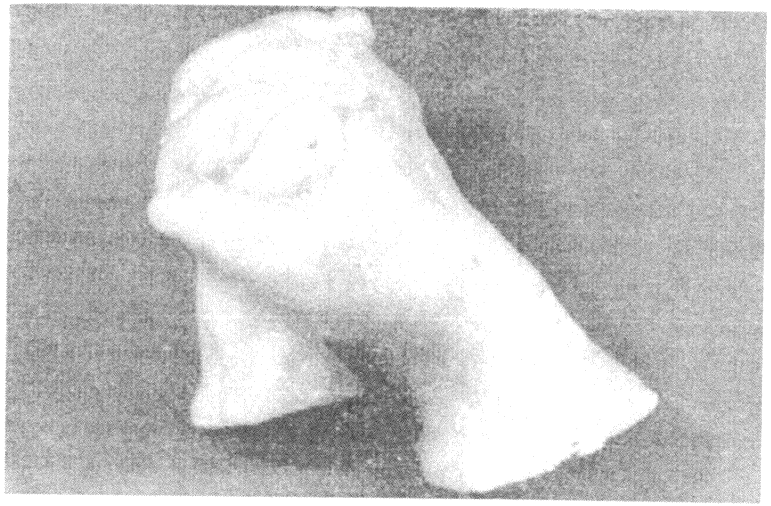


Foto 6
As mãos do espírito José Grosso exprimindo um gesto de fraternidade (Luvas de Parafina).

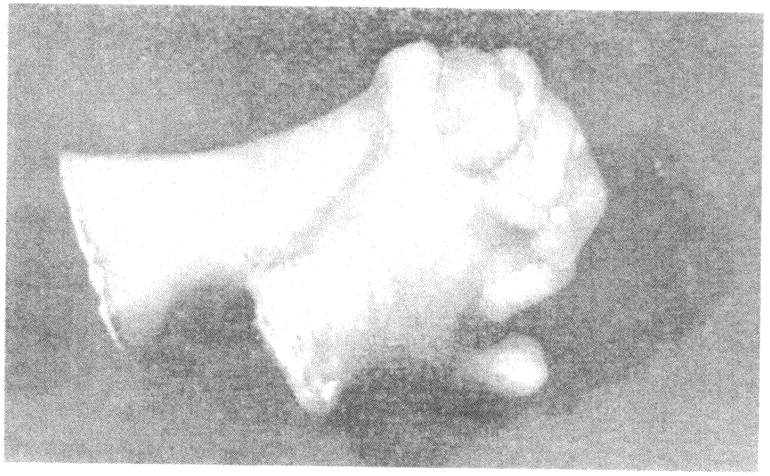


Foto 7
As mãos do espírito José Grosso (Luvas de Parafina).

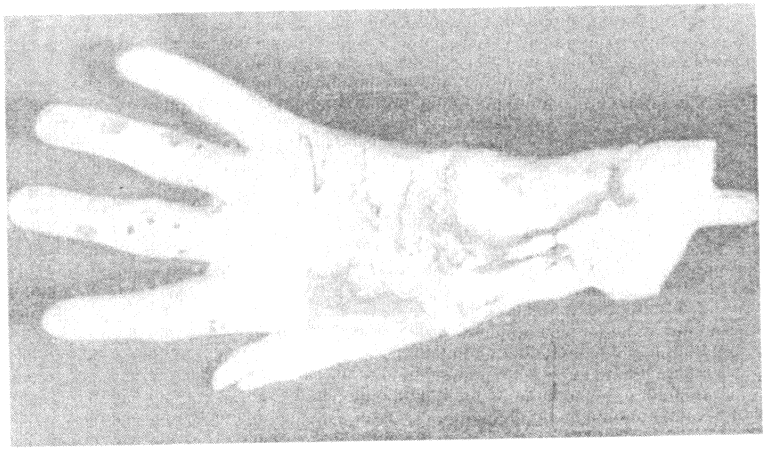


Foto 8 — Costa da Mão
Mão de um espírito — Peça em gesso feita num modelo de luva de parafina. A luva em parafina era perfeita. Infelizmente a peça em gesso ficou defeituosa. Todavia dá para se ver perfeitamente as linhas da mão, nós dos dedos, unhas, etc.

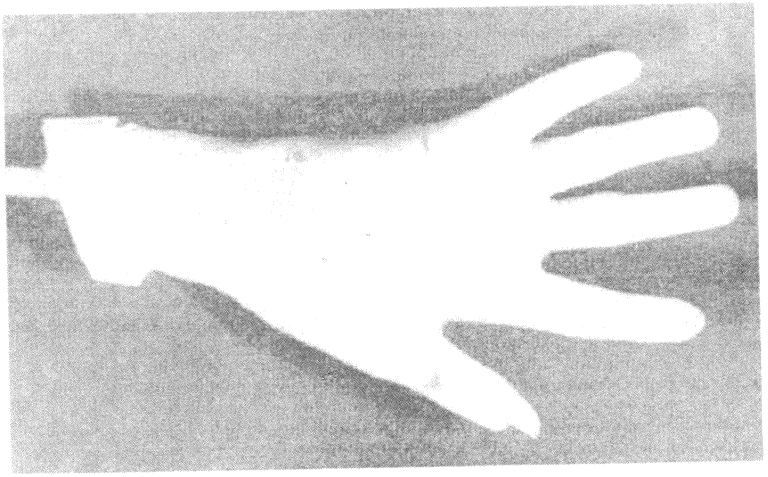


Foto 9 — Palma da mão.
Mão de um espírito.

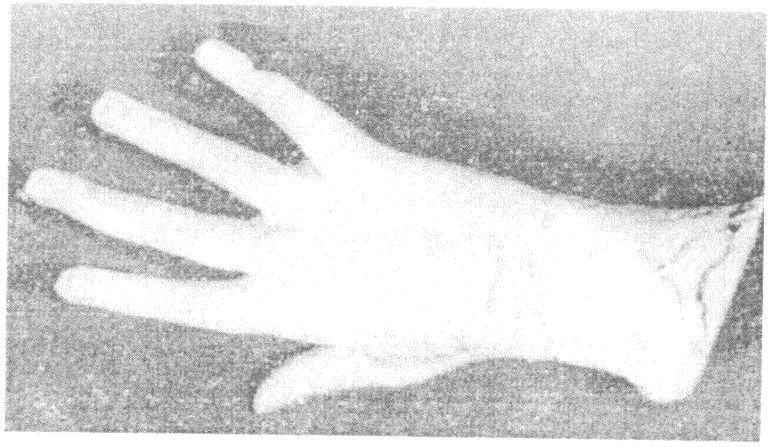


Foto 10 — Costa da Mão.
Mão de um espírito — Peça em gesso feita segundo modelo perfeito em parafina.

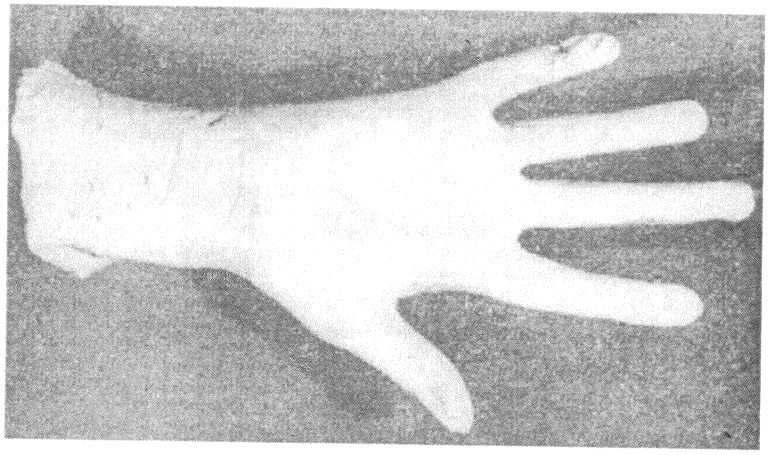


Foto 11 — Palma da mão.
Mão de um espírito.

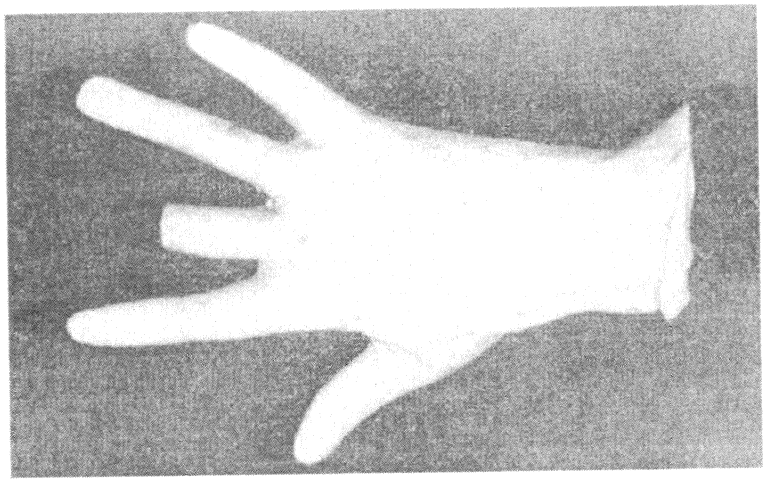


Foto 12 — Costa da mão.
Mão de um espírito — Peça em gesso feita segundo modelo perfeito em parafina. A peça quebrou-se nas constantes "verificações" feitas por associados do "André Luiz".

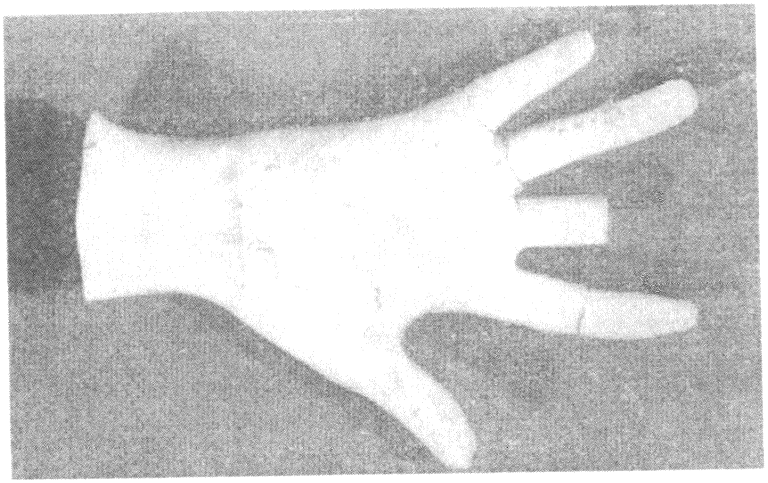


Foto 13 — Palma da mão.
Mão de um espírito — Peça em gesso.

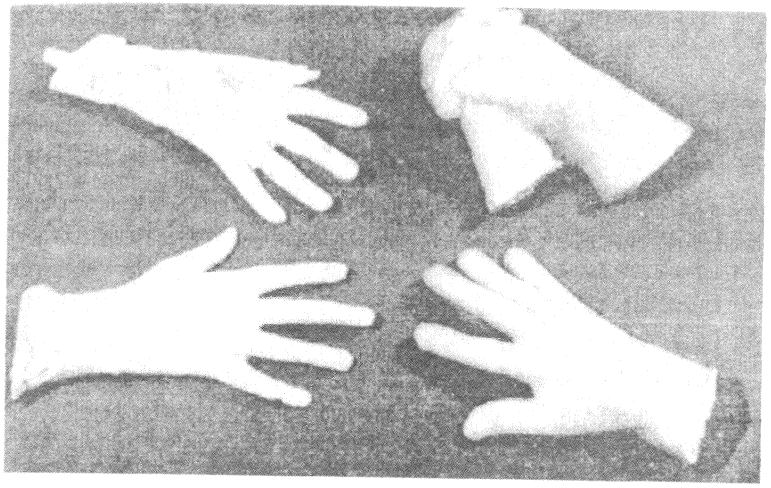


Foto 14
Agrupamento de peças em gesso e em parafina.

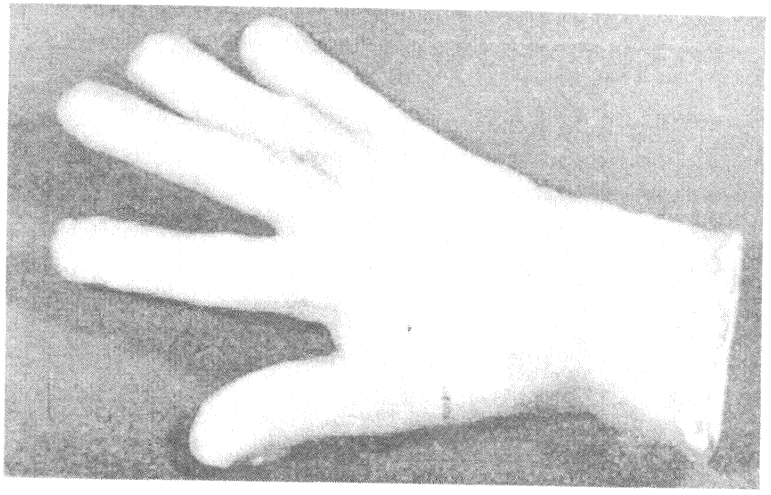


Foto 15
Luva em parafina reproduzindo a mão direita de um espírito.
Possivelmente do José Grosso.

X. Letreiros Luminosos

Em todas as reuniões do Grupo "André Luiz", reuniões de materializações com a presença de Peixotinho, houve fenômenos dos letreiros luminosos. É uma das provas interessantes e notáveis a que assisti.

Consistem os letreiros luminosos no seguinte: os espíritos apresentam, no escuro, quadros de dimensões variadas, com uma frase escrita em letras fosforescentes, luminosas. O letreiro fosforescente flutua no espaço: ora vem até a cara dos assistentes, ora sobe a dois, três e mais metros de altura; outras vezes sobe até o teto. Tem-se a impressão que as letras são impressas ou desenhadas num tecido semelhante ao filó.

O que impressiona mais, no entanto, é a rapidez com que são confeccionados. O espírito não escreve a frase que deseja, mas pede a um dos assistentes que cite uma frase qualquer, se possível um trecho do Evangelho de Cristo. Citada ou indicada a frase, imediatamente, instantaneamente, se vê sair da cabina, como num passe de mágica, a frase citada modelada em letras luminosas, tendo em baixo a assinatura do espírito que a escreveu.

Nesse sentido, tive uma prova interessante de identidade. Peixotinho não sabia o nome da minha filha desencarnada, como ninguém no "André Luiz" sabia. Uma noite, Zé Grosso, falando por voz direta, me pediu que dissesse qualquer coisa para ser escrita e eu que citasse as palavras de Jesus: "Eu sou a ressurreição e a vida".

Imediatamente surgiu por cima do biombo da cabina um letreiro luminoso, que flutuou no espaço, passando por cima de uma mesa grande onde estava deitado um doente, e veio até o meio do salão onde todos puderam ler.

Em baixo da frase estava escrito a assinatura de minha filha: Heleninha. Todos se admiraram e perguntaram quem era aquele espírito que eles não conheciam, ao que o Zé Grosso respondeu dando uma gargalhada sonora e exclamando:

— É a filha do Ranieri, ela é ainda muito pequena e não sabe escrever direito...

Mais importante ainda é o espírito ter escrito o nome **Heleninha,** nome pelo qual nós a tratávamos na intimidade de criança e não o nome Helena, que era o seu real.

Noutra oportunidade, um visitante, o dr. Lídio Dinis Henriques, advogado de Minas, propôs a bela frase: "O amor é o sol da vida" e logo após vimos a expressão feliz flutuar no espaço em raios de luz fosforescente. Aliás, esse fenômeno é um dos mais geral e assiduamente realizados pelos espíritos que se materializam pelo Peixotinho.

A mediunidade do Peixotinho presta-se assombrosamente a esse gênero de **fenômenos luminosos**. Depois de ter assistido a numerosas reuniões onde havia luzes em profusão, concluí que o **espírito do médium, a sua espiritualização, o seu alto grau de evolução,** é que permitem a realização desses fenômenos. Assim, poderíamos dizer: "médiuns de luz possibilitam materializações de luz".

Dir-se-ia que com Peixotinho se está no Reino da Luz. Admira-se a ignorância da ciência oficial moderna diante do universo que se abre em estradas de claridades superfísi-

cas. As portas da Vida Eterna apresentam-se à humanidade como a porta estreita, mas grandiosa de uma vida imortal. O Evangelho de Cristo assume então proporções inimagináveis e as civilizações se ligam através dos grandes iniciados nos mistérios divinos: Buda, Sócrates, Platão, Cristo, Kardec...

Sabendo-se que a morte é transformação transitória, o mundo nos aparece como abençoada escola, os sofrimentos como resultados de nossas imperfeições que se eliminam, a dor, como mestra sem a qual não há progresso nem evolução.

Compreende-se também que no mundo dos espíritos há formas de se escreverem e perpetuarem pensamentos e obras artísticas. Dispõem de tecidos e possivelmente terão as suas bibliotecas mais perfeitas que as nossas e as suas discotecas mais aperfeiçoadas. Diante do fato indestrutível, fica-nos a certeza de que continuaremos a existir e que já não vivemos nos limites estreitos de oitenta ou cem anos de vida, que é de um modo geral o máximo que se pode esperar viver na Terra, mas que passamos a cidadãos do Universo tendo à nossa frente "os milênios sem fim".

Existimos antes em civilizações que hoje estão decadentes e viveremos no futuro em novas civilizações. Fomos bárbaros, seremos homens civilizados, atingiremos a santidade humana e prosseguiremos ao encontro da perfeição divina.

Cada um é o construtor de si mesmo sob a Misericórdia do Pai Celestial, que abre as Galerias do Infinito para todos nós, que também somos centelhas eternas, imortais, divinas.

Podemos então compreender porque Sócrates se despedia displicentemente de seus discípulos, na hora da morte, como quem sabe que irá abrir os olhos nas campinas douradas de um mundo mais belo e entendemos porque Jesus Cristo, crucificado, em vez de amaldiçoar seus algozes, pede para eles o perdão do Pai Todo-Poderoso.

A sobrevivência do ser, verificada e compreendida, é para o homem que luta no mar da dúvida e da descrença um rochedo formidável onde encontrará a tranqüilidade e a paz.

X-a. Médium de Luz possibilita Materializações luminosas

Acredito que nos anais espíritas será pela primeira vez formulada esta **hipótese,** que parece se confirmar com a fundamentação em fatos.

A maioria dos casos de materializações comuns é geralmente de espíritos que aparecem "apagados" ou seja como vultos na escuridão, treva dentro da treva. A aparição de espíritos iluminados como se fosse globos de luz com a forma humana, derramando luz fluorescente é mais rara e eu quase afirmaria que no Brasil o médium Peixotinho foi o primeiro médium com quem se deram fenômenos dessa natureza. Não digo "fenômenos luminosos" mas digo: materializações luminosas, "espíritos iluminados de dentro para fora".

Não me lembro de ter lido ou ouvido qualquer referência a fato semelhante, anteriormente. Nas reuniões de materializações geralmente os espíritos aparecem como homens que andassem na escuridão. Quando abraçam os assistentes demonstram calor e vê-se que realmente possuem todas as propriedades de um homem comum. Daí a dúvida de muitos, supondo que o espírito que se apresenta nessas condições não é mais do que o próprio médium que está "fingindo" de espírito.

Com o médium Peixotinho a situação é diferente. Os espíritos aparecem iluminados e a luz que brota dos tecidos que modelam o seu corpo esparge-se pela sala, iluminando a todos. Vê-se pois o espírito em todo o seu esplendor e notam-se-lhe nitidamente os traços. Eu, por diversas vezes, observei os espíritos de perto, olhei os seus tecidos aproximando os olhos a uma distância de vinte a dez centímetros, verificando portanto detidamente, e posso afirmar que o tecido é uma espécie de filó de fios luminosos. Lembra uma grande lâmpada formada de milhares de fios de tungstênio.

Na literatura espírita européia já encontrei referência a mãos luminosas que desciam do teto para escrever, as bolas luminosas flutuantes, mas o caso de espíritos fluorescentes, materializados completamente, não me recordo de ter lido. É possível que me falhe a memória ou mesmo que não tenha lido obra, talvez até famosa, em que apareçam tais fatos. Nesse caso seria mesmo ignorância de minha parte.

• • •

Um homem de luz! Eis o que são as materializações com o Peixotinho. Impossível **fingir-se ele de luz** e fingir de tal modo a enganar numerosas pessoas, entre elas engenheiros, médicos, advogados, farmacêuticos, professores, dentistas e policiais...

Atribuímos o fato de conseguir o Peixotinho essas materializações luminosas à sua já avançada humildade, boa vontade, compreensão, tolerância, resignação, enfim ao seu grau elevado de espiritualização.

Assim, possuindo luz no seu próprio organismo perispirítico tem ele forçosamente que fornecer material luminoso aos espíritos e com os quais se modelam. A iluminação do perispírito é no caminho evolutivo um fato real e o perispírito

não deixa de ser uma organização de caráter elétrico ou coisa semelhante.

Formado de corpúsculos infinitamente pequenos carregados de carga positiva e negativa, tendem a iluminar-se ao impulso da mente que se aprimora.

Com o Peixotinho têm-se realizado os fenômenos mais variados do tipo luminoso.

E os espíritos assim materializados vêm nos dar uma prova notável: mostraram-nos que o homem dispõe de uma organização interna de prodigioso poder, até o presente **inexplorado**.

Esclarecem-nos também que os hindus com suas "práticas extravagantes" não são tão loucos como o ocidente pensa; provam-nos que o ocultismo tem muita coisa verdadeira e que se o homem quiser, se tornam a um aparelho de aplicação jamais sonhada; nem o radar nem a bomba de hidrogênio o igualarão. É internamente um poder que pode ser desenvolvido, mas só vale a pena desenvolvê-lo quando sua mente começar a se interessar sinceramente pelas coisas divinas. E a lei é tão inexorável que só quando se interessa pelo mundo espiritual se desenvolve e cresce, assim como a semente que não germina sem água e sem sol.

X-b. Escrevendo à Luz dos Espíritos

Já nos referimos por diversas vezes às grandes possibilidades que o Peixotinho oferece para as "materializações luminosas". Consideramos até as materializações luminosas o que de mais belo já produziu. Penetramos nos reinos da luz e da beleza superior.

Assim, certa ocasião acreditamos que seria útil fazer uma experiência nesse sentido. Os espíritos nos haviam autorizado a tomar notas dos trabalhos que se desenrolassem durante as reuniões para que fossem aproveitadas no futuro. O método que estávamos usando era o mais racional: assim que terminava a reunião, fazíamos uma ata. Tomar notas enquanto decorriam os trabalhos, eis a nova idéia que me ocorreu.

Para isso muni-me de lápis e papel e me preparei para tentar escrever à luz dos espíritos. A primeira vez que tentei foi numa reunião movimentada com o Peixotinho.

Eu estava sentado perto da cabina, ao lado de uma mesa onde se deitara um doente. Tudo escuro. De repente, na entrada da cabina surgiu uma figura luminosa de beleza sem igual. Posso declarar que durante todo o tempo que freqüentei o André Luiz jamais vi alguém que se lhe asseme-

lhasse em luminosidade. O seu corpo espiritual se apresentava todo cheio de ondulações como se fosse a pele de um carneiro. Lembrava a roupa com que o Dante nos é apresentado: túnica e a cabeça envolvida por uma espécie de turbante. A luz irradiante era intensa e de uma grandiosidade fora do comum. Sabíamos que diante de nós estava uma elevadíssima figura espiritual. Isso sabíamos pela luminosidade, mas não lhe sabíamos o nome. Ela se aproximou do doente que estava na mesa e fez-lhe aplicações curativas.

Estava pertinho de mim. Tomei o papel e o lápis. Aproximei-me um pouco mais e comecei a escrever à claridade que do espírito se irradiava. O papel iluminado pela "luz do luar" que se desprendia do espírito me permitiu anotar tudo o que desejava. O espírito afastou-se, penetrou na cabina e nós voltamos a nos mergulhar em completa escuridão.

Outra entidade apareceu: Fritz. Não era tão belo nem tão grandiosa e intensa a sua luminosidade. Chamamo-lo.

Aproximou-se de nós com a sua característica seriedade.

Embora em menor quantidade a luz que dele se desprendia também me permitiu fazer anotações. Perguntei-lhe quem era a primeira entidade, de tão grande beleza e ele nos respondeu:

— Maria João de Deus.

Maria João de Deus foi a mãe de Chico Xavier, na sua última estada em nosso plano físico e é a autora do livro mediúnico CARTAS DE UMA MORTA.(*) Outros espíritos foram-se sucedendo e eu aproveitei a luz de quase todos para anotar o que desejava.

Estávamos diante de dois fenômenos absolutamente físicos: ficava provado que a luz que se derramava dos espíritos é luz física semelhante à luz que possuímos na Terra, e a minha escrita aproveita-se da luminosidade com que se inundavam os papéis.

(*) Edição LAKE. (N. da E.)

É um fenômeno simples mas que serve para edificar as nossas almas e fazer com que pensemos em nossas responsabilidades do plano terrestre.

Somos viajores do infinito e só há uma saída honrosa para o espírito que desceu aos abismos da carne: a conquista de graus cada vez mais elevados de evolução espiritual. Esse é o caminho da libertação. Estrada cheia de pedras e dificuldades, mas estrada gloriosa.

Há aqueles que se revoltam contra a sua vida familiar repleta de incompreensões. Há os que maldizem o emprego que na sua opinião não é o que desejavam. Finalmente, a grande maioria vive desesperada e descrente. Isso no entanto não resolve coisa alguma. Viver na carne e sofrer são necessidades inadiáveis do espírito que precisa, que anseia por evoluir. E sem evolução não há libertação do mesmo modo que os dias necessários exigidos pela natureza para a maturação do ovo têm que rolar uns sobre os outros, sem o que, o pinto não sai do cárcere da casa.

Aceitar o mundo como ele é, vivendo porém dentro de uma concepção mais elevada e mais bela, eis o verdadeiro problema da felicidade humana. Se o corpo desaparece na Terra, o espírito imortal ressurgirá noutra região onde se encontrará consigo mesmo para o acerto de contas.

SEGUNDA PARTE

Fenômenos de materialização realizados através da mediunidade de Fábio Machado

XI. Os Mesmos Espíritos com Médiuns Diferentes

Durante uns quatro anos seguidos se reunia em Belo Horizonte, na residência de Jair Soares, um pequeno grupo de homens de boa vontade e do qual fizemos parte desde a sua iniciação.

A história completa desse grupo de cinco a seis pessoas, as suas lutas, os ataques que recebeu até dos próprios espíritas que não compreendiam o seu labor silencioso e fecundo, é uma história árdua e gloriosa que provavelmente viverá apenas em nossos espíritos como abençoada experiência na jornada terrestre.

Fenômenos da maior importância no setor do sonambulismo mediúnico ali se realizaram e no tempo em que ainda não haviam sido publicados os livros de André Luiz, já esse grupo recebia por Misericórdia Divina muitas revelações e instruções que posteriormente foram dadas ao Chico Xavier. Grande parte está devidamente registrada, anotada pacientemente.

Testemunhas das provas mais importantes, dos fenômenos mais altos e mais sublimes, sentimos vibrar ali dentro o Cristianismo mais puro e mais belo que se possa descrever. As revelações de André Luiz vieram fortificar e iluminar o

grupo que pelo trabalho constante merecera o amor e a simpatia de entidades elevadas.

Apesar desse acervo glorioso, o grupo ainda não conseguira realizar os fenômenos de materialização que, no entanto, desde as primeiras reuniões, lhe foram prometidos pelos espíritos com finalidades mais altas que o simples divertimento.

Em 1948 eu me transferi definitivamente para o Rio de Janeiro e fui fazer parte do Grupo Espírita André Luiz.

Algum tempo depois, recebi notícia, por carta dirigida pelo Jair, que o grupo de Belo Horizonte começava a realizar os primeiros fenômenos de fotografia espiritual, com êxito, e faziam experiências com o médium Ênio Wendling, velho trabalhador do Grupo, em desenvolvimento, e que nos possibilitara belíssimas experiências sonambúlicas. Penetrara agora, lentamente, no caminho dos fenômenos de efeitos físicos. Jair e Márcio Cattôni, outro médium e generoso irmão, auxiliavam nos trabalhos, ajudando com seus fluidos.

Os trabalhos prosseguiam com êxito crescente, quando o Jair me informou que o Chico Xavier enviara ao Grupo um novo médium, que durante três anos vinha sofrendo perturbação de espíritos inferiores sem se desenvolver e que no Grupo do Jair encontraria o ambiente propício para o completo desenvolvimento.

Realmente, o Fábio, isto é, Fábio Machado, o novo médium, com a palavra de recomendação do Chico, e portanto de Emmanuel, incorporou-se ao pequeno grupo de trabalhos espirituais.

Desenvolveu-se rapidamente e os mais notáveis fenômenos de materialização, levitação, etc. passaram a realizar-se para alegria de todos.

Fábio Machado não conhecia o Peixotinho, não o vira, não assistira sequer a uma de suas reuniões e, no entanto, passei a receber notícias de que no Grupo do Jair estavam-se materializando os mesmos espíritos que se materializavam no "André Luiz" do Rio de Janeiro: Zé Grosso, Scheilla, Fidelinho, Garcez, etc.

Mais tarde recebi a notícia de que o Grupo era orientado pelo mesmo espírito luminoso de André Luiz que dera à irmã Scheilla o encargo de dirigi-lo. Passou assim o pequeno Grupo a denominar-se: "Grupo Irmã Scheilla".

Algum tempo depois fui a Belo Horizonte e esperava que me fosse permitido assistir às reuniões do Grupo Irmã Scheilla por muitos motivos e entre eles o de verificar se os espíritos que eu **tanto conhecia** e com os quais **convivera** durante tanto tempo no "André Luiz" eram realmente os mesmos, exatos, perfeitos.

Essa oportunidade me foi concedida. E eu pude então ter a prova bela e irrefutável da mais absoluta realidade. O Zé Grosso era o mesmo Zé Grosso, com a mesma voz trovejante e alegre, a mesma vivacidade, a mesma inteligência e a mesma capacidade de improvisação de quadras que é a sua especialidade. Medido, visto, observado, apresentava a mesma estatura e os mesmos modos. A Scheilla era também a mesma Scheilla falando com voz de mulher alemã, com sotaque alemão. O Garcez, sério e grave, dando apenas orientações breves no fim dos trabalhos. E o Fidelinho com sua voz de criança completava o cortejo grandioso.

Eu reencontrara através de um médium que não conhecia o Peixotinho, que não assistira às suas reuniões, que não conhecia aqueles espíritos, os mesmos espíritos, com as mesmas atitudes e maneira de falar, o mesmo temperamento, o mesmo intelecto.

Como poderia haver mistificação em casos desses?

Poderia o Fábio imitar uma pessoa como o inconfundível Zé Grosso, sem conhecê-lo, sem tê-lo visto? E poderia ele imitar ainda mais três ou quatro outras personalidades

diferentes, absolutamente diferentes, sem que jamais tivesse estado em contato com elas? Impossível!

Nenhum homem, nenhum artista, nenhum prestidigitador seria capaz de fazer isso. Se houvesse assistido a uma reunião, uma só, do Peixotinho, é certo que sendo um "gênio" realizaria o que outro "gênio" havia realizado. Mas sem ver, sem conhecer, sem saber...???

• • •

Nessas reuniões, conversei com os espíritos e tratamos de assuntos que se relacionavam com outros que eu havia tratado com eles mesmos nas reuniões do "André Luiz" do Rio de Janeiro. A todas as minhas perguntas referentes a assuntos tratados no Rio eles responderam com pleno conhecimento, muito embora o resto da assistência não estivesse entendendo o que falávamos.

Tive assim a prova mais incontestável da identidade absoluta de quatro ou cinco espíritos que privavam comigo todas as semanas em outro Estado da Federação. As suas vozes foram gravadas em arame de aço de um aparelho americano e se encontram em Belo Horizonte para quem quiser ouvir. No "André Luiz" do Rio de Janeiro também há gravações semelhantes, quem quiser poderá comprovar e comparar. Há talvez uma pequena e ligeira diferença de voz quando fala o Zé Grosso, mínima aliás. Isso atribuo a que os espíritos usam o material vocálico de cada médium.

Deixo ao leitor o trabalho de tirar as conclusões que desejar. Revelo os fatos com o desejo de contribuir com observações que todo o indivíduo que se dispuser à investigação paciente, durante anos, poderá um dia fazer. Os espíritos aproximam-se da Terra em nosso século com a missão de arrancar o homem adormecido na inconsciência e no

materialismo. É a convocação que se renova e as palavras do Cristo que se cumprem.

Já está em marcha a maior revolução social de todos os séculos e a avalanche cresce como onda assustadora. Abrem-se portas misteriosas da vida para o homem que se considerava deserdado, perdido no mar do mundo, mergulhado no oceano das discussões sem fundamento. Que cada um se compenetre de que a vida imortal é a suprema e mais bela realidade, que o corpo morto e desagregado não é o fim da vida humana, mas apenas o começo da vida gloriosa e eterna.

XII. Fenômenos com Radioatividade

Prossegui assistindo as reuniões com o médium Fábio Machado.

Marcou-se uma reunião na Fazenda da Cachoeira, de propriedade do sr. Ouriviu. A Fazenda da Cachoeira é um recanto maravilhoso, escolhido para uma das mais belas realizações de nosso tempo e que seria a construção de uma cidade espiritual na Terra sob a bandeira do Evangelho de Cristo. Infelizmente, até agora, o grande sonho não se realizou.

• • •

Em amplo salão recém-construído, reuniram-se cerca de trinta pessoas. Não havia cabina apropriada, de modo que foi usado um quarto vazio para servir de cabina e que dava para o salão. Nós e o médium havíamos chegado às seis e tanto da tarde. Não havia, pois, preparação alguma. Tomamos um lanche na residência de Rubens Romanélli e seguimos para o local da reunião, que fica a uns oitocentos metros ou mais das casas de residência.

Iniciados os trabalhos, com a ida do médium Fábio para o quarto vazio, vimos os primeiros clarões verdes-rocheados, que iluminam às vezes o salão todo, **absolutamente iguais aos produzidos pelos espíritos quando trabalha o Peixotinho** e depois passamos a assistir a inúmeros fenômenos já comuns para nós, como sejam: a presença de espíritos materializados, a colocação de discos de vitrolas pelos espíritos, levitação de objetos, e um espírito desenhando um retrato de outro espírito, o qual no final da sessão foi encontrado sobre a mesa. Ouvia-se o correr do lápis no papel. Tudo isso seria importante e seria descrito, se nós não estivéssemos neste pequeno trabalho relatando apenas os fatos que consideramos **irrefutáveis, incontestáveis, impossíveis de serem realizados por mistificadores ou por mágicos de qualquer espécie.** De cada sessão apresentamos, portanto, o fato culminante e assombroso. É a prova inconteste da imortalidade que desejamos oferecer aos homens, nossos irmãos em humanidade. Foi o que vimos.

Assim, quando menos esperávamos, o Zé Grosso nos anunciou:

— Meus amigos, agora vamos fazer uma experiência interessante: vamos saturar o ambiente com radioatividade.

— Mas... — perguntei-lhe — saturando o ambiente com radioatividade, nós encarnados não corremos risco?

Ao que o espírito, rindo alegremente, respondeu:

— Nós, os espíritos, derramaremos no ambiente um **outro elemento** que os homens ainda não conhecem e que equilibra a ação prejudicial do rádium.

Em vista da resposta, ficamos silenciosos e aguardamos o desenrolar dos acontecimentos.

De repente, o Márcio Cattônio deu um grito de alegria e de espanto ao mesmo tempo.

— Olhem, olhem para a minha roupa, para o meu suspensório! Está saindo luz!

Todos nos voltamos imediatamente para o Márcio e contemplamos um fenômeno notável: à medida que o Márcio

passava as mãos na roupa ou no suspensório, dele saía luz, luz fosforescente, luz de luar, luz igual à que os espíritos, pelo Peixotinho, apresentavam nos seus tecidos do outro mundo.

Imediatamente, o César Burnier, uma das pessoas presentes, advogado e fiscal do Estado de Minas Gerais, experimentou fazer a mesma coisa e o fenômeno se reproduziu com ele.

Todos nós tentamos realizar o mesmo fenômeno e o fenômeno se revelou com todos que o tentaram. Alguns passavam as mãos nos cabelos e os cabelos derramavam luz fosforescente. Eu passei as mãos na minha roupa, nos meus suspensórios e nos meus cabelos e vi a luz desprender-se deles.

Eram quase trinta pessoas a realizar o mesmo fenômeno, a reproduzir a mesma experiência.

Minutos depois, o Zé Grosso disse que iam retirar a radioatividade do ambiente. Retirada a radioatividade, todos tentaram continuar realizando o fenômeno, esfregando as próprias roupas, os suspensórios e os cabelos, mas apenas a escuridão respondia ao apelo. Nada mais acontecia. Como por encanto, a luz fosforescente desaparecera do ambiente como um anjo de luz que houvesse desaparecido nas trevas.

Muitos outros fenômenos se realizaram até o final da sessão, notáveis, mas diante desse, não nos referiremos aos outros, seria acumular material inutilmente.

Naquela reunião, nós não comprovamos a existência dos espíritos apenas por vê-los e ouvi-los. De espectadores passivos passamos a ser parte no programa. Éramos nós mesmos a verificar em nossas pessoas, em nossa roupa, em nossos cabelos, a existência da radioatividade trazida do mundo espiritual. Passou-se conosco, com trinta pessoas, um fato psíquico autêntico, verdadeiro. E após a retirada da radioatividade ninguém mais conseguiu coisa alguma. Alguém seria capaz de reproduzir o que acabamos de relatar?

Não havia aparelho terrestre algum no ambiente, no recinto. Mas eu vou mais longe: existe alguém que possua no nosso mundo um aparelho capaz de realizar semelhante fenômeno? Sabemos que por enquanto não existe. O acontecimento é daqueles de deixar os homens, vermes da Terra, assombrados diante das forças da vida que existem espalhadas por toda a parte e que nós desconhecemos.

Os espíritos nos vêm revelar que eles habitam o mundo das forças invisíveis, mas reais, e que essas forças podem-se projetar no nosso mundo no momento que desejarem.

Se não o fazem é porque obedecem a um programa superior. A Terra não marcha desgovernada nem Deus se esqueceu dela. A evolução processa-se lenta, mas seguramente. O mal é apenas um estado transitório da imperfeição humana.

Há somente necessidade de trabalho por parte do homem no sentido de descobrir-se a si mesmo. Vencendo o orgulho que o torna cego, tornando-se humilde para ver com olhos imparciais, poderá atingir novas formas de viver e fará deste plano que, se não é o melhor também não é o pior do Universo, um plano de paz, de trabalho, de investigação. Investigar conscientemente todos os ângulos da Vida Universal. Observar, experimentar, comparar e concluir para o bem, é essa a estrada que deve pertencer ao homem emancipado do futuro, livre de todos os preconceitos, filho da Verdade e herdeiro da Justiça.

• • •

Outro fato importante se realizara para nós, e era a revelação feita pelo Zé Grosso de que existe no mundo invisível um elemento desconhecido na Terra, ignorado pelos homens, e que regula a ação da radioatividade, que equilibra a ação da radioatividade. É um elemento químico ou algum

aparelho? Não sabemos. O espírito não esclareceu. É possível, porém, que qualquer dia seja "descoberto pelo homem".

Os tesouros universais pertencem a todas as criaturas, mas tanto os espíritos quanto os homens têm que esperar que a mente humana esteja em condições de receber esses tesouros para que eles não se tornem órgãos da destruição e do mal.

XII. Uemoto

Entre os espíritos que se materializaram no "André Luiz" pela mediunidade do Peixotinho, havia um que fora pintor extraordinário no Celeste Império Japonês. Viveu na Corte e era consumado artista, especialmente no gênero de aquarelas, das quais deixou notáveis pinturas naquele Centro, mas a cuja confecção não me fora dada a ventura de assistir. Vi os quadros originais no "André Luiz".(*)

Chamava-se Tongo esse espírito e era mesmo na figura de um japonês que se materializava para realizar os trabalhos.

Fiquei, pois, surpreendido quando, numa reunião com o médium Fábio Machado, se materializou um espírito também de japonês, desenhista, e realizou desenhos interessantes de outros espíritos.(**) A surpresa vinha-me do fato de o espírito não se apresentar como TONGO, mas como um outro japonês chamado UEMOTO. Ora, eu já me habituara a conversar com os mesmos espíritos que se materializavam pelo Peixotinho, materializando-se pelo Fábio. O espírito do

(*) Vide Fotos de ns. 16 a 23 nas páginas 88 a 93.
(**) Vide Fotos 24 e 25 nas páginas 94 e 95.

novo japonês, porém, dizia que não era o mesmo com **outro** nome, mas sim **outro** espírito.

Se se materializavam pelo Fábio quase todos os espíritos que se materializavam pelo Peixotinho, com absoluta exatidão, não havia explicação para que outro espírito se materializasse no lugar de Tongo para realizar o mesmo trabalho. Guardei minhas dúvidas comigo e esperei que o tempo viesse solucionar a questão.

O Grupo nessa ocasião funcionava na Praça do Cruzeiro, na sede do Centro Espírita Tiago Maior, e fui lá assistir a uma reunião com o Fábio. Os espíritos orientadores haviam pedido para que nessa noite se colocasse em frente à cabina onde ficaria o médium, uma máquina fotográfica das grandes, usadas em retratistas profissionais. Conseguimos uma emprestada no Foto Minas, com grande tripé.

Havia sido fornecido pelos espíritos com antecedência, em reunião anterior, um mapa da situação da máquina e fora indicado o Márcio Cattôni para tirar uma fotografia da cabina com magnésio, no momento determinado. Nossa reunião corria em meio, com tudo preparado, quando o médium da cabina começou a gemer alto. Ao mesmo tempo ouvimos passos miúdos de alguém que parecia uma criança. Andava aos pulinhos.

Havia sido pedido pelos espíritos que deixássemos papel e lápis para desenho, pois Uemoto nos prometia uma surpresa para essa noite.

Os passinhos miúdos aproximaram-se da primeira fila de cadeiras. Nós estávamos sentados na segunda fila, na primeira não se sentara ninguém. Notamos que alguém semelhante a uma criança chegava perto das cadeiras e sentava-se em minha frente. Em seguida, ouvimos o barulho ou ruído de um lápis que corria vertiginosamente sobre papel. Tivemos a idéia de que Uemoto, a cinqüenta centímetros de nós, desenhava. O ruído do lápis produzia-se com certa altura e penso que todos que estavam na segunda fila de cadeiras o ouviam. Enquanto isso, nos foi determinado que se batesse a chapa fotográfica da cabina.(*)

O Márcio preparou-se e em seguida bateu o magnésio. Toda a cabina se iluminou com a luz do magnésio durante alguns segundos e nós pudemos então ver no fundo da cabina, sentado numa cadeira, o médium Fábio, sem camisa, com o peito descoberto e os músculos relaxados. Das suas narinas saíram dois cordões grossos de uma pasta branca que lhe escorria sobre o queixo, cobrindo-o. Ele gemia alto. E então eu pude ver à minha frente, desenhando, a figura do pequeno japonês, Uemoto. Ele continuava a desenhar e o ruído do lápis continuava a se produzir. Não via as suas feições porque ele estava como eu, atrás da máquina fotográfica e sentado à minha frente, de costas para mim, mas via a sua figura perfeitamente e o movimento vertiginoso de sua mão.

Na cabina, o Fábio, que foi fotografado e cuja fotografia posteriormente revelada **foi a prova e é da sua permanência lá dentro**; aqui fora, Uemoto, escrevendo, desenhando, pequeno, absolutamente diferente de todas as pessoas presentes.(*)

Vi os dois perfeitamente: o espírito materializado, desenhando e o médium, em transe, gemendo.

Terminada a ação do magnésio, Uemoto, com gesto rápido, estendeu uma folha de papel, estendendo o braço e voltando-se para trás, para mim, (vejam a proximidade que ele estava de mim), entregou-me, dizendo num português ajaponesado:

— Leva para o Chico Xavié. Presente de Uemoto.

(*) Vide Foto nº 26, na página 97 e Foto Especial 27 na página 98.

(*) Vide Foto Especial nº 27 na página 98.

ESPÍRITO
Nº 16 — Araci — Guia Espiritual do médium "Peixotinho".
Aquarela feita pelo espírito materializado Tongo.

ESPÍRITO
Nº 17 — Allan Kardec — Aquarela feita pelo espírito materializado Tongo.

Espírito
Nº 18 — Scheilla — Aquarela feita pelo espírito materializado TONGO.

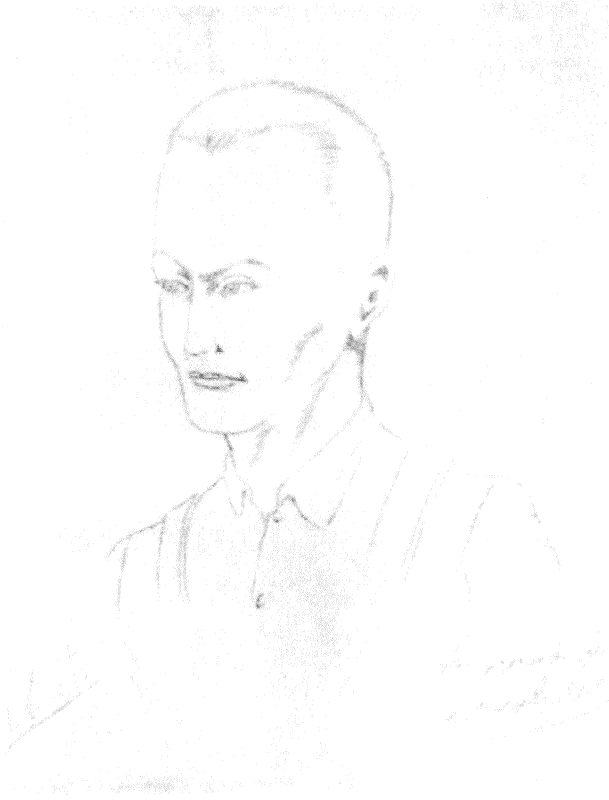
ESPÍRITO
Nº 19 — JOSÉ GROSSO — Aquarela feita pelo espírito materializado TONGO.

ESPÍRITO
Nº 20 — ICLÉIA — Aquarela feita pelo espírito materializado TONGO.

Nº 21 — FIDÉLIO — Aquarela feita pelo espírito materializado TONGO.

ESPÍRITO
Nº 23 — ILKA — Aquarela feita pelo espírito materializado Tongo e que reproduz a figura humana de Ilka quando na Terra.

ESPÍRITO
Nº 22 — FIDELINHO — Aquarela feita pelo espírito materializado TONGO.



ESPÍRITO
Nº 24 — JOSEPH GLEBER — Desenho feito pelo espírito materializado de UEMOTO.

ESPÍRITO
Nº 25 — ILKA — Desenho feito pelo espírito materializado Uemoto e que reproduz a figura espiritual de Ilka nos planos invisíveis.

Tomei de suas mãos a folha de papel e segurei-a até o fim da reunião. No outro dia eu pretendia ir a Pedro Leopoldo e levaria o desenho. Uemoto, após isso, voltou para a cabina e a reunião prosseguiu cheia de fenômenos importantes. Eu porém guardei esse como a pérola de subido valor que desejo oferecer à humanidade com carinho.

Quando as luzes se acenderam, em minhas mãos estava um retrato notável do espírito de Nina Arueira e que depois foi entregue ao Chico. Deve estar em seu poder.

Feito no escuro por um espírito materializado é uma obra formidável. Linhas suaves e perfeitas.

Senti-me feliz de ser escolhido mensageiro entre Uemoto e Chico Xavier, entre a carinhosa Nina Arueira e o generoso cristão de Pedro Leopoldo. Isso ainda por outros motivos que só eu sabia: laços profundos ligam-me a Clóvis Tavares, que foi nesta vida terrestre noivo de Nina e Jaks Aboab, meu amigo de tantas horas felizes e que teve em outras existências a Nina como mentora constante.

Realmente, o gesto simples e talvez incompreensível de Uemoto era uma revelação maravilhosa que tenho certeza ninguém ali sabia ou poderia adivinhar. Entre todos, sem vaidade e apenas o digo a bem da verdade, eu era e deveria ser o mensageiro indicado.

Ficava ainda a história de se materializar Uemoto e não o Tongo.

Isso esclareceu-se com grandiosa significação. No Rio, sem que eu tocasse no assunto, o Peixotinho me deu a notícia:

— Sabe que o Tongo não se materializará mais?

— Por que? — Perguntei-lhe.

— Diz a Scheilla que está se preparando para reencarnar...

ESPÍRITO
Foto nº 26 — Nina Arueira — Desenho feito pelo espírito materializado Uemoto e que comprova a descrição do capítulo XIII, página 78.

FOTOGRAFIA ESPECIAL
Foto nº 27, na qual se vê o médium Fábio Machado na cabina, estando o ectoplasma jorrando de sua boca, ouvidos e nariz.
Na mesinha, vidros de remédios para os quais se encaminha um cordão ectoplasmático. Ao alto, massa grande de ectoplasma. Enquanto isso, na assistência o espírito de Uemoto desenha o retrato de Nina Arueira.

Eis a explicação porque o Fábio que possibilitava materializações de todos os espíritos que se materializavam pelo Peixotinho, não conseguia materializações de Tongo. Tongo ia reencarnar-se em breve tempo e já fora afastado dos serviços de materializações. Ninguém, no entanto, sabia. Uemoto, tomara-lhe o lugar e iniciara o seu trabalho junto às esferas terrestres.

Como um relógio perfeito, os espíritos acionaram os ponteiros que não falham.

E para que todas essas provas, com que finalidade?

Com o objetivo de aliviar os enfermos da carne e os enfermos do espírito. Com a finalidade de conduzir o homem perdido na incompreensão, na dor e nas trevas, para as claridades da certeza imortal e para as clareiras gloriosas do Evangelho de Cristo, aberto há dois mil anos aos renitentes filhos da Terra, esquecidos da sua divina origem e da sua sublime ascendência. Para que Cristo possa brilhar em toda a sua glória e em toda a sua luz!

XIV. O Enrolamento dos Discos*

Este é um fenômeno relativamente comum e que, segundo os noticiários dos jornais, tem-se realizado com diversos médiuns de materialização. Não consistiria, pois, um fato importante se não se caracterizasse, no nosso caso, por uma pequena diferença. É essa diferença que vamos assinalar no decorrer de nossa descrição. Não deixa de ser porém um acontecimento relevante que nos prova a atuação **física**, capaz de permanência, dos espíritos no nosso mundo, no nosso plano.

Nas páginas do Evangelho, encontramos entre outros fenômenos físicos (químicos?) o da transformação da água em vinho. Jesus deu prova do seu poder formidável em todos os instantes de Sua Vida.

Os fenômenos do passado longínquo revivem, conforme a promessa do Cristo, em nossos dias, com força e intensidade.

Com o médium Fábio Machado, assistimos a uma reunião na residência de Jair Soares, em Belo Horizonte.

Como sempre, a noite prosseguia cheia de realizações maravilhosas no campo mediúnico. Os espíritos materializados, perfeitos, traziam suas instruções elevadas a nós, homens da Terra, sequiosos da palavra que ilumina e conduz.

(*) Vide Foto nº 28, à página 103.

Vindos do Rio, comparecemos à reunião, eu e o Inácio Domingos da Silva, também pertencente ao Grupo "André Luiz" naquele tempo até vice-presidente do G.E.A.L.

Diversos espíritos se materializaram para realização de suas tarefas: uns, para instrução; outros para aplicar aparelhos curadores a enfermos presentes; outros ainda para se confraternizarem conosco.

Nesta parte da confraternização é que apareceu o gigante Zé Grosso, entre gritos e exclamações de alegria, como se realmente não fosse um espírito e sim um homem como nós. Saudava-nos, os seus companheiros do Grupo "André Luiz", do Rio de Janeiro, e respondia às perguntas que lhe fizemos. Para todas possuía uma resposta inteligente e completa.

Com uma pequena lâmpada na mão, uma lâmpada esquisita e desconhecida, de luz verde, ele iluminava determinadas partes do recinto.

Aproximou-se de mim e disse que ia fazer uma "mágica".

Eu lhe respondi que estava esperando a mágica.

Ele então me mostrou um disco de vitrola, que iluminou com sua lâmpada e me perguntou:

— Está vendo este disco, Ranieri?

— Estou — respondi-lhe.

— Segure no disco e não solte. Vou contar até **três**. Quando atingir o três você o solte e segure imediatamente.

Eu assim fiz. Segurei o disco. Quando contou: **três**, eu o larguei e segurei instantaneamente. Qual não foi minha surpresa: o disco estava completamente enrolado como se fosse um canudo, em minhas mãos.

Admirado, propus-lhe o seguinte:

— Gostei da mágica, Zé Grosso. Será que você não poderia fazer o contrário, isto é, desenrolar o disco outra vez?

Ele concordou com a proposta.

Eu examinei então o disco detidamente, o que já fizera da primeira vez, li o nome da música e o autor, e aguardei o resultado.

Ao contar de novo três, o disco, o mesmo disco, estava perfeito e desenrolado em minhas mãos.

Agradeci e pedi ao Zé Grosso repetir a mágica enrolando o disco de novo, pois eu desejava levá-lo enrolado para o Grupo "André Luiz", o que fiz. E lá se encontra o disco.

Depois de realizar o fenômeno para mim, o Zé Grosso fez o mesmo com outro disco para o Inácio, em todas as suas fases foi reproduzido o fato, entregando-lhe também no final o disco enrolado, que seguiu o mesmo destino e se encontra atualmente formando um par na vitrina do G.E.A.L. O fenômeno, a não ser enquanto demoram os exames sucessivos que fazemos dos discos, antes e depois do enrolamento, a leitura do nome da música e do seu autor, e mais alguma verificação, é rápido, fulminante. Não demora mais do que um ou dois segundos, se demorar isso. O espírito está à nossa frente, de pé e segura o disco com a mão num lado e nós o seguramos no outro. Respira à nossa frente e conversa com um amigo. Não é dentro da cabina, não é escondido, é fora, no meio de todos, sem disfarces, sem nada.

Essa é a pequena diferença que assinala o fenômeno relativamente às outras experiências que tenho lido; o espírito neste caso enrolou e desenrolou o disco a nosso pedido e pudemos verificar que era o mesmo, assim como não notamos no disco sinal algum de violência.

Perguntei ao Zé Grosso como é que ele realizava o fenômeno e ele me respondeu muito simplesmente.

— É com um aparelho que temos aqui. Esse aparelho serve para muitas outras coisas sérias e eu aproveitei para realizar a minha "mágica".

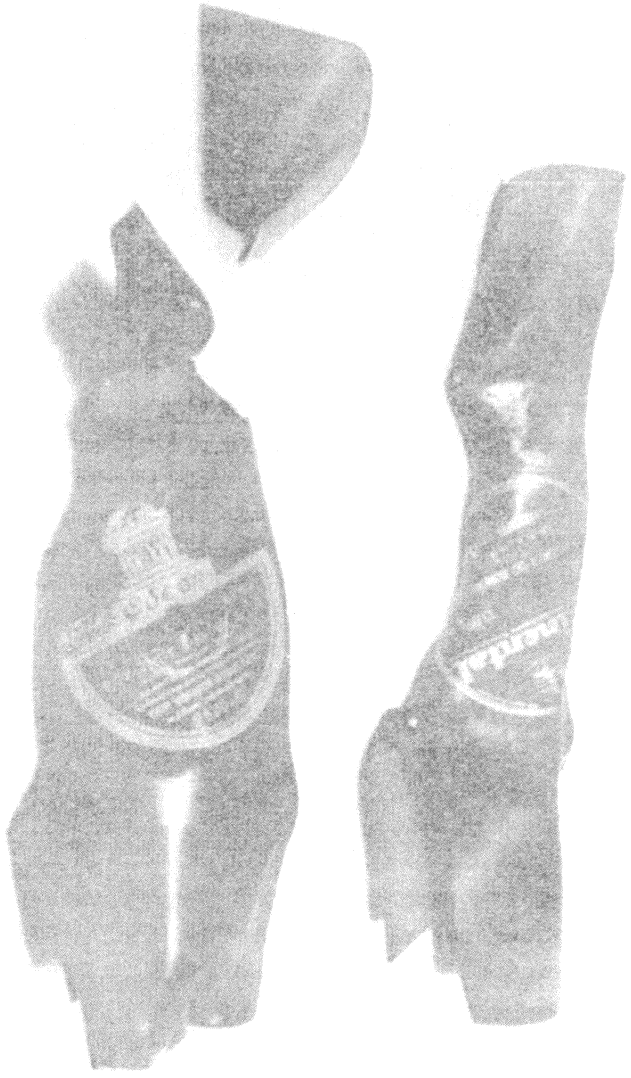


FOTO Nº 28
Os dois discos enrolados pelo espírito José Grosso, em sessão com o médium Fábio, segundo descrição do capítulo XIV deste livro. Apresentam-se quebrados e marcados pelas constantes "verificações" feitas por associados do André Luís. Essas peças foram oferecidas àquele Grupo como presentes.

Em toda a parte os espíritos têm-se referido, quando conversam conosco, e especialmente em reuniões de materialização, aos aparelhos, às roupas, às construções, às cidades, aos educandários e aos costumes, semelhantes aos nossos existentes no mundo invisível.

O nosso mundo é uma projeção do mundo invisível, não resta a menor dúvida, e lá existe muita coisa que em breve a humanidade terrestre irá conhecer.

A comunhão do mundo terrestre com o mundo invisível é o sinal que Cristo prometeu aos homens, capaz de indicar a época da regeneração.

Cegos são todos aqueles que negam porque querem negar; que recusam "porque acreditam que a sua recusa adianta alguma coisa; que tentam opor barreiras ao Reinado da Luz, supondo que a sua fragilidade de homens agarrados aos bens da Terra, pode equilibrar a vinda da Certeza da Imortalidade".

Jesus aproxima-se da Terra com passos silenciosos e Sua Voz, através dos espíritos, ecoa pelos vales profundos, convocando as almas perdidas que durante milênios nascem e renascem, inconscientes e tristes, incapazes de ascender às regiões mais altas, de mente embotada e de coração vazio.

Os seus passos são os passos da Ressurreição e as legiões dos espíritos luminosos vibram as trombetas em todos os cantos da Terra.

Os braços da Cruz abarcam o mundo ensangüentado. Os reis e os príncipes, os potentados e os tiranos, curvar-se-ão diante da Grandeza da Sua Mensagem, que é Perene Reconstrução. Aqueles que não quiserem seguir o caminho que conduz à Porta Estreita terão que se exilar do mundo e uma nova "queda dos anjos" assolará a Terra. É todavia o começo de uma Nova Era de Paz e de Fraternidade.

XV. Balas Fosforescentes e Explosivas

Creio que este é um fenômeno novo na coletânea já tão variada e maravilhosa de fenômenos mediúnicos que têm sido permitidos ao homem. Eu, pelo menos, ainda não li nem ouvi falar de fenômeno igual realizado em qualquer parte do mundo. E tem, da mesma forma que o fenômeno da radioatividade realizado na Fazenda da Cachoeira e anteriormente descrito, a vantagem de transformar os assistentes de simples espectadores em pessoas que verificam o fenômeno por si mesmas, porque o fenômeno sucede com elas, enquanto os espíritos estão afastados. Os espíritos nesse caso nos dão a prova de que o mundo invisível dispõe facilmente de elementos de que nós não dispomos aqui no plano físico e controlam e orientam essas forças, essas energias formidáveis.

Os assistentes são assim chamados a tomar parte nos trabalhos e sob condições tais que negar a evidência dos fatos seria mentir a todo sentimento de honra e dignidade humanas.

Dizem que o fenômeno das balas fosforescentes nasceu do fato de o César Burnier "ter tido" a idéia de levar algumas balas cristalizadas para ver se os espíritos materializados chupavam balas.

Após chupar uma bala, provando-lhe assim que o podiam fazer, o Zé Grosso retribuiu a gentileza do César realizando o fenômeno notável das balas luminosas.

O César contara-me o fato e eu naquela tarde, sozinho com ele, demonstrei o desejo de assistir ao tal fenômeno. O César seguiu comigo para a reunião que se realizaria em casa do Jair Soares e em meio do caminho eu comprei um pacote de balas cristalizadas.

São balas grandes e brancas, de açúcar cristalizado. Parecem mesmo cristal. São duras e resistentes.

Rumamos para a reunião e não revelamos a ninguém o nosso propósito. Quando começaram os trabalhos, dei a notícia ao espírito materializado do Zé Grosso e pedi-lhe que realizasse o fenômeno para nós.

Ele, materializado com uma pequena lâmpada verde na mão, à qual atribuía o poder da radioatividade, veio até perto de mim e foi-me tomando uma a uma as balas das mãos, e entregando imediatamente uma para cada assistente.

Estávamos em número talvez de vinte e cinco pessoas.

Cada pessoa ficou com uma bala na mão.

Eu uma e o Inácio outra.

Depois disso, o Zé Grosso anunciou:

— Agora vou começar a minha "mágica".

Aproximou-se mais de mim, ficando a uma distância de trinta centímetros, se tanto. E aplicou a luz da lampadazinha na bala **segura em minhas mão**s. A luz incidiu sobre a bala talvez durante uns dois segundos.

Assim fez com todas as outras balas nas mãos dos outros companheiros. Notei que com alguns ele, Zé Grosso, também segurava a bala nas mãos, ficando os dois segurando.

Assim que aplicou a luz nas balas, autorizou:

— Agora vocês podem mastigar as balas.

Foi então que eu contemplei o espetáculo notável de cada boca colocada em minha frente, quando mastigava a bala, saía uma explosão de luz fosforescente, verde-clara.

Eu parti a minha bala com os dentes e a explosão se realizou. Tornei a partir outro pedaço e outra explosão. E todos fizeram a mesma coisa e obtiveram o mesmo resultado. Depois eu observei e mostrei aos outros que, atritando os fragmentos das balas uns contra os outros na concha das duas mãos, a explosão também se realizava. Todos fizeram isso e obtiveram o mesmo resultado.

Alguns tiveram a idéia de colocar pedacinhos de bala no chão e esmagar com o pé e nós então vimos a luz esverdeada sair-lhes por debaixo da sola do sapato. O fenômeno era interessante, novo, convincente.

Perguntei ao Zé Grosso:

— Zé Grosso, diga-me uma coisa: durante quanto tempo permanece essa luz no interior das balas, ou seja, durante quantas horas ou minutos a bala conserva o poder de explosão fosforescente?

Ele me respondeu:

— Durante vinte e quatro horas.

Eu aí acrescentei:

— Quer dizer que nós podemos levar essas balas para casa e realizar o fenômeno em um quarto escuro com pessoas de nossa família ou sozinhos e ele se realizará?

— Realiza-se, sim, pode sim — confirmou ele.

Em vista disso pedimos-lhe que aplicasse o aparelho em algumas balas que restavam e alguns que não possuíam mais balas inteiras ficaram com os pedacinhos que ainda sobravam.

Terminada a reunião, muitos levaram essas balas para suas residências e tentaram realizar o fenômeno, o que con-

seguiram com êxito, muitas horas depois que a reunião tinha terminado, sós, absolutamente sós, sem médium, em suas casas. Eu também realizei a mesma coisa, no outro dia, em quarto fechado, escuro, e afirmo sob palavra de honra que o fenômeno, verídico, irrefutável, se realizou em toda a sua simplicidade e grandeza. As pessoas que assistiram a esses fenômenos estão todas vivas, moram em Belo Horizonte e poderão atestar a veracidade dos fatos.

Já não se trata mais de ver espíritos, mas de observar a permanência de alguma coisa que eles deixaram em simples balas e que durou vinte e quatro horas. Luz e explosão que se produziram novamente, fora da reunião, no outro dia, dia claro, após termos dormido e descansado a noite toda, com a mesma eficiência e beleza.

Existe na Terra algum aparelho capaz de colocar a luz dentro de balas cristalizadas?

E se existe é de fácil aquisição, está nas possibilidades de um simples médium, pobre, humilde, adquiri-lo?

Se o médium, mistificando, enganando, fosse capaz de produzir por si mesmo esse fenômeno, tenho a certeza de que, realizando-o nas praças públicas, nas feiras-livres, nos parques de diversões, para ganhar dinheiro, ficaria rico em pouco tempo. Seria um tolo se fosse reunir **espíritas** para fingir que era espírito.

Essa é uma nova mensagem que os espíritos, mensageiros de Cristo, vêm trazer à humanidade.

"Aquele que crê em Mim mesmo que esteja morto viverá!"

Foi essa a promessa gloriosa de Jesus aos homens de todos os milênios. Lázaro saiu do túmulo para a lição imorredoura do Poder de Cristo. Quantos Lázaros hão de despertar, quantas consciências adormecidas na indiferença e na desilusão arrancarão as faixas sepulcrais e ressurgirão para uma Nova Vida. O convite do Mestre traz em si as marcas

luminosas do Poder Soberano. A Sua Convocação é chamado que se processa no mundo físico com voz suave, mas que não se pode deixar de atender. E os que são d'Ele ouvirão a Sua voz e O seguirão.

Ele nos aponta as agruras e os sofrimentos do plano em que vivemos como único caminho para o despertamento de nossas consciências.

— "Por que recalcitras contra os aguilhões?" — foi o que perguntou a Paulo. Como quem dissesse:

"— De que te adianta revoltar-te contra a voz que te chama? Se não vieres agora virás daqui a alguns milênios, mas virás. Não penses que eu te abandonei. Um dia quando estiveres cansado da luta inglória, enojado das grandezas do mundo, depois de nasceres e renasceres centenas de vezes, terás que me procurar porque Eu sou a Ressurreição e a Vida! Estarei de braços abertos para receber-te.

Vem, segue-me agora, enquanto é tempo!"

XVI. O Espírito Palminha

Com o auxílio da mediunidade do Fábio, não se materializaram apenas os espíritos que se materializavam pelo Peixotinho. Outros surgiram, com personalidade absolutamente autônoma e diferente. O médium Fábio, embora não seja um triste, é pessoa de poucas palavras, sério e meditativo. Raramente se expande em brincadeiras espalhafatosas e parece até que não tem jeito para isso.

O espírito Zé Grosso já é uma personalidade bem diferente do Fábio: ligeiramente brincalhão, improvisando quadras notáveis, dando respostas surpreendentes, é um misto de intelectual e de caboclo, de poeta nordestino e de cristão primitivo. Tem a faculdade da aproximação carinhosa e do respeito severo.

Fiquei conhecendo porém, nas reuniões do Fábio, em casa do Jair, um novo espírito materializado: o Palminha.

Esse nome lhe foi colocado pela própria assistência. Este espírito tem o hábito de sair da cabina dando gritos agudos e altos: Boa noite! Boa noite!

A saudação, embora gritada, e por isso mesmo, arranca gargalhadas gerais, e de tal modo o consegue que quando chega no meio do salão, todos os assistentes já perderam o

medo (se por acaso houver alguém com medo) e estão à vontade.

O Palminha vai saudando um por um e dizendo os nomes:

— Você ta bão, Jair?

— Você ta bão, Márcio?

— Você ta bão, João?

— Você ta boa, Laurita?

E assim por diante.

É uma personalidade absolutamente diferente do espírito Zé Grosso e absolutamente diferente do médium Fábio.

É fabulosamente espalhafatoso e gosta de brincar de "agarrar" com os assistentes.

É uma dessas ruidosas reuniões com o Palminha que tentarei relatar, certo de que ficarei noventa e nove por cento aquém da realidade porque por mais que eu descreva não poderei revelar o que houve de indescritível, de assombroso nessa reunião.

Os trabalhos foram abertos como de costume e diversas entidades haviam-se materializado e já se haviam retirado. Zé Grosso viera até a assistência, conversara, brincara e respondera às nossas indagações com a sua habitual sabedoria e humor.

Essa reunião fora dedicada às crianças e havia no recinto umas seis crianças, entre elas o Edgar e o Ed, filhos do Jair.

Não era propriamente uma reunião para adultos. Aliás, isto também me parece fato novíssimo nos anais espiritistas brasileiros e mundiais: reunião de materialização para crianças. Os véus do outro mundo, as sombras terrificantes dos chamados "mistérios" caem diante dos meninos que entram em contato com as entidades do Além, aprendendo assim que o sobrenatural é naturalíssimo e que tudo é simples,

sem complicação alguma. A iniciação que era permitida nos tempos antigos somente a determinados indivíduos que se submetiam a duras provas é no nosso tempo, cumprindo a promessa de Cristo, oferecida às próprias crianças e então verificamos o quanto é verdadeira a expressão do Mestre: "Deixai vir a Mim as criancinhas que delas é o Reino dos Céus."

Deixai vir a mim os que estão sem luz, que eu os iluminarei. Deixai vir a mim todos os que têm sede de justiça e de saber porque por intermédio dos espíritos, mensageiros da Vida Imortal, eu lhes mostrarei que o mistério da morte é o mistério da vida e que atrás das cortinas dos túmulos se esconde a aurora gloriosa da Ressurreição dos Mortos!

• • •

Era pois, uma noite de alegria para todos. O receio, o terror, o medo, os arrepios assustadores não percorriam as espinhas de ninguém. Toda a assistência se mantinha calma, tranqüila, rindo e brincando com os espíritos sem que nisso houvesse absolutamente ofensa ou desrespeito.

Palminha entrou no recinto materializado, com a sua habitual saudação, alegre e ruidosa.

Foi em direção ao Márcio e começou a brincar com ele. Não podemos dizer ao certo o que sucedia com o Márcio, mas ouvíamos a algazarra que os dois faziam, pois estava escuro. O Palminha no entanto parece que beliscava o Márcio, puxava-lhe o cabelo e lutava com ele. Ora o Márcio caía no chão agarrado ao Palminha, ora dava gritos estridentes como se o Palminha lhe estivesse fazendo cócegas.

Depois o Palminha se aproximou de mim e me deu um tapa forte na cabeça sem me machucar. Agarrou-me pela mão com energia e tentou arrastar-me para o meio da sala, o

que não conseguiu porque eu me agarrei à cadeira com o fim de brincar com ele, resistindo-lhe. Como insistisse muito, levantei-me e fui com ele segurando-lhe no pulso com uma das mãos, enquanto ele com a outra mão segurava por sua vez o meu pulso livre.

Pude sentir-lhe o físico e a estatura e posso afirmar que era bem diferente do Fábio. Sua voz, especialmente, era absolutamente diversa.

Brincamos, agarramo-nos, eu também lhe dei alguns tapas na cabeça. Finalmente, ele me conduziu no escuro e sem errar sentou-me exatamente no lugar em que eu estava e onde se encontrava minha cadeira-poltrona vazia.

Ao meu lado estava o Edgar, que devia ter uns doze anos. O Palminha começou a brincar com o Edgar. Em dado momento até, agarrou-o com ambas as mãos e elevou-o acima de sua cabeça, até quase o Edgar tocar o teto da sala. Verificamos isso pela gritaria que o Edgar fazia e porque o próprio Edgar gritava:

— Eu vou bater no teto, eu vou bater no teto!

O Edgar ria e sentia cócegas. O Palminha conduziu-o pela sala, "pintou" com ele.

O Edgar não se amedrontou e retribuiu a brincadeira, agarrando-o também com as mãos, etc. etc.

Após isso, o Palminha resolveu brincar comigo de novo. Já agora com brincadeira diferente.

Agarrou minha poltrona, que era uma dessas de fibra fabricada nas Neves, e arrastou comigo e tudo para o meio da sala.

Depois, colocando-se atrás de mim, empurrou minha poltrona em diversas direções, de maneira que eu ia "trombar" nas pessoas que estavam sentadas na sala, espremendo-as nas paredes sem contudo magoá-las.

Nessa hora, a algazarra era geral.

E assim o Palminha fez sucessivamente. Eu saí da cadeira e ele colocou ora um ora outro assistente, realizando com todos a mesma brincadeira. Em dado momento eu tive uma idéia e disse-lhe:

— Palminha, eu desejava fazer uma experiência com você. Será que você não poderia ficar sentado na cadeira e eu o empurrarei?

Ele riu alto e aceitou:

— Pode sim.

Sentou-se na poltrona e eu comecei a empurrá-lo em todas as direções. Notei que pesava mais ou menos como um homem normal.

Dirigi a poltrona em todas as direções reproduzindo o que ele fizera conosco.

Mas aconteceu o inesperado. Como estava escuro, eu perdia a noção de posição dentro da sala. Não sabia mais onde estavam as portas, os móveis, etc. e foi nessa hora que o Palminha resolveu me fazer também um pedido:

— Ranieri, leve-me com cadeira e tudo para dentro da cabina.

Eu não sabia mais onde ficava a passagem para a cabina. E a cabina consistia apenas numa cortina que dividia e separava uma sala grande ao meio. Era a sala de jantar e uma copa ligadas por arco. A copa era a cabina e a sala o recinto para os assistentes.

Encaminhei a poltrona com o Palminha sentado numa direção e atingi os assistentes; dirigi noutra, e tornei a atingir os assistentes e assim sucessivamente. Já estava desanimado quando o Palminha deu uma gargalhada e disse:

— Pode deixar que eu lhe mostro onde é o caminho.

Dizendo isso, levantou-se da poltrona, tomou-a nas mãos e movimentou-a no ar colocando-a com ruído no chão em determinada direção, diferente daquela em que estava. Depois sentou-se e disse:

— Empurre que o caminho é esse.

De fato, eu empurrei a poltrona e fomos passando através da cortina penetrando na cabina. Lá dentro estava o médium gemendo baixinho.

Chegando lá, o Palminha, rindo ainda, tomou-me pela mão e veio colocar-me em meu lugar de novo.

Depois disso, muitos outros fenômenos notáveis se realizaram. Mas esse chega como um fato cheio de valor. E vamos, portanto, analisar o que há de interessante nele, segundo a nossa maneira de ver.

Desejamos ser leais, sinceros, para com os homens, por isso, descrevemos a mais absoluta realidade. Esse fenômeno, esses trabalhos com o Palminha, se deram em completa escuridão. Não havia sequer a lâmpada vermelha. Analisemos contudo as condições de veracidade do fenômeno:

1º — O Palminha realizou conosco brincadeiras de grande intimidade. Pegamos-lhe na face, nos cabelos, nos braços, nas pernas. Agarramo-lo enfim. Penso eu que mesmo no escuro, se fosse o "médium fingindo de espírito" nós o reconheceríamos. Posso afirmar no entanto que não era o rosto do Fábio, nem o seu cabelo ou os seus braços e mãos. As mãos principalmente eu as tive comigo muitas vezes. Se estivesse disfarçado nós teríamos arrancado os seus disfarces porque eu pelo menos agarrei muitas vezes os seus cabelos com violência e procurei arrancar-lhe o que encontrava da mesma maneira que ele estava me pegando. Nada todavia foi arrancado.

2º — Dando-lhe tapas e beliscões, apertando-o inesperadamente, sem que ele também soubesse o que iríamos fazer, arrancamos-lhe gritos e gargalhadas "**espontâneos**". Seria impossível, "se ele fosse o médium fingindo de espírito", que pelo menos em um momento desses, quando atacado onde não esperava, não se denunciasse soltando uma exclamação, um grito, uma gargalhada "na voz natural do médium".

3º — Quando me indicou o caminho, a mim que conhecendo a casa há cinco ou seis anos, estava perdido, certo, exato, que conduzia para a cabina e quando me trouxe de volta pela mão, deu-me a prova irrefutável de que enxergava no escuro como se fosse de dia.

• • •

Esses são os argumentos que apresento. Outros mais atilados do que eu, aqui nesta mesma descrição, poderão encontrar outros argumentos ainda. Pelo que se viu, os espíritos em nosso tempo, desafiando o riso irônico da ciência humana, cada vez mais se misturam com os homens, dando-lhes provas incontestáveis da existência do mundo invisível. De que valerá aos homens negarem? Fato é fato. E esses fenômenos continuarão a realizar-se cada vez com mais intensidade. Futuramente "se realizarão nas praças públicas" e "os espíritos falarão ao povo das tribunas armadas pelas ruas".

Lembra-nos a visita íntima e estrepitosa do Palminha à visita suave de Jesus aos discípulos, quando pediu e comeu peixe com eles. Os espíritos demonstram-nos assim que, materializados, poderão apresentar-se como se fossem homens de verdade.

Quanta alegria não deve sentir a humanidade quando sucedem em nossa época fatos dessa natureza!

No entanto, nós sabemos que a maioria das religiões que afirmam e pregam a imortalidade da alma como princípio de sua doutrina, essas mesmas religiões que deveriam receber de braços abertos, em triunfo, a Nova da Imortalidade, fecham-se em si mesmas ou combatem o Espiritismo, temerosas talvez de perderem o governo material do mundo.

Não investigam, não procuram compreender. Sufocam os seus adeptos nas garras da ignorância. Então para que

afirmam elas que a alma é imortal? Seria melhor que riscassem de suas páginas essa proposição, porquanto no momento em que a alma humana, voltando das galerias da morte, aparece em todo o esplendor para provar que o que essas religiões preconizam é a verdade, elas se limitam a rir e a combater.

Isso também de nada valerá. Quanto mais tempo persistirem em negar, maior será a sua derrocada. No dia em que a humanidade em massa aceitar os fenômenos mediúnicos como verdadeiros, até o que essas religiões tiverem de bom será recusado. Os homens compreenderão durante quanto tempo foram enganados por aqueles que se dizendo representantes do Cristo não têm sido mais que representantes de si mesmos, dos seus interesses inferiores e das suas paixões.

Aí então haverá o ranger de dentes. Os negadores compreenderão também que durante milênios enganaram-se a si mesmos e que todo o ouro do mundo não bastará para compensar o seu sofrimento.

Lembrar-se-ão de Jesus quando disse aquelas palavras de fogo:

— "De que vale a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"

XVII. Aparelhos Semelhantes aos do "André Luiz"

A observação comparativa do que se tem realizado com estes dois médiuns, Fábio e Peixotinho, deve naturalmente nos fazer pensar muito, antes de negar os fenômenos, se realmente estamos em busca da verdade.

Não se deve esquecer de que até o momento em que assisti às reuniões com o Fábio, este médium não assistira nenhuma reunião de materialização com o Peixotinho. Portanto, por mais que ele tivesse ouvido falar nos trabalhos realizados pelo Peixotinho, seria humanamente impossível reproduzir os mesmos aparelhos com semelhança profunda, além dos já referidos espíritos iguais. E no entanto é o que tem sucedido nas reuniões do médium Fábio, ou seja do Grupo Irmã Scheilla. Os espíritos aparecem conduzindo aparelhos às vezes iguais aos do "André Luiz" e outras vezes, aparelhos semelhantes.

Desse modo, tive oportunidade de ver no Grupo Scheilla os espíritos materializados levando os aparelhos de luz verde, aos quais atribuem o poder da radioatividade. Vi também aparelhos de luz vermelha semelhantes aos do "André Luiz". Aplicam os **mesmos aparelhos** para **as mesmas doenças**, tudo exatamente como o fazem os espíritos no "André Luiz" e **tomam as mesmas** precauções.

Numa das últimas reuniões, tive a surpresa de ver os letreiros luminosos. Os espíritos do Grupo Scheilla já começaram a apresentar os primeiros letreiros, absolutamente iguais aos apresentados no Rio de Janeiro.

Pode alguém imitar outrem, se não fosse realmente verdade, com tal perfeição? E imitar sem jamais ter visto, sem jamais ter assistido?

Pela natureza dos fenômenos eu posso afirmar que não. Não é possível imitar nessas condições.

A verdade salta aos olhos como única solução. Estamos diante do mesmo grupo de espíritos realizando, noutro local, os mesmos trabalhos, com a mesma técnica de organização dos serviços e mesma orientação.

São breves observações que fazemos para que se grave no espírito do leitor a certeza de que nós não estávamos cegos ou alucinados, mas olhando, vendo, enxergando, observando, experimentando e comparando.

Este livro poderia ser um livro cheio de documentação para convencer os incrédulos, mas não o quisemos realizar assim por dois motivos: primeiro porque sabemos que há um companheiro nosso do "André Luiz" que há muito tempo está reunindo material para confecção de uma obra absolutamente documentada. Não pretendemos tomar-lhe a frente. Quando nós chegamos para assistir às primeiras reuniões ele já estava lá há muito tempo. Apesar de que podemos esclarecer que a referida pessoa não assistiu às reuniões a que assistimos na totalidade, mas assistiu a uma ou outra. Anteriormente a nós, porém, já havia assistido a reuniões importantíssimas.

Segundo porque preferimos a técnica dos Evangelhos e dos Evangelistas: escrevemos para aqueles que já sonham e esperam o Reino de Deus, para aqueles que sendo de Cristo ainda lutam na incerteza e na certeza, seduzidos pelo mundo quando desejariam entregar-se a Jesus. Para esses, cris-

tãos indecisos, é que relatamos estes fatos. Os outros, naturalmente, terão que aguardar a ação benéfica do tempo, que amadurece o espírito para as coisas divinas. Não se lapida um diamante com conversas, mas sim com esmeril. Sem ser bastante esmerilhado pela dor, pelo sofrimento moral, pelo tempo que não cessa de modificar nossas atitudes mentais, não poderemos compreender a Vida Imortal.

De nada adianta mostrar fatos a quem não pode crer porque ainda não evoluiu bastante para compreendê-los. "O Reino de Deus é como um grão de mostarda..." Só os que já viveram bastante no campo do espírito podem entender bem as palavras de Jesus.

Na estrada de Emaús os próprios discípulos não reconheceram o Mestre que convivera com eles tanto tempo.

A Ressurreição do Cristo ainda é motivo de contendas e discussões acaloradas. O Mestre no entanto espera paciente a ação inflexível do tempo. Espera há dois mil anos.

Nós, satisfeitos com o que temos recebido, transmitimos aos outros o que vimos e esperaremos também o tempo que não cessa.

XVIII. Os Pingos de Luz

No Evangelho de Cristo, a luz é a primeira qualidade. Jesus refere-se aos **filhos da luz** e se diz a luz do Mundo.

As trevas que ensombram o mundo vão diluir-se lentamente à passagem de seus raios luminosos. No Tabor, os discípulos encontraram o Mestre transfigurado e envolto em claridades divinas; na Estrada de Damasco, um clarão celeste cega os olhos de Saulo; em forma luminosa desce um espírito à prisão e salva Pedro; as mulheres ao visitarem o túmulo do Senhor, encontraram dois varões de vestes resplandecentes e na última hora do Calvário, um raio rasga o véu do Templo de Jerusalém. O Reino de Deus é, pois, o Reino da Luz. De lá vem a claridade que traz a serenidade e a paz.

A luz encerra força e poder, energia e libertação. Os homens costumam buscar a liberdade, mas os verdadeiros servos de Cristo procuram alguma coisa mais, procuram luz.

Assim, tanto é feliz o escravo como o homem livre, porque só é verdadeiramente livre quem está iluminado pelas claridades de uma nova vida interior.

Também, no nosso tempo, os espíritos têm revelado ao homem a luz que existe no plano invisível, além do túmulo.

Luz para os olhos cegos de todos os que erigiram as pequenas coisas transitórias do mundo como necessidades inadiáveis. Para os que se agarram como lesmas às pedras dos caminhos humanos e só enxergam a marcha de seus negócios como único interesse capaz de seduzir-lhes a atenção. Esses, no entanto, possivelmente continuarão a viver nas trevas, satisfeitos consigo mesmos e com a sua consciência, esquecidos de que a vida terrestre é apenas um minuto na eternidade. Não devemos, contudo, condená-los. Como condenar quem ainda não tem olhos para ver e nem ouvidos para ouvir?

Por isso, há dois mil anos Jesus já ensinava: "Quem tem ouvidos de ouvir que ouça!" Isto é, quem já evoluiu bastante e possui ouvidos espirituais, capacidade espiritual para assimilar, para compreender, que compreenda. Os outros que esperem a ocasião.

• • •

Continuei a assistir às reuniões do Grupo Scheilla com o Fábio. Nesta noite, como sempre, tivemos numerosas provas e demonstrações da espiritualidade.(*) Era porém dia dedicado quase que exclusivamente ao serviço de cura e nesse dia os espíritos geralmente conversam pouco, não fazem pregações como que evitando muito rumor. Pedem em geral que os assistentes se alternem fazendo comentários evangélicos, ou orando ou mesmo tendo um pensamento de amor para os que sofrem.

Digna de relatar-se é a prova que os assistentes às vezes têm de dar de desprendimento e sacrifício pessoais.

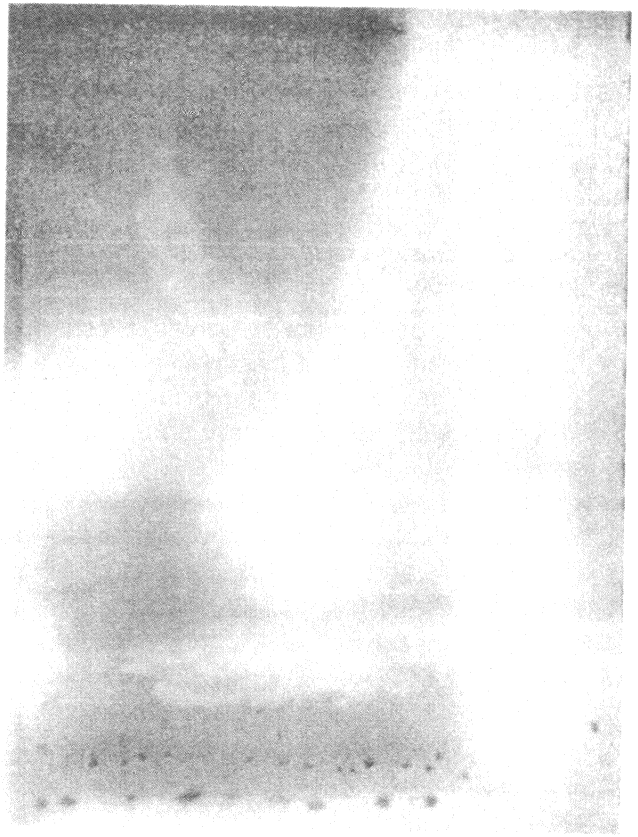
É natural que todos os presentes à reunião tenham o desejo de permanecer até o fim no recinto, convivendo com os

(*) Vide Fotos 29 e 30 nas páginas 124 e 125.

espíritos, vendo-os, admirando-os. Acontece, porém que o Grupo tem uma finalidade mais alta que é de aliviar os sofredores da carne. É comum ter-se algum doente mais grave presente aos trabalhos para receber diretamente as aplicações dos aparelhos de radioatividade. Há, todavia, maior quantidade de doentes que não podem ou não devem vir ao ambiente das reuniões, por razões várias: não estão em condições emocionais, ou mesmo psíquicas ou não há necessidade de virem às reuniões porque a doença não é tão grave. Assim, pois, que a reunião começa, o Zé Grosso ou outro espírito qualquer materializado vem à sala e indica: fulano, beltrano e sicrano deverão sair da reunião e ir à casa do doente tal, na rua tal, fazer ambiente. Isto quer dizer que as pessoas indicadas vão durante o horário em que decorrem os trabalhos espirituais se concentrar junto a um determinado doente, em sua casa, orar e fazer comentários evangélicos, preparando desse modo um ambiente que permita a aproximação dos espíritos que virão do Grupo Scheilla, conduzindo fluidos dos presentes ou aparelhos para a cura. Têm-se dado casos em que os espíritos se materializam na casa do doente com surpresa de todos, mas esse caso é mais raro. Com o médium Peixotinho dizem que se deram casos dessa natureza, eu não assisti a eles. Os assistentes não discutem e obedecem às ordens. Renunciam assim ao prazer de ver espíritos para realizar o verdadeiro trabalho cristão que é o de amparar os que sofrem e esclarecer os que não compreendem. Trabalho árduo e que exige certa dose de coragem moral, visto que muitas vezes o doente que recorre ao Grupo é de outra religião, assim como todos os seus, não toleram o Espiritismo, mas recorrem a ele em último recurso, após verem esgotadas todas as esperanças nos médicos do mundo.

Penetra-se em ambiente agreste, em que muitas vezes há sorrateiros fechar de portas e olhares furtivos pelas frestas. Mas o verbo humilde do Cristianismo redivivo eleva-se no silêncio da noite como a voz dos irmãos que surgem para

ECTOPLASMA E ESPÍRITOS
Foto nº 29 — Fotografia Transcendental feita no "Grupo Scheilla" — Vendo-se ao alto e no meio grande massa branca de ectoplasma onde aparecem alguns rostos de espíritos. E em baixo, nos cantos dos ângulos, duas feições de espíritos: uma de homem e a outra de mulher.



FLUIDIFICAÇÃO DE UM HOMEM
Foto nº 30 — Fotografia Transcendental feita no "Grupo Scheilla". Vendo-se sobre a mesa, em que se deitou o sr. Jair Soares, no lugar dele, uma massa parecendo um tapete e acima duas figuras luminosas, assemelhando-se a tubos que, dizem os espíritos, são os braços do Jair fluidificados.
No alto à esquerda, uma espécie de mão.

aliviar o irmão, dos amigos que aparecem para pedir para um amigo. A fraternidade estabelece-se de qualquer forma e tanto penetra no palácio dos potentados como nas choupanas humildes dos pobres.

• • •

Nessa noite fora-me reservado assistir a um acontecimento simples, mas surpreendente.

Após atender aos doentes presentes, o espírito de Joseph Gléber aproximou-se da fila onde eu estava (o leitor que me perdoe essas referências a mim mesmo quando descrevo as reuniões e só me refiro a isso porque estou descrevendo fenômenos que vi e é para que o leitor saiba que tudo se passou sob os meus olhos. Naturalmente, já naquele tempo sabiam os espíritos que eu tinha a responsabilidade de contar aqueles fatos para o público), numa das mãos trazia um copo de água cristalina e na outra um pequeno aparelho luminoso que lhe iluminava a figura de espírito na região do peito e iluminava o copo.

Disse ele:

— Vamos preparar um remédio para o doente **fulano de tal**.

Dizendo isso, elevou o aparelho luminoso a uma altura de um palmo mais ou menos acima da boca do copo e daí a instantes nós vimos, como de um conta-gotas, cair um pingo de luz. O pingo descreveu, luminoso, a pequena trajetória e caiu no fundo do copo. Houve então uma espécie de pequena explosão dentro da água, efervescendo esta e subindo no copo ao mesmo tempo que se tornava totalmente rósea.

O espírito tomou outro copo de água e com o mesmo aparelho repetiu a operação e desta vez, **do mesmo aparelho**, saltou um pingo luminoso de luz azul. Outro copo, e do mesmo aparelho saltou um pingo de luz verde. Diga-se que

cada copo de água era para um doente diferente, com enfermidade diferente.

Em todos os casos houve a surpreendente explosão de colorido fosforescente. E o espírito repetiu isso numerosas vezes. Esses remédios assim produzidos eram colocados em garrafinhas e enviados aos doentes e todos eles melhoravam com o uso desses medicamentos.

Vi muitos desses vidros e posso afirmar que a cor que a água recebia permanecia inalterada.

Eis pois uma das formas pelas quais os espíritos vêm preparar remédios na Crosta da Terra e isso nos suscita um mundo novo de considerações.

Ficamos a pensar o que não será a medicina do futuro e ficamos a pensar qual será o valor da ciência humana quando se encontrar em face desse universo de ciência divina.

Não terá, é certo, um valor absolutamente nulo, porque há muitas aquisições nobres e verdadeiras na ciência da Terra, mas será infinitamente pequena e sem importância diante dos métodos renovadores. E meditamos ainda no quanto adiantaria a medicina "se os médicos orassem" como bem exclamou André Luiz, se os médicos procurassem compreender a espiritualidade e buscassem colocar-se sinceramente, humildemente, em contato com as forças que existem do lado de lá.

"A ciência dos sábios será confundida", essa foi a afirmativa do Mestre. Ele não disse que a ciência dos sábios **poderá** ser confundida, Ele disse seguramente: **será confundida.**

Para mim, em vista do que presenciei, não tenho dúvida alguma, será mesmo confundida. Os sábios cairão das nuvens de seus métodos complicados ou como se diz na linguagem comum do nosso tempo: "perderão o rumo".

Mas, perguntará o leitor, e se existe tudo isso, por que os espíritos não entregam imediatamente esse tesouro a

toda a humanidade, em vez de se limitarem a mostrá-los a "alguns privilegiados", é justo isso?

A humanidade ainda não está em condições de receber de modo total essas revelações, mas o tempo se aproxima em passos de gigante. É preciso esperar, mas depois da espera "não ficará pedra sobre pedra", "o que o Pai não plantou será arrancado".

O que existe na espiritualidade pelo que pudemos observar é quase inacreditável e pode ser trazido à Terra, mas tudo isso depende do progresso espiritual do homem. Deus não entrega sem mais nem menos armas a crianças mentais, aparelhos de forças poderosas e, se capazes de trazer felicidade e saúde ao mundo, também capazes de destruir pela natureza mesma das forças que emitem. Não podem entregá-los a homens que ainda erigem a destruição e a guerra como única fórmula de resolver os seus conflitos, que não têm vergonha de destruir cidades indefesas, trucidando crianças, mulheres e velhos.

Homens que massacram os pregadores das verdades eternas e derribam os templos da arte e da beleza. Seres que infelizmente convivem, neste mesmo século vinte, nas regiões mais escuras da mente viciada pelas paixões e pelos instintos bestiais.

Não. Só alguns, só uma minoria, só os de boa vontade, só os que já desejam ser bons, podem entrar em contato com as legiões do bem que enchem o mundo com as primeiras vozes gloriosas de uma Nova Era e de uma Nova Vida, no alvorecer de uma Nova Humanidade e de uma Nova Civilização.

XIX. A Dança de Maria Alice

A convivência que tivemos com os espíritos materializados no "André Luiz" e no "Grupo Scheilla" era tão íntima e tão constante que eles se tornavam para nós como que em verdadeiros seres humanos. Nós os tínhamos seguidamente em contato conosco, pedíamos-lhes conselhos, fazíamos-lhes perguntas acerca de tudo e de todos como se conversássemos com homens da Terra. A naturalidade de que davam mostra tornavam-nos principalmente seres identificados conosco.

Às vezes realizavam coisas absolutamente iguais às que praticamos aqui no mundo, com a mesma facilidade e desenvoltura. Já contamos que no "André Luiz" havia um exímio artista japonês que produzia retratos notáveis em aquarelas e que no "Grupo Scheilla" existia outro que desenhava com perfeição. Esses eram trabalhos que demonstravam não somente a capacidade artística dos espíritos, mas demonstravam ainda que no nosso plano mesmo eles poderiam vir igualar-se conosco.

Não estávamos, portanto, em conto com seres diabólicos, usando a expressão da Igreja, mas com seres tão humanos quanto nós. Toda a sua orientação era para o bem e se eram o "Diabo", podemos usar as palavras de Cristo: "Sa-

tanás estava lutando contra si mesmo; o seu reino seria dividido e em breve ele estaria vencido". Isso porque os conselhos que nos davam eram sempre da mais pura e elevada moral evangélica.

Eu sou de uma tradicional família católica, habituada a freqüentar a igreja desde as horas crepusculares da manhã e posso afirmar que dentro da igreja não há mais moral do que dentro dos centros espíritas bem organizados. A moral espírita é a verdadeira moral de Cristo, exatamente como está no Evangelho. O intercâmbio dos espíritos com os homens é portanto o maior acontecimento de todos os séculos, maior que a descoberta do avião, do radar, da bomba atômica, da bomba de hidrogênio e de tudo o que se possa ter descoberto ou que se venha a descobrir no futuro. Abriram-se de par em par as portas de dois mundos. As legiões de Cristo atravessam essas portas vindas das regiões da vida eterna.

O homem que possuía diante dos olhos assombrados as perspectivas sombrias do nada, do inferno para a quase totalidade ou do Paraíso para uma minoria privilegiada, ressurge com novo raio de esperança no olhar que se apagava. É a vida que vem despertá-lo para a Vida e aquelas consoladoras e proféticas palavras de Paulo que se cumprem:

— A morte foi tragada na vitória! Onde está, ó morte, a tua vitória?

É a destruição da morte ou melhor, o temor da morte que se vence para sempre.

• • •

Tive, desse modo, a alegria de conhecer um espírito que veio dar uma noitada diferente aos fenômenos a que eu havia assistido até ali.

Era Maria Alice. Pelo que parece, Maria Alice apresentava-se como mocinha de uns 16 anos de idade. Talvez menos.

A primeira vez que eu a vi se manifestar foi assim.

Como sempre, a reunião já ia em meio e numerosos outros espíritos haviam-se materializado. Zé Grosso com sua alegria severa, Palminha com seus gritos estrepitosos, Scheilla com a serenidade austera de quem tinha a responsabilidade do Grupo.

Deram-se porém notícias de que iam auxiliar doentes em pontos afastados da cidade. Preparamo-nos mentalmente para ajudá-los com a boa vontade cristã, mas logo após começamos a ouvir rumor estranho na cabina. Ouvíamos o som distinto de um sapateado como se alguém estivesse dançando.

Os assistentes habituados com aquela manifestação, exclamaram:

— Maria Alice!

De fato, daí a instantes ouvimos o retinir forte de um pandeiro que girava no ar marcando o compasso e uma figurinha leve veio para o meio da sala, próxima a nós, dançar e sapatear. O sapateado, alto, marcado e perfeito, ressoava na sala e o pandeiro repicava no ar como que vibrado por mão habituada a manejá-lo. E o espírito continuou a dançar sapateando em todas as direções, ora aproximando-se de um assistente, ora se aproximando de outro. Cinco, dez, quinze, vinte minutos se passaram.

E a dança de Maria Alice continuava imperturbável. Uma hora, hora e meia, duas horas, talvez mais. E a dança continuava no mesmo ritmo, certo, preciso, exato. Não se lhe notava cansaço algum. Imperturbável sempre. O pandeiro batido nas palmas das mãos seguia a sua marcha inexorável.

Estranha sonolência invadiu os assistentes.

Tínhamos a impressão de que estávamos enfraquecendo, que vigorosas energias nos estavam sendo tiradas, que um polvo fabuloso nos sugava pouco a pouco. E Maria Alice dançava como se fosse máquina de dançar. Ninguém porém dormia. Mas também não estávamos num estado que fosse o de descanso ou de acordados. Sentíamo-nos flutuar.

Tive logo a idéia de que a dança não era simples divertimento para nós, mas era um meio usado para canalizar nossos fluidos para os doentes. À nossa frente estava um espírito de menina que dançava. Em pleno século vinte os espíritos vinham dar um espetáculo de dança para nós.

Quem diria? Um espírito dançando, tocando pandeiro...

Depois, Maria Alice foi-se afastando, penetrando na cabina. Seu sapateado foi enfraquecendo. A proporção que ela se afastava do ambiente nós sentíamos rapidamente o despertar.

Quando o sapateado e o pandeiro pararam, estávamos normalíssimos e foi uma chuva de comentários em torno do fato.

Imediatamente apareceu o Zé Grosso que veio conversar conosco.

Perguntei-lhe então a respeito da Maria Alice:

— Diga-me uma coisa, Zé Grosso, quando a Maria Alice dança há alguma finalidade nessa dança?

— Há sim — respondeu ele — nessa hora os espíritos médicos ligam umas "tomadas" em vocês e levam os fluidos de vocês todos para os doentes. Nós somos sanguessugas...

Aí estava a explicação da dança. Além do fenômeno interessante de um espírito dançar e tocar pandeiro, havia nessa dança o objetivo de se transmitirem fluidos a doentes situados em lugares distantes.

Nós tivemos o espírito próximo de nós durante duas horas e mais, pudemos observar-lhe detidamente o sapateado e ouvir-lhe as batidas do pandeiro. Era mesmo alguém diferente do médium Fábio, alguém mais leve e mais ágil. Desse espírito foi feito um interessante retrato pelo Uemoto. É mocinha de fisionomia agradável. O resto da reunião não tem importância alguma.

Esse foi o ato culminante. Fato que nos arrasta sempre à meditação nos ensinamentos de Cristo e que nos põe diante da seqüência dos séculos como rebeldes que vivendo em inumeráveis épocas se obstinam em permanecer no mal.

Presos às paixões vulgares, acreditamos que o mundo é tudo e pouco nos importa a partida para o invisível. Os ricos no meio de seus tesouros julgam-se donos da vida e supõem talvez que o seu dinheiro resolva todos os problemas. Os pobres sonham uma transformação mundial para que eles possam se "tornar felizes" sob um governo diferente. Todos inconscientes do seu verdadeiro destino na Crosta Terrestre. No entanto o Mestre dissera: Eu sou o único Pastor. Eu sou a Porta da Salvação. Ninguém vai ao Pai a não ser por MIM.

Ninguém se libertará dos sofrimentos, isto quis Ele esclarecer, se não aceitar o que ensina e se não viver o que nesses ensinamentos existe.

Ou o homem se interessa pela sua própria destinação após a morte ou terá que aceitar novas disposições drásticas que virão dar à Terra em futuro não muito remoto, uma nova direção. Ou evoluímos, ou progredimos, ou modificamos o nosso íntimo ou seremos atirados "nas trevas exteriores".

Ora, para quem já vive em trevas interiores ser atirado em trevas exteriores é ser colocado em lugar pior do que aquele em que está.

O mundo tem atingido o auge do desespero e da dissolução moral, mas isso não é o fim, como predisse Jesus, mas o começo das dores.

Que cada um procure ouvir a voz daqueles que desde o começo do mundo vêm orientando a humanidade para o mais Alto.

Homens como Sócrates, respeitados por toda a humanidade, diziam humildemente que tinham um espírito familiar para orientá-los; Hipócrates, a mesma coisa e dentro da própria Igreja de Roma todos os seus santos nos deram provas de que foram médiuns, que ouviram ou ouviram espíritos ou se quiserem "anjos". Joana D'Arc conversava com vozes...

Já é tempo de que o pensamento infantil criado no mundo pela Igreja Católica desapareça para que o homem se emancipe e se torne capaz de procurar a Verdade onde ela estiver. Não condenamos a Igreja nem temos nada com ela. Cada um assuma diante da sua consciência e diante do Criador a responsabilidade de seus atos, mas em nome do Espírito Humano, em prol dessa Humanidade que sofre nas angústias da Dúvida Cruel e desoladora é tempo de dizer: Igreja, cala a tua boca que não se cansa de negar a comunicação dos espíritos iluminados, Mensageiros de Cristo, com o homem, verme da Terra, mas herdeiro de Cristo.

Cala a tua boca porque não estás falando a verdade e estás concorrendo para que os teus próprios filhos permaneçam na ignorância e no temor. Emerge de ti mesma, renovate, aceita a Verdade e incorpora-te à grande legião dos simples e dos humildes; distribui as tuas riquezas materiais, torna-te digna de Cristo, se queres viver mais alguns séculos.

XX. Dois Espíritos ao Mesmo Tempo: Zé Grosso e Palminha

Dificilmente deixam os maiores médiuns de serem acusados injustamente de mistificadores e exploradores da credulidade pública por indivíduos que se dizem não satisfeitos com os resultados de experiências que fizeram. Esses são as mais das vezes padres que acreditam, negando, estar defendendo a religião Católica e médicos que não podem aceitar a idéia de espíritos que venham do outro mundo fazer-lhes concorrência. São, pois, os dois maiores adversários da mediunidade: os padres e os médicos. De um modo geral, porque há padres que acreditam nos fenômenos espíritas e médicos que pertencem às fileiras do Espiritismo. Daí o exigirem que as materializações se revistam de condições tais e não deixem dúvida. Portanto, numa reunião de pessoas idôneas, honestas, responsáveis, não se poderá vir a duvidar do médium. O médium todavia constitui uma só pessoa. Julgamos então que em sessão de materialização em que se materializam duas ou mais entidades ao mesmo tempo, a possibilidade de "tapeação" fica reduzida ao mínimo.

• • •

Como vimos, quando tratamos das manifestações do Peixotinho, em certa ocasião, o espírito Zé Grosso apareceu materializado conduzindo o espírito de Heleninha em forma de criança, minha filha na Terra, pela mão. Agora vamos descrever em traços rápidos, outro trabalho semelhante, porém no Grupo Scheilla e com o médium Fábio.

• • •

A noite ia em admirável movimentação mediúnica. Trabalhos diversos haviam sido realizados, aplicações de radioatividade feitas nos doentes. Nessa noite tivemos outro tipo de aplicação de radioatividade. Não traziam os espíritos aparelho propriamente, mas uma espécie de pedaço de algodão luminoso, verde-claro.

Aproximando-se do doente, com um gesto rápido das mãos, distendiam o algodão de modo que ele se tornava uma faixa luminosa, brilhando no ar. Assemelhava-se a essas faixas de pano de envolver recém-nascidos.

Com elas faziam aplicações radioativas na cabeça, barriga, peito, etc. dos doentes.

Além dessa faixa, o Zé Grosso apresentou-nos uma espécie de folha de papel um tanto dura e parecendo metálica da mesma cor verde-clara e com a qual fazia as mais variadas aplicações e empregos.

Estava o Zé Grosso materializado quando ouvimos rumor e vozes na cabina. Zé Grosso caminhou em direção, pois estava no meio da sala. E estabeleceu um diálogo com o espírito que estava dentro da cabina. Ouvia-se perfeitamente a voz de um e a voz de outro. Ouvia-se o passo rápido do Palminha, que era quem estava na cabina e o rinchar forte das botinas do Zé Grosso. Trocavam palavras que se ouviam bem. As vozes eram absolutamente diferentes.

Neste caso, ambos estavam materializados, mas eu não os vi juntos como no caso de Heleninha e Zé Grosso. Mas ouvi perfeita e absolutamente o diálogo que durou uns 3 a 4 minutos. Zé Grosso dava ordens ao Palminha e este se explicava. Não estavam conversando para nós, mas tratavam de assunto referente ao serviço espiritual deles.

Eram dois espíritos distintos conversando.

Para os que não crêem, isto não vale nada e importa muito pouco, mas eu estou escrevendo apenas para aqueles que esperam em Cristo e que não tiveram a ventura de presenciar fenômenos dessa natureza. Para esses que, aceitando a doutrina de boa vontade, às vezes dizem a si mesmos:

— Meu Deus, será que creio numa coisa que existe? Eu nunca vi nada!

Para esses é que quero gastar o meu tempo, para que eles saibam que muitos viram de modo incontestável.

Os outros buscarão e encontrarão. Se, porém, preferem a dúvida, o que vamos fazer? Morrerão em suas dúvidas.

Penso que deve haver um limite para as dúvidas humanas. Numa delegacia de polícia estamos acostumados a distinguir facilmente o testemunho falso do verdadeiro, a declaração exata da inexata.

Se querem saber quais os homens que cuidaram dos fenômenos espíritas, no mundo, e concluíram que são verdadeiros, leiam os livros de Carlos Imbassahy e Pedro Granja e terão uma lista enorme dos maiores e mais respeitáveis sábios da Terra.

Não cito aqui porque seria repetir o que esses autores já disseram. Relato o que vi. Se quiserem acreditar, melhor, e se não quiserem, lamento a obstinação. Ninguém, contudo, está proibido de investigar e verificar por si mesmo os fenômenos espíritas.

Aliás, é o que se haveria de mais desejável. Que cada um procurasse por si mesmo. Enquanto não fazem isso, têm

que se limitar a ouvir os que depois de verem e apalparem se sentem no dever moral de contar aos outros homens.

Os Tomé não desaparecerão da face da Terra tão depressa, nem por isso Jesus os desprezará. Haverá um tempo em que o Senhor lhes aparecerá em toda a sua luz e lhes dirá: **Tocai-me aqui, apalpai as minhas chagas e vede bem que sou eu!**

Nessa hora, se não forem tão obstinados, cairão de joelhos como o convertido de Damasco e gritarão ao orbe a sua alegria sem fim.

Uma ressurreição interior lhes tomará conta da vida e serão bem-aventurados. Para todo o ser há o momento de despertar. É o amanhecer da mente que começa a sentir as primeiras necessidades espirituais. Busca os raios do sol, procura as gotas da chuva. Quer ar. Sente ânsia de libertação.

Esse é o instante do encontro com o Mestre. Não há outro.

Desejar convencer os que ainda estão presos às ilusões do mundo, é querer arrancar o brinquedo das mãos da criancinha inconsciente e entregar-lhe um livro.

Cada instante tem as suas exigências. Respeitemos a **idade mental** de cada um, embora semeando e espargindo aos quatro ventos a nossa luz, os nossos tesouros que são na verdade os tesouros de Cristo.

Esperemos que aprendam a caminhar.

Se não podem ingerir alimentos fortes, demos-lhes leite, como aconselhou sabiamente Paulo.

Toda violência à consciência alheia é uma violência às leis universais. Respeitar a maneira de pensar dos outros é pôr-se em harmonia com o Criador que nos espera sempre.

TERCEIRA PARTE

Dezembro de 1950

Fenômenos de materialização realizados através da mediunidade do Peixotinho e do Fábio

XXI. Novamente com o Peixotinho

Em dezembro de 1950, dia 7 de dezembro, estando em gozo de férias regulamentares de minhas funções e encontrando-me no Rio de Janeiro, tive oportunidade de mais uma vez assistir à reunião com o Peixotinho. Na realidade, nós não o esperávamos. Peixotinho estava em Macaé. Fomos à reunião costumeira de tratamento do **André Luiz**. Vinte a vinte e cinco pessoas.

Este livro já estava escrito até o capítulo vinte. Acreditávamos que nada mais nos restaria a dizer e apenas desejávamos acrescentar algumas outras observações que consideramos interessantes, feitas no setor da mediunidade, com outros médiuns. Um pequeno complemento com o fim único de que essas observações não se perdessem. E isso pretendemos fazer. Não tem por certo o valor dos capítulos anteriores, o que será relatado no capítulo XXIII e seguintes, mas nem por isso deixam de ter certa importância. São fenômenos de outra natureza, de modalidade diferente. Alguns de natureza mais intelectual. Repentinamente, porém, surgiram duas reuniões que nos forneceram material interessante para dois breves capítulos. Têm além disso o sabor da atualidade e vêm confirmar as observações precedentes já feitas há mais longo tempo. Sentindo, desse modo, a responsabili-

dade de quem escreve para os que não viram ou experimentaram, mentalmente desejamos que o Peixotinho estivesse presente à reunião da noite.

Desejávamos pedir aos espíritos materializados a sua opinião a respeito do livro e a sua autorização para publicá-lo, pois não é nosso desejo levar, com a publicidade, a perturbação aos trabalhos de tratamento do Grupo André Luiz ou ao Grupo Scheilla.

• • •

Todos em seus lugares, ia iniciar-se a reunião, quando surge pela porta o Peixotinho, chegando de viagem, de Macaé.

Viera de ônibus. O nosso desejo se realizara. Enchemo-nos de alegria íntima e nos preparamos, após os cumprimentos, para conversar com o Zé Grosso, materializado, através da mediunidade do Peixotinho.

O médium foi para a cabina e logo após começaram a penetrar no salão as entidades materializadas, luminosas, para tratarem dos doentes. Nessa noite havia seis ou sete doentes graves. Os espíritos por isso se limitavam a vir às camas, trazendo aparelhos de vários feitios e cores, fazendo aplicações diversas.

As horas passavam e estávamos resignados, compreendendo cristãmente que diante de tantos doentes, necessitados do alívio aos males físicos, não tínhamos o direito sequer de pensar em falar com os espíritos, desviando-os das suas obrigações ou mesmo esperar que qualquer fato fora do comum sucedesse para que pudéssemos revelar aos nossos leitores e amigos.

Aguardamos, cooperando mentalmente com a boa vontade.

A reunião avizinhava-se do fim, quando Zé Grosso nos dirigiu a palavra:

— Pode falar, Ranieri. Pode falar!

— Eu?... — balbuciei meio afobado, pois já não estava pensando em falar com eles.

— Você sim, pode dizer o que deseja.

Eu não havia dito nada ao Peixotinho. Ele chegara repentinamente, de improviso. Assim, expliquei, meio acanhado:

— É, Zé... lá na Prata, nas horas de folga, rabisquei um livrinho sobre as materializações e desejava saber se vocês aprovam ou não a sua publicação. Se considerarem que não convém, ficará encostado para daqui a dez ou vinte anos. Quando for oportuno.

— Nós sabemos, Ranieri. Mas eu não tenho autoridade para resolver. Vou conversar com os maiores e eles dirão.

Zé Grosso sumiu e tempos depois apareceu dizendo:

— Pode publicar. Não há inconvenientes. Apenas pedimos que evite a propaganda em torno dos médiuns e do autor do livro...

— Bem, Zé Grosso — respondi-lhe — farei o possível para ficar bem escondidinho, de modo que apareça o menos possível. Mas quanto aos médiuns, é impossível não falar neles. Não há jeito. Tanto vocês quanto eles, têm que aparecer e muito.

Zé Grosso, ouvindo isso, deu uma grande gargalhada.

— Pode publicar, nós vamos ajudar a publicação... Você vai por o meu retrato no livro?

— Vou sim. Já está pronto.

— Vai estragar o livro...

Zé Grosso desapareceu e daí a instantes surgiu a Scheilla, com sua voz de sotaque alemão. Falou-nos suavemente e confirmou a autorização dada pelo Zé Grosso. Esta-

va iluminada e viam-se-lhe as tranças negras caídas sobre os ombros.

Depois de uma demorada conversa evangélica depositou em minha mão uma flor branca, branquíssima, que brilhava na escuridão como um floco de neve.

Depositou-a e disse:

— É um presente de Nina. Estava condensada em "Nosso Lar".

Nas mãos de um companheiro nosso, que viera com o Peixotinho de Macaé, Didi, colocou outra flor.

Eu estranhei a brancura da flor. Tão branca que brilhava na escuridão. Pensava eu — "como pode uma flor por mais branca que seja brilhar assim dessa forma? Deve ser realmente muito branca."

Segurei-a durante longos minutos em minha mão.

Finalmente, o espírito Garcez anunciou, por voz direta, que a reunião ia terminar e ordenou:

— Os assistentes cantem um hino enquanto o irmão Ranieri vai despertar o médium com passes.

Tudo estava escuro. Encaminhei-me tropeçando na escuridão, embora eu estivesse sentado a metro e meio de distância da cabina.

Chegando à entrada da cabina, vi sobre a cama em que estava o Peixotinho um globo de luz vermelha do tamanho de uma laranja. Estava a uma altura de oitenta centímetros mais ou menos do corpo do Peixotinho. A luz, incidindo sobre ele, iluminava-o frouxamente. Eu o via deitado e notava-lhe o pijama. Aproximei-me. O globo de luz girava no ar e fazia evoluções lentas.

Pensei comigo — "Os espíritos querem me dar uma prova irrefutável".

Uma voz íntima me dizia:

— Faze as experiências que quiseres. Não tenhas receio.

Aproximei-me do médium e comecei a dar-lhe passes. A luz vermelha, flutuante, iniciou um giro em torno de mim. Passava em volta de minha cabeça, em frente aos meus olhos, enquanto eu dava passes.

Procurei então dar passes passando minhas mãos ao longo dos braços do Peixotinho, correndo-as até as suas mãos. Assim eu tinha a prova se era realmente uma luz independente ou se era o médium que deitado segurava alguma lâmpada fingindo de espírito. (Não fiz isso para colher uma prova para mim nem porque duvidasse da honestidade do médium, mas com a finalidade de poder contar para os outros, com autoridade, o que foi possível fazer. Segui o desejo claro daquela luz vermelha.)

Houve momento em que segurei mesmo as mãos do médium. E isso eu fiz porque já estava com este livro quase terminado e tendo oportunidade de dar mais um testemunho concreto, incontestável, não haveria de perder a oportunidade. Principalmente porque não havia perigo algum para o médium. (Diga-se que naquele momento, naquele caso especialíssimo, não havia perigo algum, porque de modo geral há riscos).

Quando comecei a segurar as mãos do médium, a luz, fazendo evoluções, iniciou novo circuito.

Passava entre os meus braços, pela frente de meu peito e contornando-me as costas e voltava a passar entre os meus braços penetrando pela frente. Nessas condições, estando eu com as mãos apoiadas nas mãos do Peixotinho privando-o de qualquer movimento, a luz vinha e se intrometia entre nós dois.

Não havia um espírito materializado, mas um globo de luz materializado. Se era um espírito em forma esférica ou se

era um aparelho movimentado por espírito, eu não sei. Não me disse nada. Tudo foi em silêncio.

De repente, sucedeu um fato inesperado: as luzes do salão se acenderam. Os assistentes haviam acabado de cantar e acenderam as luzes. Eu vi então o seguinte: a luz vermelha como que paralisada no ar, foi-se extinguindo lentamente e desapareceu nos vidros do armário que contém as peças do museu do Grupo André Luiz.

O Peixotinho, estrebuchando, acordou. Estavam terminados os trabalhos. Eu estava perfeitamente normal. Senhor dos meus sentidos e das minhas faculdades.

• • •

Para despertar o médium eu havia colocado a flor no bolso. Procurei-a sofregamente para ver-lhe a brancura de leite que brilhava na escuridão. Outra surpresa me aguardava: a flor não era branca, aquela flor que brilhava clarissimamente na escuridão **era marrom com tons esmaecidos de amarelo.**

• • •

Como não sair edificado de uma reunião dessas? Como não lutar conosco mesmo para implantar em nossa alma tão endurecida as primeiras gotas cristalinas dos ensinamentos de Cristo? Havemos de ter a cabeça tão dura quanto a rocha?

Provavelmente, em eras milenares, rolamos como seixos perdidos nos rios caudalosos da eternidade. Voltemos sobre nossos passos, meditemos e sigamos uma vida melhor, cheia de virtude e de dignidade.

XXII. Com a Pedra de Rádio na Mão!

Depois de uma breve permanência no Rio, segui para Belo Horizonte onde esperava rever velhos amigos e resolver alguns negócios.

Comigo viajaram dois amigos do Rio, o Inácio, que os leitores já conhecem, e o Galeno, diretor de trabalhos espirituais do André Luiz, habituado há longos anos a lidar com espíritos e espíritas. Dona Rosa, esposa do Inácio, também nos acompanhara. Iam eles com destino a Pedro Leopoldo e como é natural com o desejo de encontrar Chico Xavier.

Em Belo Horizonte, ficamos sabendo que o Grupo Scheilla estava praticamente dissolvido. Invigilância e intolerância foram os elementos causadores da confusão. O Fábio, quase que sem trabalhar espiritualmente, realizando reuniões esparsas aqui e ali. Todos esquecidos de que o Grupo Scheilla é a célula máter que gerou o Hospital Espírita "André Luiz", organização na qual os espíritos materializados põem grandes esperanças. A vaidade e o orgulho se são defeitos graves nos indivíduos comuns, nos espíritas tornam-se um verdadeiro perigo. É chaga cancerosa que devora pouco a pouco os organismos mais resistentes e ataca as instituições mais bem organizadas. O homem que habita o vale das sombras, como diz Humberto de Campos, não pode avaliar o quanto é neces-

sário renunciar a si mesmo, às suas vaidadezinhas, para ascender na escala evolutiva e iluminar-se. A humildade verdadeira determina uma nova posição do ser nas faixas vibratórias do universo e faz com que ele entre em sintonia com essas vibrações. A humildade pacifica a mente, e a mente pacificada está em condições de sentir o que existe em outros planos. Mesmo os espíritas que já representam uma classe adiantada de seres, ainda permanecem de um modo geral nas regiões da mente cheia de inquietações. Apenas se distinguem dos outros porque já estão lutando para pacificá-la enquanto os outros, com exceção das escolas esotéricas, nem sabem que têm mente ou o que é isso. Repetem a frase de Sócrates: "conhece-te a ti mesmo"... como papagaios. Não podem entender que o "conhece-te a ti mesmo" quer dizer: **conhece-te a ti mesmo**, isto é, por-se em condições de estudar o seu organismo espiritual e o seu organismo físico como quem estuda delicado maquinismo, como quem investiga prodigioso universo. Procure-se viver os ensinamentos criadores que os grandes mestres deixaram e continuam a deixar para toda a humanidade. Porque os ensinamentos vividos provocam movimentos internos capazes de nos descobrir a nós mesmos. Mas só os vividos por nós; os apenas conhecidos não realizam coisa alguma.

Pacificação da mente, eis o grande ensinamento que precisa ser posto em prática pelos espíritas.

• • •

Com o intuito de trazer a paz ao seio do Grupo Scheilla conversamos com o Fábio pelo telefone, nos últimos dias, quase na hora de partirmos de Belo Horizonte. Desejávamos realizar com ele uma reunião, e nessa reunião pretendíamos acertar a situação com os espíritos materializados de modo a que eles nos dessem as diretrizes para que conseguíssemos reunir de novo as ovelhas daquele aprisco.

O Fábio concordou:

— Estou às ordens, só que o único dia disponível que tenho é hoje.

Parece-me que era uma quarta-feira e havíamo-nos comprometido a fazer uma palestra na Mocidade Nina Arueira. Convite já velho, de uma semana.

— Pois bem — foi a nossa resposta — tenho um compromisso para hoje, mas vou desfazer o "negócio"...

Sabíamos que o "Nina Arueira" dispunha sempre de ótimos oradores que nos substituiriam com vantagens para os ouvintes, ao passo que a questão da reconciliação dos elementos dispersos do Grupo Scheilla era de grande importância para a Doutrina. Nossa conversa com o Fábio foi às quatro e meia da tarde. A reunião seria às oito.

Prevenimos o Inácio e o Galeno que iríamos ter uma reunião às oito com o Fábio. Falamos com o Jair que nos cedeu a casa dele para a reunião, escusando-se todavia de comparecer, porque tinha compromisso inadiável para a noite.

Tudo arranjado com o "Nina Arueira", marchamos para a reunião. Sozinhos na casa do Jair, eu, o Inácio, o Galeno e dona Rosa, preparamos dois quartos vagos no fundo, pequenos aliás, pequeníssimos, onde os espíritos mesmos mal se moveriam, e lá ajeitamos vitrola, rádio, disco, etc.

Quando o Fábio chegou, tudo estava em seus lugares e apenas acabávamos de arrumar as cortinas para a pequena cabina. Ele veio de mãos e bolsos vazios. Entrou para a cabina e começaram os trabalhos.

Na cabina, o Fábio. Na assistência, eu, o Inácio, o Galeno e dona Rosa. Portanto, quatro pessoas apenas como assistentes.

• • •

Os clarões verdes-arroxeados iluminaram a cabina com explosões magníficas de luz. E iniciou-se o cortejo de entidades amigas.

Era a primeira vez que o Galeno entrava em comunicação com os espíritos, que ele conhecia tão bem no "André Luiz", por intermédio do Fábio.

No íntimo estávamos satisfeitos por observar o prazer que lhe iam causar as materializações, **exatas, perfeitas,** dos velhos amigos do mundo espiritual. E o Galeno não escondeu a sua alegria e aceitou plenamente, como não poderia deixar de aceitar, as personalidades que surgiam, como sendo as mesmas. "Apenas, disse ele, o Zé Grosso tem a voz um pouco mais forte, pelo Fábio. Naturalmente é porque o Fábio é mais novo que o Peixotinho. Tudo o mais porém é igual, exatamente igual. Usando o material vocálico do médium, isso tem que acontecer."

Já a Scheilla apresentou-se para o Galeno sem a mínima diferença.

• • •

Aquela noite foi uma das mais belas a que já assistimos. Os espíritos iam e vinham materializados. Porém, não iluminados. Traziam contudo aparelhos que os iluminavam de quando em quando. O Zé Grosso trouxe uma espécie de folha de papel, de aparência metálica e luminosa, que lançava bastante luz no ambiente.

Repentinamente nos disse:

— Ih, aqui hoje ta cheio de aparelho p'ras vistas!

Nós ficamos pensando: que aparelho para as vistas? Haveria alguém no ambiente necessitando de tratamento?

Nisso veio o Zé Grosso, com um aparelho esquisito, que eu não conhecia e mostrou-o, pertinho de mim.

— Veja, Ranieri, que aparelho gozado!

E enfocou o mesmo contra a parede. O tal aparelho lançava círculos de luz que cresciam ou diminuíam de tamanho à vontade do Zé Grosso. Às vezes os círculos ficavam do tamanho de uma mexerica, depois diminuíam até ficarem do tamanho de uma cabeça de alfinete, ficando um ponto só luminoso.

Com aquilo, depois de experimentar bastante na parede para que víssemos, ou talvez para regulá-lo, encaminhou-se para dona Rosa e disse:

— Eu vou tratar dos seus olhos.

E dona Rosa respondeu:

— Eu sofro muito das vistas. Deus lhe pague.

O Zé Grosso começou a aplicar-lhe o aparelho. Um pequeno ponto luminoso brilhava na escuridão iluminando um olho de dona Rosa.

O Galeno nos disse de lá:

— Ranieri, esse aparelho é formidável. Ele está fazendo um estudo do fundo do olho.

Notamos que o Zé Grosso apenas examinou um olho de dona Rosa. Depois vaporizou com outro aparelho também esquisito.

Isso demorou alguns minutos.

Depois se dirigiu ao Galeno e começou a aplicar-lhe os aparelhos.

E do mesmo modo observou-lhe somente um olho e somente nesse olho fez aplicações.

O olho do Galeno também aparecia na escuridão. Vaporizou-o em seguida. Eu continuei intrigado com aquela história de o Zé Grosso só fazer tratamento em um dos olhos do doente. Por que não fazia o mesmo no outro olho? Fiquei, no entanto, quieto.

Como havia feito no Rio, com o médium Peixotinho, interroguei a Scheilla que se materializara, a respeito do livro que estava escrevendo.

Recebi a aprovação e ela me disse que correspondendo aos meus desejos iria escrever uma página para ser incluída no livro, página por escrita direta.

Dirigiu-nos palavras repassadas de carinho e combinou a maneira pela qual ficaria assentado o prosseguimento das reuniões do Grupo Scheilla. Considerando aquela a primeira reunião da nova fase.

• • •

Alguns instantes depois, o Zé Grosso se aproximou de mim e disse:

— Ranieri, vou passar um "preparado" em sua mão e depois colocarei nela uma **pedra de rádio**. Esse **preparado** é para que sua mão não fique "queimada", para que não seja atingida.

Dizendo isso, segurou-me a mão direita e passou-lhe qualquer coisa que eu na realidade não sentia como sendo líquido. Verdadeiramente, passou uma espécie de pequena escova. Depois se dirigiu à cabina e voltou trazendo na mão uma pedra do tamanho de uma avelã, pedra luminosa, de luz verde-clara, que se derramava pela sala. A pedra foi colocada por ele em minha mão. Eu lhe sentia o peso e via dela desprender-se aquela luminosidade que inundava o recinto. Ficamos num meio crepúsculo. Disse o Zé Grosso rindo:

— Em suas mãos você tem quinhentos contos!

Eu trouxe a mão, espalmada, para perto de meu rosto, olhei-a de perto e depois estendi-a mostrando a cada um. Todos a observaram. A pedra luzia na palma de minha mão. Era uma pedra de luz.

O espírito em pé, no meio da sala, esperava.

Eu lhe disse brincando:

— Vale quinhentos contos, Zé Grosso? E se eu ficar com ela para mim?

Ele deu uma estrondosa gargalhada:

— Eu sei que você está brincando, mas se você ficasse nós iríamos buscá-la!

E riu ainda, gostosamente.

Uns cinco minutos ficou a pedra em minha mão. Até que comecei a sentir um calor forte na palma da mão e percebi que me estava queimando.

Entreguei-a ao Zé:

— Leve a sua pedra, está me queimando a mão.

Ele riu de novo e levou-a.

A palma de minha mão doía ligeiramente.

Durante uns oito dias após a reunião eu ainda sentia aquela dorzinha na palma da mão.

Outros aparelhos indescritíveis nos foram apresentados.

No fim da reunião, encontramos sobre a mesa a página **por escrita direta** deixada pela Scheilla. Era uma introdução ao meu livro.

Por uma dessas circunstâncias imprevistas, essa página que levei para o Rio desapareceu. Pretendo me dirigir ao Fábio e pedir-lhe que a Sheilla em outra reunião me mande outra página. Eram palavras simples, mas muito interessantes.

Encerramos, naquela noite, os trabalhos, com o coração feliz. Não sei, realmente, qual o valor daquela pedra luminosa que estava em minhas mãos, além do valor que o próprio Zé Grosso lhe deu. Mas uma coisa eu sabia e sei: é que em minha mão foi colocada uma pedra que emitia radiações luminosas. Se era, verdadeiramente, rádio, não impor-

ta. Era uma pedra de luz. Desprendia calor e chegou a queimar-me. O espírito não realizou o fenômeno escondido, oculto, na cabina. O fenômeno, importante, notável, se realizou foi em minhas próprias mãos. Se houvesse alguém enganando, esse alguém deveria ser eu. Prova maravilhosa da realidade das coisas existentes no mundo invisível! Os homens que não crêem poderão rir do que descrevo, poderão tachar-me de louco ou de tolo, que é sempre a maneira pela qual os "cientistas" da ciência oficial recusam os fatos novos, mas a verdade aí fica como desafio a todas as gerações.

Em breve serão aceitos pela mesma ciência que agora os nega. O Catolicismo, que tenta recusá-los, se modificará na face da Terra, pelo menos da forma em que se apresenta agora. A transformação da Igreja não demora. De todos os lados as vozes sinceras se levantarão. Em seu próprio seio, os fiéis seguidores do Cristo falarão com palavras de verdade e de vida.

Não apresentamos doutrina, não discutimos simples idéias, apresentamos fatos.

• • •

Quase ao terminar a reunião, o Garcez nos disse que os trabalhos iam ser encerrados e acrescentou:

— O Ranieri virá despertar o médium.

Assim fizemos. Penetrei na cabina, enquanto os outros cantavam um hino. O médium estava deitado, em transe. Sobre o médium a uma altura de um metro mais ou menos, estava o globo de luz vermelha, exatamente o mesmo que eu vira na reunião com o Peixotinho, no Rio. Eu não havia dito nada a respeito ao Fábio, a reunião fora resolvida com poucas horas de antecedência. No entanto, lá estava o mesmo globo de luz vermelha.

Compreendi que os espíritos me davam a contraprova. Aproximei-me do médium e comecei a dar-lhe passes. Procedi da mesma forma que procedera com o Peixotinho. Segurei-o levemente nos braços,a princípio, e depois com mais força. O globo de luz começou a flutuar, evolucionando entre meus braços e em torno de minha cabeça. Subia e descia, circulava, girava e dava uma espécie de pequenos saltos no ar. Finalmente foi desaparecendo à proporção que o médium começava a gemer e a despertar. Sumiu por fim. Estava terminada a reunião.

• • •

O que dizer perante tais fatos?

Eu por mim curvo a cabeça e aceito os fatos como o prenúncio de uma Nova Civilização. O Espiritismo é realmente o Consolador Prometido por Jesus. Grandes transformações sofrerá a Terra e "as potestades do Céu serão abaladas"...

• • •

Intrigados com a história de o Zé Grosso só ter aplicado o aparelho em um dos olhos do Galeno e de dona Rosa, assim que terminou a reunião ouvimos o Galeno e dona Rosa exclamarem, cada um por sua vez:

— Viram que coisa estranha? O Zé Grosso parece que sabia!

— Sabia o quê?

E o Galeno:

— Sabia que os médicos já me haviam desenganado quanto ao outro olho. Eu tenho um olho que segundo a medi-

cina humana não tem mais jeito, está perdido... O Zé Grosso no entanto só cuidou do outro, do que ainda, embora doente, apresenta possibilidades.

Dona Rosa também estava nas mesmas condições.

O importante é que em ambos o espírito não errou. Tratou só de um olho, do que tinha possibilidades, e fez aplicação justamente nele. Prova de que realmente ele estava observando com exatidão.

Além disso, notamos aqui ainda, que ele não **mexeu** conosco, que temos bons olhos...

• • •

Assim, continuamos a meditar: as potestades do Céu serão abaladas... As legiões de espíritos que formam as milícias celestiais, as mesmas que Dante viu e descreveu em seu poema imortal, enchem agora os abismos cheios de trevas e as trombetas ecoam através de todos os vales.

Homens miseráveis de um mundo que soçobra, elas parecem dizer-nos: despertai do vosso sono de morte. Ressurgi para a Vida Imortal! Ascendei para as esferas do pensamento puro onde todas as dores serão aliviadas. E parece-nos agora que ouvimos com mais força e vigor a advertência do Cristo:

— O meu fardo é leve... Segue-me que sou manso e humilde de coração.

QUARTA PARTE

Fenômenos Realizados através da Mediunidade de Outros Médiuns

XXIII. Com um Velho Amigo

Como já é do conhecimento dos leitores, muito tempo antes de existir o Grupo Scheilla, nós já fazíamos reuniões em casa do Jair.

Era um grupo pequeno e do qual fizeram parte: Jair Soares, Ló de Barros Soares, Ênio Wendling, Márcio Cattôni, Amauri Santos, Leonel Dias, Maria Leoni Dias, Ifigênia França, Levi Guerra, Elcira Guerra, Hélcio Wendling, Sérgio Cosmo, Dulmar Garcia, Rubens Romanélli, Alda Romanélli, Arlete Ranieri, Celso de Castro, João Gonçalves, Laurita Gonçalves, Moacir Feichas, Ed Barros Soares e outros dos quais não me recordo no momento. Esses elementos faziam parte de reuniões independentes. Assim, sempre tínhamos em casa reunidos, no máximo, seis ou sete, sendo que apenas três ou quatro elementos freqüentavam todas elas. Os outros vindo em uma, não podiam assistir às outras. Elementos fixos éramos só eu, dona Ló e o Jair. Durante algum tempo tivemos também como elementos fixos o Leonel e o Ênio. Os outros, não.

Tudo o que sucedia nas reuniões era anotado e posteriormente datilografado e arquivado. O trabalho laborioso de anotar cabia à dona Ló e o trabalho não menos laborioso de datilografar pertencia ao Jair. O Grupo estava rigorosamente

organizado. Os elementos freqüentavam esta ou aquela reunião por indicação dos próprios espíritos. A hora de começar era também observada, muito embora não houvesse hora para terminar. As reuniões terminavam quase sempre à uma hora da madrugada e se iniciavam às oito.

Não se permitia a entrada de quem quer que fosse que não pertencesse ao grupo. Para que uma ou outra pessoa estranha ao grupo, embora nossa amiga, apesar de espírita, assistisse, havia necessidade de se consultar previamente os espíritos.

A finalidade do grupo era principalmente de estudo, observação e experimentação. Havia a finalidade secundária de atender a pedidos de receitas. Esses objetivos não foram determinados por nós, absolutamente. O Grupo organizou-se tendo como objetivo principal o tratamento, a cura de nossa irmã Ifigênia França, que relatarei no capítulo seguinte. Mas com o correr do tempo, verificara-se que aquelas reuniões não eram mais do que aulas profundamente instrutivas para nós. Sem desejar contar vantagem ou engrandecer-nos, podemos afirmar que muitas das revelações importantes concedidas por André Luiz em seus livros há nos haviam sido dadas antes de saírem a público esses livros. Algumas até com anos de antecedência. E outras revelações importantes que ainda não foram expostas em livro algum nos foram feitas. A tese principal de "Libertação", que é a existência de seres espirituais em estado sub-humano, com formas animalescas, nos foi durante duas ou três reuniões revelada através do médium de sonambulismo Ênio Wendling com uma antecedência de talvez um ano ou mais da recepção do livro pelo Chico.

Também pelo Ênio nos foram descritos aparelhos usados pelos espíritos e comumente nos descrevia um enorme zepelim que deslizava suspenso por um fio e que trazia o espíritos elevados que vinham trabalhar na reunião. Eles desciam desse zepelim e penetravam no ambiente nosso através de um imenso tubo, espécie de chaminé.

Tivemos conhecimento de coisas maravilhosas assim como de coisas medonhas, horríveis, existentes no mundo invisível, muito, muito tempo antes de assistir a reuniões com o Peixotinho ou com o Fábio. Quando nos foi dada a ventura de assistir a elas, não nos admiramos de possuírem os espíritos materializados, aparelhos, etc. e nem duvidamos, um minuto sequer, das descrições elevadas e sublimes de André Luiz. Apenas sentimos a alegria inexprimível de ver tudo confirmado. Não neguemos, no entanto, que em nosso pequeno grupo tinha, precisava ter, a dedicação aos trabalhos e à perseverança. Se não foi concedida coisa melhor é porque por invigilância havia muitas vezes choque entre uns e outros elementos. E essa luta íntima, esses ressentimentos se refletiam no ambiente e prejudicavam os trabalhos. Havia dias em que os espíritos, apesar de terem trazido toda uma fabulosa equipagem espiritual, deixavam de realizar o menor fenômeno, o mais insignificante benefício, porque não encontravam vibrações amigas que facilitassem a tarefa.

Mas alguém dirá:

— Será possível que mesmo diante de tantos fenômenos notáveis e provas tão interessantes, esses homens não sentiam vergonha de brigar, de discutir, de entrar em choque?

E eu sou obrigado a responder:

— Não. Não tinham vergonha alguma. O homem é tão rebelde, tão refratário ao bem, que mesmo diante da eternidade e dos fatos incontestáveis, não renuncia a si mesmo, ao seu orgulho, ao seu amor próprio ferido, à sua vaidade, sem revidar. Ferido, ele fere. Mordido, ele morde. A mente humana é mais dura do que o diamante e para lapidá-la de modo que reflita a paisagem divina é necessário o correr incessante dos séculos e o espírito humano tem que ser abatido através de inúmeras reencarnações.

• • •

Certa vez o Jair resolveu ir gozar férias em Teixeiras, que é uma pequena cidade de Minas, e levou consigo alguns elementos do Grupo para realizar reuniões naquela cidade. Iriam gozar férias e no dia determinado fariam a reunião.

Em Belo Horizonte, do grupo, ficamos eu e o Amauri. Combinamos com o Jair:

— Na noite da reunião nós, eu e o Amauri, nos reuniremos aqui e vibraremos com vocês.

Ele então me entregou a chave da casa para tal fim. O Amauri era outro notável médium de sonambulismo. Deranos demonstrações extraordinárias de sua mediunidade.

Na noite da reunião, lá estávamos eu e o Amauri. Tudo quieto. Procedemos na forma do costume, como se todos estivessem presentes. Colocamos papel e lápis sobre a mesa. Deixamos acesa apenas uma pequena lâmpada vermelha que bastava para permitir a escrita. Sentamo-nos cada um numa poltrona. Pusemos a Ave Maria de Gounod na vitrola e ao seu som harmonioso, fizemos a prece de abertura dos trabalhos.

O Amauri entrou em transe e eu peguei o lápis e me dispus a anotar o que ele dissesse.

Subitamente, muito pálido, em estado sonambúlico, ele se recostou na cadeira, de olhos fechados,e começou a falar com voz que era carinhosa, mas severa e firme. Começou a falar num francês seguro e correto. Eu não falo o francês, mas fiz um curso e entendo bem, desde que o indivíduo fale pausadamente. E foi o que ele fez. Acompanhei-lhe as palavras e admirava a sua maneira de falar, visto saber que o Amauri não sabia francês para falar assim. Falou-me nessa língua durante quarenta minutos mais ou menos. De repente, passou a falar em português e então me esclareceu:

— Falei-lhe na língua francesa para dar-lhe uma prova de identificação, mas sou capaz de falar perfeitamente o português por esse médium. Todavia, desejo-lhe dar outras provas de identificação. Você por exemplo se lembra daquele discurso que você fez no Ginásio Mineiro de Belo Horizonte? Um discurso que se iniciava referindo-se às forças convulsionadas da natureza, comparando-as às emoções humanas?

E nesse tom o espírito reproduziu em essência toda a peça.

Eu me lembrei instantaneamente. Era um trabalho que escrevera no ginásio, quando estava no quarto ano e se intitulava: O Livro Simbólico.

— Pois bem — disse-me o espírito — quem o ajudou a escrever fui eu. Acompanho-o desde o tempo em que era menino com o cabelo cobrindo as orelhas, cabelos que não gostavam de ir ao barbeiro...

E dizendo isso, riu baixinho.

— Já naquele tempo — continuou — os espíritos usavam as suas antenas... Os espíritos amigos que fizeram a Revolução.

Eu estava admirado com a revelação. O Amauri não conhecia nada a meu respeito e muito menos com referência aos tempos de ginásio que já se perdiam nas brumas de longos anos. Prova maior do que a descrição do trabalho — "O Livro Simbólico"?

Prosseguiu o espírito:

— Não só eu, sou seu amigo. É justa a amizade e afeição que você dedica a Victor Hugo. Ele tem por você imenso carinho.

Outro motivo de admiração. Eu nunca dissera a quem quer que seja até aquele momento, que o escritor que eu mais admirava em toda a literatura universal era Victor Hugo. Ao Amauri, então, nem por sombra. É uma afeição que sempre guardei no íntimo de minha alma. E não sei explicar porque nunca revelara a ninguém. O espírito descobria assim os meus pensamentos e sentimentos. Diga-se no entanto que

durante toda a reunião, eu não me lembrara do escritor francês de modo algum.

E após longa exposição em que me disse coisas tão íntimas que não posso e não devo revelar, que não acho conveniente expor, acrescentou:

— Agradeço também o amor que vejo em sua alma por mim. Nós somos amigos, amigos de muitas eras. Reencarnamos juntos muitas vezes...

Cheio de curiosidade, perguntei-lhe ansioso, com receio que se fosse sem me esclarecer:

— Mas quem é você afinal?

— Eu? Eu sou Jean Jacques Rousseau...

De fato, não poderia haver para mim, maior nem mais interessante prova. Eu ainda me lembro: quando menino, discutia certa ocasião numa roda de rapazes que freqüentavam nossa casa e expunha, com ênfase, uma teoria que julgava minha, quando um deles me aparteou vitoriosamente:

— Deixa de bobagem, menino! Essa teoria é de Rousseau e já foi destruída!

— De Rousseau?! — exclamei — não sei quem é Rousseau! Nunca ouvi falar nele!

— Pois é, nunca ouviu falar, mas é de Rousseau. Está exposta no "Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens..."

Eu me recordo que fiquei pensativo e não disse mais nada.

E no correr da vida, por diversas vezes encontrava adversários que me censuravam acremente:

— Isso é de Rousseau! Está aqui, está ali. Se não é dele parece-se com as idéias dele!

Era o diabo! Quando eu falava, o tal de Rousseau se intrometia através do meu cérebro e de minha língua. Nesse tempo eu não havia reencontrado o Espiritismo.

A ali agora estava diante do meu já tão conhecido Jean Jacques.

E ele aconselhou:

— Seja humilde, meu filho, seja bom. Sufoque todo orgulho, se houver em seu coração. Renuncie a esse mundo de ilusões. Nós estivemos na Grécia. Nós estivemos em Roma. Nós estivemos na Índia. Nós vivemos juntos em Babilônia. O mundo esboroa-se, mas o espírito prossegue a sua jornada. Adeus.

• • •

Os outros espíritos nessa noite nos deram bons conselhos e orientações.

Mas o meu pensamento seguiu aquela entidade que vinha do fundo dos séculos conversar comigo. Entidade que animara um dos grandes incentivadores do pensamento humano e que sincero e sereno me indicava depois de tantas lutas o mesmo caminho que o Cristo já assinalara há dois mil anos:

— "Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me".

XXIV. Ifigênia França

Escrevo este capítulo talvez mais como um dever de gratidão. Seria necessário escrever-se um livro inteiro se desejássemos falar das experiências com essa médium. Muito do que sabemos nos veio através dela.

Tinha mediunidade para se tornar um dos mais notáveis instrumentos de nosso tempo. Competiria com Chico Xavier e proporcionaria aos homens provas formidáveis. Mas essa grande médium não acreditava nos espíritos nem admitia a própria mediunidade. Pobre moça!

Dizia-nos que fazíamos dela "cobaia humana" e nada mais. Riu de nossa sinceridade e de nossa dedicação. Mas todos nós sabemos que, apesar disso, o que nos foi proporcionado através dela será para nós inesquecível. Até os últimos momentos de nossas existências, todos nós haveremos de nos lembrar dos fatos impressionantes que com ela se sucederam. Só um livro completo poderia permitir-nos um relato verdadeiro do que se passou com ela. No momento, limitamo-nos a referir alguma coisa apenas para que não se percam, no turbilhão de nossa vida que cada vez se tornará maior, observações que possivelmente serão úteis a outros. Não sei se nos será permitido algum dia, através de outro

médium, reiniciar as experiências que vínhamos realizando com ela.

Se os espíritos julgarem conveniente, temos certeza que essas oportunidades se multiplicarão em nosso caminho.

• • •

A história da Ifigênia começou assim:

Uma noite apareceu o Centro Espírita Oriente, de Belo Horizonte, um homem dizendo que sua filha estava muito mal, sofria de ataques, ficada toda contorcida, com o rosto deformado, em contorções espantosas. Já havia recorrido a todos os médicos e nada conseguira. Apesar de pobre, gastara mais de quinze contos inutilmente. Isso era o que ele dizia. Sua filha estudava no colégio Izabela Hendrix e poucos dias antes tivera um dos ataques no colégio. Chamado um médico de confiança pela própria direção da casa, este afirmara que se tratava de moléstia do coração e mais não sei o quê. E terminara esclarecendo que ela não teria mais do que seis meses de vida. Seis meses seriam um verdadeiro milagre. O pai em desespero resolveu buscar o Espiritismo. Repugnava-lhe a tal doutrina, esquisita, difícil de se entender, mas pelo bem da filha faria tudo. Acreditava que os demônios é que curavam no Espiritismo com o fim de seduzir a alma humana, mas a saúde da filha era bem precioso e precisava defendê-lo.

Católico dos mais católicos, pedia perdão a Deus por cometer tal ato, mas era como o pensamento na filha desventurada e inutilizada.

Imaginem que sua casa era freqüentada por padre amigo **que se soubesse daquilo haveria de excomungá-lo!**

• • •

Esse era o velho França, o pai da moça. De cabelos branquinhos como a neve e voz temerosa.

Expôs a sua situação aflitiva.

Nessa ocasião, dirigia os trabalhos espirituais do Centro na quarta-feira, que era o dia em que aparecera, o sr. Joaquim de Araújo Soares. Médium também e cheio do desejo de ajudar ao próximo.

Eu era simples aprendiz e observador.

A reunião estava no meio, a casa cheia.

O Araújo disse ao França:

— Assim que terminarem os trabalhos, nos iremos à sua casa.

Redargüiu-lhe o velho:

— Mas eu não posso esperar, minha filha está muito mal, toda contorcida. Agora mesmo quando saí estava desse jeito.

Finalmente, concordou e foi sentar-se na assistência.

Encerrados os trabalhos, o Araújo me disse:

— Ranieri, quer ir comigo ver a moça?

— Perfeitamente, vamos.

E fomos até lá. Entramos para o quarto e deparamos um quadro estranho: sobre um leito de solteira, uma moça que demonstrava uns 19 a 20 anos estava embolada, retorcida, convulsa. Braços rígidos. Verdadeira monstruosidade.

O Araújo deu-lhe alguns passes e ela gemeu alto, revolveu-se na cama e pareceu melhorar.

A modificação foi rápida, mas continuou naquele transe estranho.

• • •

Desde algum tempo eu vinha-me dedicando ao estudo do magnetismo. Lia obras. Fazia experiências. Observava coisas que um dia, quem sabe, contarei. Notei incontinenti que Kardec tem razão: o magnetismo está intimamente ligado ao Espiritismo.

• • •

Dono de humildes conhecimentos magnéticos, mesmo assim, pude observar as contrações violentas e os gemidos da Ifigênia que "coincidiam" com a passagem das mãos do Araújo, à distância, dando passes.

Eu comigo pensei:

É exteriorização da sensibilidade. Ela está sentindo à distância do corpo. Quando o Araújo lhe passa as mãos a uma certa distância do corpo, sente dores e geme.

• • •

Por fim, a Ifigênia saiu do estado de contração e sentou-se na cama. Todavia, continuou em transe.

Certo de que ela estava desperta, Araújo preparou-se para se retirar, quando com voz firme, ela disse:

— Quero que o sr. Ranieri me dê um passe.

Confesso que senti um certo abalo. Eu era apenas um aprendiz como continuo a ser. A convocação para mim era uma revelação mais alta. Compreendi que ficaria ligado àquele caso para sempre.

O Araújo fez-me um sinal para que lhe desse o passe pedido.

Cumpri o meu dever com certo constrangimento. Dei-lhe o passe. Ela despertou.

Conversamos um pouco e após, nos despedimos.

Passaram-se os dias. Outra noite, e apareceu o França de novo afobado, procurando o Araújo. Não era noite de reunião do Araújo e eu lhe expliquei a situação:

— O Araújo não está.

— Como hei de fazer? — gemeu o velho.

E desesperado, pediu-me:

— O sr. mesmo pode ir. Por caridade!

O Jair estava perto e eu lhe disse:

— Jair, que ir comigo ver a moça?

Ele concordou de boa vontade.

Fomos e do mesmo modo a encontramos, contorcida, convulsa, esquisita. Comecei a dar-lhe passes e ela se pôs a gemer. De propósito, aproximava as mãos de seu corpo, embora a uma distância de vinte centímetros, e nessa hora ela gemia alto, com mais violência.

Veio-me a idéia de conversar com o espírito "dela mesma".

Isso não é novidade. Nós sabemos que uma pessoa estando em transe, pode o seu espírito conversar conosco usando quase que somente a garganta de seu organismo físico.

Tentei. E ela me respondeu, com voz firme, segura. Depois começou a contar uma de suas vidas anteriores, passada na Inglaterra. Contar não é bem o termo, começou a reviver trechos dessa vida. O assunto era empolgante, interessantíssimo e, imediatamente, pedi ao Jair que pegasse um papel e fosse anotando o que ela dizia. Após longa descrição, parou e disse-nos que continuaria noutra oportunidade.

Dei-lhe passes de despertamento, coloquei a sua própria mão esquerda na testa e chamei-a com energia pelo nome. Ela despertou imediatamente, normal, perfeita, apenas sem saber o que houvera.

Chamei o velho França de lado e disse-lhe:

— Eu sei o que sua filha tem. Ela não é absolutamente doente e pode ser curada desse mal.

O homem abriu os olhos, admirado. Como então, tudo aquilo que ela sentia não era doença? Toda a sua luta e todos os gastos tinham sido inúteis? Mas de que modo ficaria curada? — perguntou aflito.

— O sr. terá que consentir que façamos com ela algumas reuniões espíritas particulares. O sr. estará presente e mais pessoas que queira.

— Quando será isso?

— Combinaremos depois.

Na realidade, ainda não tínhamos um plano formado.

• • •

Alguns dias depois, fomos à casa do Jair, com quem ainda não tínhamos muita intimidade. Fomos fazer uma visita e encontramos a Ifigênia que também iniciava uma amizade com dona Ló, esposa do Jair.

Elas estavam no quarto conversando e eu e o Jair na varanda da casa, quando dona Ló nos chamou nervosa:

— A Ifigênia caiu na cama com aquela "doença".

Corremos e encontramo-la de novo em transe.

Continuamos a anotação da história interrompida e combinamos com o seu espírito a realização da reunião que prometêramos ao França.

O seu espírito aceitou a proposta e disse-nos que poderia ser ali mesmo na casa do Jair.

Reiterou que a Ifigênia tinha missão a cumprir e que ficaria boa dos transes descontrolados.

E assim tiveram início as reuniões que com o correr do tempo viriam a ser o fundamento do Grupo Scheilla, de Belo Horizonte.

• • •

A Ifigênia ficou completamente boa. Passaram-se os seis meses marcados pelo médico. Não gastou mais um tostão sequer. Casou-se mais tarde. Tem um filho. Foi restituída à vida normal da sociedade humana.

Fez-nos o seu espírito no estado de transe, descrições notáveis do mundo espiritual. Quando seu perispírito estava exteriorizado, a uma distância de vinte, trinta e quarenta centímetros, quando espetávamos um alfinete no ar, nessa distância, ela sentia dores como se o alfinete estivesse sendo espetado na pele.

Qualquer pessoa que não estivesse preparada para se aproximar dela, se passasse a certa distância, provocar-lhe-ia contrações formidáveis, seguidas de gemidos e exclamações doloridas.

Essas distâncias variavam conforme o dia. Às vezes meio metro, outros um, dois, três até cinco. Conforme o dia.

A realidade se patenteava pelo fato de ela não ver. Sentada de costas numa poltrona, quando alguém movia uma perna, ou fazia gesto rápido, atrás, ela gritava e gemia.

Em plena escuridão, repetimos por dezenas de vezes a seguinte experiência.

Íamos lá dentro, em um dos quartos, trazíamos um objeto qualquer oculto no bolso ou nas mãos e colocados atrás de sua poltrona lhe perguntávamos:

— O que é que está em minha mão?

E ela respondia fazendo uma descrição exata do objeto. Nem sempre dizia o nome, mas sempre fazia uma descrição perfeita.

Era uma prova de que enxergava sem os olhos físicos.

Se colocássemos uma pessoa à sua frente, via o interior dessa pessoa como se fosse um verdadeiro raio-X. Descrevia-lhe o mal e indicava sempre com precisão absoluta os remédios para a cura.

• • •

Às vezes era incorporada por um espírito e então nós assistíamos ao espetáculo notável de reprodução exata, nos gestos, na voz e na maneira de ser do "defunto".

Tudo que dizia era exato, absolutamente certo.

Se predizia o futuro, ele se confirmava com exatidão matemática.

Era médium psicógrafa inconsciente, da mais absoluta inconsciência. Colocado um maço de papel diante dela, no escuro, ou à luz de uma pequena lâmpada vermelha, ficando de qualquer forma mergulhada sempre no escuro, sua mão corria com a vertiginosidade de uma máquina. Ia ao fim do papel e voltava justamente no momento em que o papel ia acabar. Fazia o traço de separação da palavra, acentuava as palavras, tudo com precisão absoluta. Não errava. Se julgava o espírito que algo em cima não estava como desejava, parava de repente, ia com o lápis no lugar exato e corrigia. E diga-se que a médium além de estar no escuro ou na semi-obscuridade, conservava o tempo todo a mão esquerda sobre os próprios olhos, apoiando-se na testa.

• • •

Quando em transe, tivemos oportunidade de observar numerosas vezes, dezenas de vezes, os seus braços gela-

dos, a temperatura baixa, enquanto que a testa estava escaldante, a temperatura bastante elevada.

• • •

A vidência e clarividência eram absolutas. Via à distância, quando em transe. A distância de quilômetros, e tudo que revelava nessa hora era também exato.

Fazendo com ela experiências de regressão da memória, tivemos oportunidade de vê-la **viver** três ou quatro existências anteriores, com citação de nomes, datas, etc.

Numa existência em que fora tuberculosa, repetia, reproduzia, com perfeição assombrosa, as hemoptises, causando-nos até certa **convulsão de estômago.**

Experimentando com ela dias ou meses depois, e de acordo com as notas que havíamos tomado, fazíamos-lhes perguntas sobre esta ou aquela existência ou fazíamo-la reviver esta ou aquela passagem já descrita, e ela não errava nunca. Tornava a dizer o que dissera como se fosse um disco eterno.

• • •

Assim deixo aqui estas breves informações para o leitor, repetindo que o que assistimos e observamos com essa médium é digno de um volume em que se documentaria tudo, reproduzindo o que temos anotado e arquivado. Todavia cumpro o meu dever, nesta oportunidade, deixando a essa criatura os meus agradecimentos e estas páginas como apagada retribuição.

XXV. Ênio Wendling*

Rapaz moço, cheio de vida e de ilusões.

Também são notáveis e numerosas as demonstrações que nos foram dadas por seu intermédio. Tem grandes possibilidades. Quase tudo o que foi realizado por meio da Ifigênia conseguimos realizar também por intermédio dele, sem saber o que se passara com ela, pois não assistia aos seus trabalhos e nem lhe fora revelada coisa alguma. Limitar-me-ei a contar uma das últimas experiências que tive com ele e que foi nestas mesmas férias do mês de dezembro de 1950, em Belo Horizonte.

• • •

Fui visitar o Arlindo, do jornal "O Poder".

Depois de agradável conversa, o ardoroso jornalista me pediu:

(*) Novos capítulos sobre este médium no livro a ser publicado em breve pela "ECO" — "Forças Libertadoras", onde aparece pela primeira vez no mundo, MATERIALIZADO, o espírito de ALLAN KARDEC.

— Será que você não arranja com o espírito de Voltaire uma página mediúnica para todos os números do jornal?

— Consultarei — foi a minha resposta — e lhe comunicarei o resultado.

Saí e esqueci-me do pedido do Arlindo.

À noite tínhamos uma reunião em casa do Jair. Após o jantar, fui até lá. Não disse nada a ninguém, nem mesmo me lembrei do fato.

Entramos para o quartinho da reunião: eu, o Jair e o Ênio.

Os espíritos geralmente falam pelo Ênio usando só o tubo da garganta como se fosse um alto-falante.

Um maço de papel em cima da mesa. Algumas receitas na mão do Jair para serem respondidas.

O Jair disse:

— Eu vou consultando e você vai anotando o que houver.

De repente ouvimos um risinho estranho, esquisito, zombeteiro, mas não desrespeitoso. E através do Ênio uma voz surpreendente começou a falar conosco. Reviveu os tempos da Corte Francesa com pinceladas magistrais, traçou um retrato perfeito da França revolucionária, e fez revelações interessantes sobre nossas relações de amizade no passado distante. Eu estava contente e admirado. Era Voltaire e veio tratar do assunto que interessava ao Arlindo, prometendo enviar colaboração dali a dois meses, visto ter outras obrigações no momento, na espiritualidade.

Era a primeira vez que ele nos falava através de um médium de sonambulismo. Nunca se manifestara pelo Ênio, em longos anos de mediunidade, mas viera justamente quando convocado para um trabalho de responsabilidade. Nem o Ênio nem o Jair sabiam da minha conversa com o Arlindo, algumas horas antes.

Observe-se as provas interessantes: alguns anos atrás, Rousseau viera conversar comigo falando-me "nos amigos da Revolução". Isso ficou somente comigo. O Ênio não tomou conhecimento desse fato. Agora vinha Voltaire confirmar os fatos falando-nos outra vez dos tempos da França.

• • •

O Ênio é também um médium digno de mais amplas referências, mas ficaremos por aqui, deixando ao futuro o encargo de fazer com que voltemos ao assunto.

XXVI. Levi, Altino e Heleninha

Além da Ifigênia e do Ênio, tivemos oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de outro médium de sonambulismo: Levi Guerra.

Esse rapaz também não acreditava em Espiritismo. Cunhado do Jair, certa noite em que se fazia uma "reunião de copo", conversou com um espírito, Iapiokam.

Esse espírito nos dirigiu palavras incompreensíveis numa língua que não sabíamos qual era. O Levi tomou nota das palavras escrevendo-as pelo som e durante alguns dias investigou e informou-se a respeito com o fim de verificar se pertenciam a alguma língua humana e se significava alguma coisa.

Apareceu-nos assim entusiasmado, tempos depois. Certificara-se de que as palavras ditas por Iapiokam eram tupi-guarani e nos trazia a tradução. Era uma resposta exata às perguntas em português que o Levi fizera ao espírito. Daí por diante, o Levi começou a estudar a Doutrina.

Manifestaram-se nele os fenômenos sonambúlicos e seguiu o caminho da Ifigênia e do Ênio, proporcionando-nos fenômenos e ensinamentos notáveis. Relações novas, o Levi não sabia quase nada a meu respeito.

Não sabia que eu havia "perdido" uma menina e nem poderia fazer dela uma idéia aproximada.

Em nossas reuniões, quando em transe, o Levi nos descrevia um espírito muito nosso conhecido e que se denominava humildemente, Altino. Isto é, "um do Alto", anônimo, portanto.

E o Levi conversava com ele e quando a ele se dirigia, sempre dizia — o diretor dos trabalhos, o nosso diretor, — com deferência e amizade. Certa noite, quando os trabalhos se desenvolviam normalmente, o Levi em transe exclamou:

— O diretor dos trabalhos está aí. Tem uma túnica que possui todas as cores, como se fosse feita de milhares de gotículas de água batidas pelo Sol. Sua fisionomia é a de um grego.

A seguir admirou-se profundamente.

— Uai! O diretor começa a desaparecer e na altura de seu peito aparece o rosto de uma menina! Ele está se transformando numa criança! Ela tem o rosto ovalado, olhos grandes, o que mais sobressai nela são os olhos! Cabelos encaracolados. Bem, mas agora a menina começa a desaparecer e surge novamente o diretor. Vejam! De novo o diretor desaparece e surge a criança! Ah, já sei, ele se transforma na menina e a menina se transforma nele!

Após, prosseguiu o Levi conversando à meia-voz com outro espírito que estava ao lado dele. O Levi perguntava e a entidade respondia. Mas nós não sabíamos o que o espírito estava respondendo. Porém, ouvimos o Levi proclamar.

— Agora entendo tudo: a menina é a filha do Ranieri! Já sei, ela e o diretor dos trabalhos são o mesmo espírito em encarnações diferentes.

• • •

Todos nós nos admiramos da revelação. O Altino era um espírito que já se vinha comunicando no Grupo há quase três anos e meio. Dava conselhos e orientava as reuniões com ordens breves.

Nunca poderíamos supor que ele e Heleninha fossem a mesma entidade. Nunca nos permitiu que sequer imaginássemos isso.

E agora vinha a prova por intermédio de alguém que não conhecia Heleninha e que no estado normal não poderia de maneira alguma fazer uma descrição dela, exata, perfeita, completa, como fizera. Ninguém ali, a não ser eu, sabia como ela fora em vida. O Levi não a conhecera e nem mesmo sabia que eu "perdera" uma filha.

A ligação espiritual do Altino comigo sempre fora evidente. Descrito por diversos médiuns, sempre me acompanhava, buscando auxiliar-me com seus conselhos.

Mais tarde a ligação se confirmaria com as palavras de Rousseau através do Amauri:

— Nós estivemos na Grécia... nós estivemos em Roma...

• • •

Essa passagem breve, não pode revelar de modo algum o notável médium que é o Levi.

É mais com o fim de deixar assinalado seu esforço em prol da Doutrina e como homenagem aos sacrifícios que todos eles fizeram nesta luta contra a morte...

XXVII. Conclusão

MÉDIUNS E MEDIUNIDADE

Antes de encerrar este pequeno trabalho com a finalidade de colaborar com um pouco de amor na construção do grande edifício espiritual que se ergue em nossos tempos, quero dizer algumas palavras a respeito de médiuns e mediunidade.

Nós sabemos que o mundo invisível não é mundo habitado somente por seres angélicos, boníssimos, perfeitos. É também habitação de seres que ainda não compreenderam a vida espiritual como caminho para realizações superiores. Está cheio de espíritos malígnos, perversos, que fazem do mal única razão da existência. Muitos são maus por inconsciência, outros são maus deliberadamente.

Tanto existem organizações de ordem elevada, no mundo dos espíritos, como existem organizações do mal para praticar o mal.

Os médiuns são simples portas abertas para o mundo invisível. Tanto podem se manifestar por eles os bons espíritos como os maus espíritos. Só a elevação espiritual do próprio médium pode exercer controle sobre as forças que se exercem sobre ele. Um médium que possua o espírito elevado, que só pensa e se dedica ao bem, entrará em relação com entidades elevadas e boas.

Um médium cujo espírito é relativamente elevado, tendo ora pensamentos de bem e ora pensamentos de mal, poderá, de acordo com a sua maneira de pensar e sentir no momento, permitir a comunicação de um espírito bom ou de um espírito mau.

Um médium que tem o espírito atrasado e só pensa no mal, terá centenas de oportunidades de receber somente espíritos malígnos, perversos.

Os médiuns que vêm ao mundo em alta missão, geralmente possuem o próprio espírito elevado e dificilmente erram, seguindo até o fim da vida um roteiro firme e seguro.

Há porém médiuns que além de uma determinada missão, muitas vezes de grande importância até, vêm também com a finalidade de provas para a própria evolução. São aqueles que possuem espírito relativamente elevado. Estão sujeitos a altos e baixos; se se entregam aos pensamentos de desânimo e de mal, dão acesso às entidades inferiores. Se se voltam para a alegria sã, para as boas realizações e têm pensamentos puros, permitem a aproximação de espíritos elevados que procuram através da mediunidade deles realizar obras de valor espiritual e de auxílio à humanidade.

Podemos afirmar sem receio de errar e sem o desejo de ofender, que todos os médiuns que apareceram neste livro estão incluídos nesta classe: relativamente elevados, com exceção de Chico Xavier.

Daí o perigo que surge para os trabalhos realizados através deles; amanhã mudam de maneira de pensar, entregam-se ao desânimo, ao mal, e são dominados pelos espíritos inferiores que imediatamente procuram destruir tudo o que foi feito, anteriormente, pelas entidades superiores, buscando desmoralizar o médium e aqueles observadores que deram o testemunho idôneo do seu nome. Estão em prova e marcham no caminho da evolução. Se falharem, reencarnarão de novo para o mesmo trabalho. Eles sofrem e fazem os outros sofrerem.

Não há portanto motivo algum para se estranhar que este ou aquele médium venha posteriormente a negar os próprios trabalhos, desmentir o que homens honestos e respeitáveis observaram, verificaram e testemunharam como sendo verdade.

Os trabalhos de materialização, de um modo geral, só se realizam com o médium em estado de inconsciência. Isto é, embora o espírito do médium desprendido do corpo saiba "do outro lado" o que está acontecendo, quando ele volta, quando o médium desperta, de nada se lembra.

Portanto, para ele mesmo, não houve materialização alguma. Nós é que relatávamos para o Peixotinho e para o Fábio, após a reunião, o que havia sucedido, quais os espíritos que se haviam materializado e quais as ordens e instruções que nos haviam sido dadas. Dir-se-ia que lhes estávamos falando de coisas estranhas sucedidas com outra pessoa. Até há pouco tempo, o maior sonho do Peixotinho era assistir reuniões de materializações com outro médium. E o Fábio também ansiava por assistir reuniões do Peixotinho.

A única coisa que lhes sucedia, terminada a reunião, era sentir uma fome de lobo.

A Ifigênia, depois de se sentir completamente curada, abandonou definitivamente os trabalhos espirituais, porque dizia ela:

— Eu não vou à reunião mais. Mal chego, começo a domir e só acordo depois de terminada, altas horas da noite. Para vocês pode ser muito engraçado, mas para mim não tem graça alguma.

E foi-se embora de uma vez.

• • •

Diante disso, podemos assegurar que o próprio médium de materialização, no estado normal, é a pessoa que menos credenciais possui para falar sobre as materializações que se realizam por seu próprio intermédio. O testemunho deles, no estado normal, deve, pois, considerar-se nulo, sem valor. O que disserem, o que fizerem, anos depois de reuniões bem observadas e experimentadas, testemunhadas por pessoas de critério, não pode de modo algum invalidar essas reuniões.

Se amanhã mistificarem, forem encontrados enganando, isso não pode destruir o que foi observado, experimentado e testemunhado por pessoas em condições de o fazerem.

Eu mesmo sou homem e sujeito a mudanças de idéia. Desse modo quero deixar bem clara esta minha declaração: haja o que houver, aconteça o que acontecer, tudo o que foi descrito neste livro não poderá em tempo algum ser invalidado ou prejudicar as observações aí feitas, por atos ou palavras dos médiuns que permitiram com sua mediunidade a realização dos fenômenos. E eu mesmo me nego o direito de vir a público em qualquer tempo para negar o que aí afirmei, pois tenho atualmente trinta e um anos, ocupo um cargo público de responsabilidade, e estou em perfeito gozo de minhas faculdades mentais. O que declarei é a mais absoluta verdade. Se futuramente eu ou os próprios médiuns cometermos atos capazes de desmentir o presente relato, ou declararmos que tudo era mentira, não deve, não pode ser tomado em consideração.

Assim como não responderei pelas futuras reuniões dos citados médiuns. Meu testemunho abrange as reuniões a que assisti até esta data. Nesse período, os fenômenos foram verdadeiros, absolutamente verdadeiros.

25-12-50

FIM

ÚLTIMA PARTE

Depois do Fim

De 1952 em diante

Depois do Fim

Esta última parte de nosso trabalho se denomina "Depois do Fim".

E isso porque nosso livro já estava terminado e entregue ao editor, desde 1950, quando novos fenômenos surgiram em nosso caminho.

O médium Peixotinho, em Pedro Leopoldo, naturalmente, por orientação espiritual, submeteu-se a uma série de reuniões em que foram batidas chapas fotográficas e nos quais se deixaram fotografar espíritos materializados.

Essas reuniões se realizaram em sua maioria no próprio quarto de dormir de Francisco Cândido Xavier e com a sua presença aos trabalhos, assim como muitas outras pessoas.

Pode-se calcular, para os espíritas, a importância dessas fotografias, pela primeira vez tiradas no reduto mais notável do Espiritismo Brasileiro.

Materializações em Pedro Leopoldo!

Fenômenos realizados na fonte da Luz Espiritual que ilumina o Brasil. É fato inédito e até hoje não nos haviam os espíritos proporcionado essa oportunidade. Julgamos de nosso dever abrir uma nova parte em nosso trabalho como coroamento da obra.

As fotografias que apresentamos foram todas elas autenticadas, com declaração de próprio punho, por Francisco Cândido Xavier, no verso, e assinadas por ele e outros presentes. São, pois, valioso documento para o acervo da Doutrina. Além disso, aproveitamos para organizar outros capítulos que acreditamos venham a servir de orientação aos estudiosos.

Resultado de nossa humilde experiência nesse setor de fenômenos. É, no entanto, nosso pensamento compor um livro, em futuro próximo, sobre "Teoria e Prática dos Fenômenos de Materializações", de modo que os capítulos esboçados aqui são rápidos e ligeiros comentários apenas para servirem de roteiro elementar e não um estudo aprofundado.

Cremos, contudo, que nosso esforço venha encontrar a compreensão de nossos leitores e fazê-los refletir sobre a nova fase do Espiritismo no Brasil que, podemos afirmar, já tomou rumo superior, elevado, e em porvir que se avizinha estabelecerá uma nova forma de atividade mais grandiosa e mais bela.

CAPÍTULO I

Materializações em Pedro Leopoldo

PEIXOTINHO E FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Desde o ano de 1948, para cá, o médium Peixotinho tem ido a Pedro Leopoldo em visita ao médium Francisco Cândido Xavier.

A primeira vez que ali foi, ele o fez em nossa companhia, como vimos no capítulo I da Primeira Parte deste livro.

Daí por diante, anualmente, vai a Pedro Leopoldo onde são realizadas notáveis sessões de efeitos físicos e materializações. Os fatos mais interessantes no setor das materializações têm-se sucedido e deles nós temos conhecimento através de informações prestadas pelo próprio Francisco Cândido Xavier, pelo Peixotinho, por pessoas que estiveram presentes ou por nosso comum amigo, Henrique Ferraz Filho.

De tudo, no entanto, o que de mais importante para os nossos estudos tem ocorrido, são as fotografias de espíritos materializados que têm sido batidas com a presença de numerosas pessoas e entre elas, Francisco Cândido Xavier. A presença constante de Chico Xavier nessas reuniões, as descrições que faz dos espíritos presentes antes que se materializem, as referências e mais ainda as mensagens psi-

cografadas, escritas, que recebe dessas entidades, **para os espíritas**, são o mais importante atestado da idoneidade da mediunidade de Peixotinho e da veracidade das materializações que por ele se realizam. Caso Peixotinho não fosse realmente o médium respeitável que é, já, por certo, teria Francisco Cândido Xavier se afastado dele e não endossaria nem mesmo com a sua presença os fenômenos através dele apresentados. Ali, os espíritos têm-se materializado e têm sido fotografados.

As fotografias que possuímos, tiradas em Pedro Leopoldo foram todas elas batidas pelo sr. Henrique Ferraz Filho, residente no Rio de Janeiro e **todas** foram autenticadas com declaração de próprio punho, no verso, pelo Chico. Consideramos essas fotografias assim autenticadas verdadeiros documentos de valor inestimável para o Espiritismo atual e para o Espiritismo do Porvir, da mesma forma que representam novos fundamentos da Doutrina oferecidos à Humanidade.

Além disso, constam nelas as assinaturas de outras pessoas igualmente idôneas. Sobre essas fotografias falaremos mais particularmente em capítulo especial.

• • •

A respeito do Peixotinho escreveu-nos Francisco Cândido Xavier em carta datada de 19-5-1949:

> "É pena que o nosso Peixotinho se encontre desejoso de transferir-se para Macaé. Eu tinha a idéia de que seria excelente um livro seu em torno dos trabalhos dele, aí no Rio, com descrições dos fenômenos e comentários evangélicos, edificantes, nos moldes de "No País das Sombras", da Senhora d'Espérance. Conhece? Acredito que seria um trabalho muito importante para a nossa doutrina...

> Enfim, aguardemos o tempo. Quem sabe: às vezes, todas as circunstâncias se ajustam em favor do nosso ideal e, neste caso, o objetivo é de interesse de todos, não é? Creio que a vida luminosa do Peixotinho precisava ser fixada, por algum companheiro como você, que o ama e compreende, na direção do futuro."

• • •

Em carta de 29-8-49, escreveu ainda o grande médium de Pedro Leopoldo:

> "Eu sei que o Peixotinho é um médium cristão e, por isto mesmo, humilde e retraído. Entretanto, Ranieri, os testemunhos dessa ordem são talvez mais dolorosos e por isto não devem ser desprezados".
>
> "Ainda não sofri coisa alguma por amor à doutrina que amamos e nunca pude testemunhar minha fé pela minha pequenez na tarefa, mas rogo a Jesus me faça, um dia, nas reencarnações do futuro, um coração digno de sofrer o que o nosso Peixotinho tem experimentado por amor ao nosso Ideal Cristão. Que Deus o fortaleça cada vez mais, em sua missão de reveladora luz."

• • •

Em carta de 28-3-48 também nos disse Chico Xavier:

> "Rogo a você, sempre que lhe for possível, enviar-me notícias dos trabalhos do "André Luiz". Considero esse grupo como sendo um conjunto de muita importância para o espiritismo cristão do Brasil.

Peço a você dar um apertado abraço ao Peixotinho, com imensas saudades dele."

• • •

Em carta de 19-5-49 também afirmara:

"Peço muito ao Senhor para que você seja muito bem inspirado na organização do livro com que sonhamos em torno das faculdades do nosso amado Peixotinho."

• • •

E ainda, em missiva em 28-3-48:

"Fiquei muito satisfeito em saber que o nosso Romanélli presenciou uma das sessões do Peixotinho."

• • •

Para os espíritas, não há necessidade de maiores testemunhos da respeitabilidade de Peixotinho. Vemos em todas essas transcrições o carinho com que Chico Xavier se refere ao médium de efeitos físicos e às afirmações categóricas que faz referindo-se aos seus trabalhos. Tanta importância lhe dava que ao saber que Peixotinho pretendia se transferir para Macaé, apressou-se a enviar-me uma carta na qual me sugeria a realização de um livro em torno dele e dos fenômenos. E não somente sugeriu mas chegou até a delinear as linhas gerais do livro.

Chamou-o de "amado Peixotinho" e declarou firmemente: "Eu sei que o Peixotinho é um médium cristão."

E falando dele, disse-nos finalmente Francisco Cândido Xavier:

"Que Deus o fortaleça cada vez mais, em sua missão de reveladora luz."

É a consagração de sua missão de médium em Terras do Cruzeiro. Nada mais será preciso dizer.

CAPÍTULO II

Nova Concepção dos Fenômenos de Efeitos Físicos

Entre os próprios espíritas existe uma concepção errônea relativamente aos trabalhos de efeitos físicos e mais acentuadamente com respeito às reuniões de materialização. Afirmam alguns que "não se interessam por esses fenômenos" e outros declaram que essas sessões são realizadas por espíritos "atrasados", "inferiores". Repetem ainda que se baseiam nas instruções de Kardec. Que não aceitem as reuniões de materializações porque não se interessem por elas, é um direito que ninguém lhes contesta, mas que estejam baseados em Kardec é o que iremos contestar.

Kardec não recusou absolutamente as reuniões de efeitos físicos ou de materialização. Tanto assim que as classificou em O Livro dos Médiuns, como dignas de seus estudos. Não poderia ele, de forma alguma, recusar os fenômenos mais probatórios da existência do mundo espiritual e de espíritos que vivem numa faixa vibratória diferente da nossa. E não o fez. O que ele nos ensinou é que no "seu tempo" esses trabalhos eram sempre realizados por espíritos menos esclarecidos. "Menos esclarecidos" e não espíritos atrasados, inferiores, maus, perversos.

Como sabemos, a tarefa do Codificador foi assistida por uma plêiade notável de espíritos superiores e presidida mesmo pelo Espírito de Verdade.

Natural é que não se materializassem esses luminosos espíritos numa época em que se estava lançando o fundamento de uma doutrina ainda em fase elementar e muito menos para o trabalho de Kardec. Mesmo porque a sua missão não estava ligada a fenômenos de efeitos físicos, de modo especial. Isso caberia à ação oportuna do tempo. Lembremo-nos que Francisco Cândido Xavier, em nosso próprio tempo, encarregado de missão intelecto-espiritual tem-se mantido em seu setor, que é a Missão do Livro, enquanto as materializações estão se realizando por outros médiuns.

A Grandiosa Missão de Kardec era a codificação da Doutrina Espírita, o lançamento fundamental de suas bases, com repercussão no futuro através de um vasto movimento de propagação das idéias. Trabalho de cientista, filósofo, apóstolo, escritor, etc.

Missão árdua de enormes proporções intelectuais e humanitárias. Não lhe competia, naquela oportunidade, deter-se no estudo especializado de fenômenos da maior respeitabilidade, mas em ocasião absolutamente inoportuna, levando-se ainda em consideração o fato de terem de ser esses fenômenos observados por outros missionários espalhados nos diversos ramos da ciência.

Como facilmente verificamos, o trabalho de fundamentação da Doutrina Espírita foi, e será sempre, um trabalho de "equipes" e não de um só homem. Todas as observações e estudos convergendo para um mesmo fim. Kardec não veio abarcar tudo nem desejou isso.

A tarefa de um William Crookes será sempre a tarefa de um William Crookes. A ele competia o estudo e a responsabilidade.

A tarefa de Kardec será sempre a tarefa de Kardec no setor designado por Deus. A ele pertence totalmente.

• • •

Não competia, pois, ao Codificador deter-se mais demoradamente nesses fenômenos. Deu-lhes, dentro da Codificação, a importância relativa que dera aos outros.

No entanto, nós o vemos referindo-se a uma sessão a que assistia e na qual uma pesada mesa correra todo o cômodo e ele acrescenta: "em condições tais que não deixou a menor dúvida". Sempre se referiu aos fenômenos de efeitos físicos com o maior respeito. Disse, isto sim, que espíritos de ordem superior usavam espíritos menos elevados para realizarem esses fenômenos da mesma forma que um homem educado e fino usa um carregador para levar a sua mala. Isto não quer dizer que houvesse desprezo da parte dos espíritos superiores, mas apenas que era mais fácil aos espíritos "mais materializados" manipularem o ectoplasma do médium.

Hoje, chegamos à conclusão de que os espíritos de ordem superior se materializam com certa facilidade desde que as reuniões sejam organizadas de acordo com o **programa rigoroso** que estamos apresentando. As condições para que se materializem é que são outras; exigem que os assistentes não comam carne, não fumem, não bebam e levem uma vida pura. Tudo muito natural. Se recusarmos a materialização de espíritos superiores teríamos que recusar as materializações do próprio Cristo, visto que Este, após o Calvário, materializou-se durante quarenta dias para os discípulos e com a finalidade de acabar a instrução que lhes dera e como prova da Sua Sublime Imortalidade.

A doutrina cristã, é inegável, se apóia na materialização de Jesus.

As forças superiores do espírito virão ao nosso encontro se nós estivermos preparados para recebê-las.

CAPÍTULO III

Superincorporação

Tentamos esboçar aqui o que chamaremos de superincorporação.

Acreditamos que noventa e nove por cento dos estudiosos dos fenômenos espíritas ou psíquicos nada sabem da técnica da materialização. É território desconhecido e inexplorado. Desse quase completo desconhecimento vem talvez a razão de incredulidade de uns, das afirmações levianas de que este ou aquele médium é mistificador, e da dúvida de muitos.

Não conhecendo a técnica, não sabem de maneira precisa e exata como pode-se apresentar o fenômeno.

Já nos temos dedicado durante quase dez anos ao estudo especializado desse setor do Espiritismo, teórico e prático.

Em contato com entidades materializadas, sempre que possível, buscamos esclarecimentos a propósito do assunto. Até 1950, mais ou menos, observamos que os espíritos-guias preferiam nos dar indicações vagas como que receosos de que a sua explicação mais viesse confundir que esclarecer. Daí por diante, notamos que de alguma forma tentavam atender ao nosso justo anseio de conhecimento. Todavia, ainda assim, de maneira escrupulosa e prudente.

Através de reiteradas observações, chegamos às conclusões seguintes, que, de modo algum consideramos definitivas e supomos que venham a ser corrigidas para melhor, talvez por nós mesmos, nos próximos dez anos:

1) Existem materializações de espíritos que se apropriam, dominando e manipulando diretamente o ectoplasma do médium.

2) Existem materializações de espíritos que somente se apropriam, dominam e manipulam o ectoplasma do médium através do próprio "perispírito" do próprio médium.

Esta é a **superincorporação**.

No primeiro caso, as materializações são mais independentes e perfeitas.

O espírito apresenta-se com raríssimas aparências do médim.

No segundo caso, embora as materializações possam-se revestir das mais grandiosas e notáveis manifestações espirituais, as entidades comunicantes estão submetidas ao "organismo perispiritual" do médium, à roupagem fluídica do aparelho mediúnico.

Dá-se o fenômeno da seguinte maneira: deitado no leito, na cabina apropriada, ou sentado na cadeira, entra o médium em estado de transe ou de inconsciência e o seu "espírito" ou melhor, seu **perispírito** é afastado do corpo de carne.

Enquanto jaz o corpo inconsciente "deste lado", no "lado de lá" o "espírito" ou "perispírito" do médium anda no meio das entidades espirituais desencarnadas, conversa com elas e recebe conselhos.

E "nele" passam a se incorporar as entidades que desejam materializar. Incorporadas ao perispírito movimentam com facilidade o ectoplasma que existe no corpo físico do médium, exteriorizam-se e dão consistência ao seu aspecto. O perispírito, como sabemos, é organização elétrica ou

coisa semelhante, de prodigiosa movimentação plástica, capaz de ser modificada à vontade pelo espírito que "superincorporou-se".

No entanto, apesar de toda a mobilidade do perispírito do médium, nem sempre consegue o espírito comunicante dar-lhe totalmente a sua própria aparência. Isso por várias razões: ambiente, pouca quantidade de ectoplasma, impossibilidade de o próprio espírito comunicante reviver com precisão a personalidade que possuiu aqui na Terra e que é a que deseja reproduzir.

Incapaz de alterar "completamente" o perispírito do médium, "transfigura-o" parcialmente. Daí surgem as dúvidas nos assistentes; ao mesmo tempo que observam que o espírito materializado apresenta um rosto perfeito ou um porte diferente do médium, notam nele sinais que lembram o próprio médium. Ora o braço, ora o modo de andar, etc., etc.

Passam então a supor que o médium é que se fingiu de espírito ou se disfarçou para enganá-los.

No entanto, o que está acontecendo é apenas isto: um espírito apropriou-se do perispírito do médium, transfigurou-o, modificou-o da melhor maneira possível, adicionou-lhe o ectoplasma usando a lei da agregação celular espiritual, **que ainda nós não conhecemos**, pelo império da vontade e apresentou-se na reunião.

É a **superincorporação**. Em vez de o espírito se incorporar no corpo do médium como acontece nos fenômenos simples de incorporação ou nos fenômenos realizados com os médiuns falantes, através do perispírito, ele neste caso se incorpora apenas no perispírito sem o corpo físico e faz o que é possível. Este tipo de materialização é o mais comum e com ele se têm realizado notáveis trabalhos espirituais ao mesmo tempo que por guardar as aparências, muitas vezes, dos médiuns, trazem a muita gente sérias dúvidas.

Nós então procuraremos orientar da seguinte forma: ao lado das materializações, nós deveremos sempre observar os **outros fenômenos subsidiários** que se estão realizando. Verificaremos se a capacidade intelectual apresentada pelo espírito comunicante coincide com as possibilidades do médium; se as operações e tratamentos pelos espíritos efetuados atingem resultados práticos verdadeiros; se as instruções que nos dão são de ordem superior; se as diversas personalidades que se apresentam nas reuniões poderiam ser imitadas pelo médium com facilidade, como sejam, crianças, mulheres, moços, velhos, poetas, escritores, oradores, cientistas, médicos, etc., etc.; se os aparelhos que nos trazem são conhecidos na Terra, enfim toda a série de fenômenos que acompanham sempre essas notáveis manifestações.

Não se pode julgar apenas pela aparência. Antes de emitir qualquer juízo, cumpre estudar profundamente os fatos.

Julgamento apressado só pode conduzir a conclusões errôneas.

Espiritismo é ciência e como ciência deve ser estudado. Leva, contudo, a conseqüências que até hoje fizeram parte do acervo das religiões. Isto não nos autoriza a abandonar as regras da positividade e do raciocínio imperturbável.

Em todas as oportunidades de nossos estudos espirituais não podemos olvidar os ditames inexoráveis da razão.

• • •

Esta, a **superincorporação**.

O outro tipo de materialização citado, o mais raro, produz fenômenos mais perfeitos e que ficam **de uma certa maneira** independentes do organismo "perispiritual" do médium.

Nessa, os espíritos comunicantes se apropriam e manipulam diretamente o ectoplasma do médium. O "espírito" ou perispírito do médium, geralmente, nessas ocasiões, é levado para organizações espirituais situadas em regiões distantes. Fica o material ectoplásmico do médium à mercê das entidades mais ou menos elevadas que formam a sua equipe de trabalho de efeitos físicos. Pode, e em geral é o que acontece, o mesmo médium produzir materializações dos dois tipos. Numa reunião, de um tipo; noutra reunião, de outro tipo, ou na mesma reunião de ambos os tipos. Isso depende de causas várias e não nos julgamos, no momento, autorizados a explanar nem mesmo como observação ou sugestão.

CAPÍTULO IV

Fotografias

Em Pedro Leopoldo foram tiradas com a presença de Francisco Cândido Xavier, em casa dele e no Centro Espírita "Luís Gonzaga", em reuniões especiais, oito fotografias de espíritos materializados. A primeira fotografia, bem interessante, é a de um rapazinho de 7 anos mais ou menos, filho de um médico do Rio de Janeiro. Esse rapaz faleceu no desmoronamento do Cine Rink na cidade de Campinas. Fotografia batida em 3 de fevereiro de 1952. Infelizmente, não obtivemos permissão do pai, até agora, para a sua publicação; ela se encontra em nosso poder, devidamente autenticada pela mãe do rapaz e por um tio que estavam presentes aos trabalhos, assim como por numerosas pessoas, inclusive Chico Xavier.

A família inteira reconheceu a fotografia do espírito como sendo fielmente a perfeita fisionomia do rapazinho.

Alegou o pai motivos sentimentais para a não publicação "já", "tão cedo".

Isso, segundo deu a entender, reviveria o seu drama.

Respeitamos os sentimentos paternos e deixamos de incluir nesta obra a **primeira fotografia de espírito materializado batida em Pedro Leopoldo**. Por ser a primeira, é um

documento histórico, de acordo com o nosso ponto de vista. Aguardaremos, no entanto, pacientemente, a oportunidade. Em outras edições desta obra, quem sabe, sairá.

• • •

À segunda batida foi em Pedro Leopoldo, no quarto mesmo de Francisco Cândido Xavier, em abril de 1953, e é a fotografia de CAMERINO, pessoa que residiu e desencarnou em Macaé, Estado do Rio.*

• • •

A terceira é o retrato do espírito materializado de ANA, criatura que viveu e desencarnou em Campos, Estado do Rio.**

Foi batida em 15 de setembro de 1953 e nota-se nela isto de interessante: a cama está colocada no canto da parede, bem no ângulo das duas paredes do quarto, no encontro, e vê-se que não há espaço para caber uma mulher atrás da cama. Além disso, notamos a perfeição e naturalidade de seus traços fisionômicos.

• • •

A quarta, a quinta e a sexta, formam uma espécie interessante de três fotografias nas quais se vê o ectoplasma em movimentação. Saindo, a princípio, em pequena quantidade da boca, ouvidos e nariz do médium —, fotografia **A**; depois, em maior quantidade —, fotografia **B** e finalmente, já em grande quantidade, vendo-se o rosto materializado do espíri-

---

* Vide Foto nº 31 à página 209.
**Vide Foto nº 32 à página 211.

to de **PINHEIROS**, pessoa que viveu e desencarnou em Macaé, Estado do Rio. Fotografia **C**.*

Conforme relatou o sr. Henrique Ferraz Filho, que foi o fotógrafo, essas três fotografias foram batidas seguidamente, com um intervalo apenas 30 segundos de uma para a outra. Bateu a primeira a segundos de uma para a outra. Bateu a primeira, a segunda e a terceira, dando somente o espaço de trinta segundos.

• • •

A sétima fotografia, finalmente, tirada em Pedro Leopoldo, é a fotografia do espírito materializado de "UMA AMIGA ESPIRITUAL DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER". Assim nos pediu o Chico que colocássemos em nosso livro.**

Nota-se nela a **impressionante perfeição fisionômica** e a marcação forte dos traços faciais.

Envolvendo-a, o ectoplasma apresenta maravilhosa expressão de leveza sobre a cabeça. Essa fotografia foi batida em 1954, no quarto de Chico Xavier.

Em todas as fotografias, o ectoplasma se apresenta saindo da boca, nariz e ouvidos do médium Peixotinho, deitado na cama. Infelizmente, até o momento, não chegaram às nossas mãos as atas dessas reuniões, o que daria ao nosso trabalho maior amplitude.

Encontram-se em poder de Henrique Ferraz Filho, que ainda não no-las remeteu.

• • •

* Vide Fotos ns. 33, 34 e 35 nas páginas 213 a 217.

** Vide Foto nº 36 na página 219.

A fotografia de CAMERINO, segunda da série, mas primeira a que nos referimos, visto que a **primeira** não pode ser publicada, traz no verso, de próprio punho de Francisco Cândido Xavier, a autenticação seguinte,* acompanhada de outras assinaturas.

"Na noite de abril de 1953, em nossa residência de Pedro Leopoldo, reunido um grupo de amigos, servindo como médium o nosso irmão Francisco Peixoto Lins (Peixotinho), na cabina habitual das sessões de materialização, tivemos a felicidade de receber a visita do irmão Camerino, desencarnado na cidade de Macaé, Estado do Rio, tendo sido fotografado pelo nosso companheiro sr. Henrique Ferraz Filho, residente no Rio de Janeiro, serviço esse que foi efetuado sob a orientação do espírito da irmã Scheilla, materializado igualmente, na mesma reunião. Para dar testemunho da verdade, nós, com outros companheiros presentes à sessão, assinamos o presente relato.

Pedro Leopoldo, 2 de maio de 1953.

Francisco Cândido Xavier
Arnaldo Rocha
Inaiá Ferraz Lacerda
Osvaldo Lacerda
Francisco Peixoto Lins
Henrique Ferraz Filho

• • •

* Vide Foto nº 31 à página 209.

A fotografia de ANA tem a seguinte autenticação no verso:

"Nós, abaixo-assinados, presentes à reunião de materialização, realizada na residência de Francisco Cândido Xavier, na noite de 16 de setembro de 1953, em Pedro Leopoldo, declaramos que, servindo na cabina, como médium, o nosso companheiro Francisco Peixoto Lins (Peixotinho), residente à rua Miguel Herédia, 146, em Campos, Estado do Rio, foi a nossa reunião visitada pelo espírito da irmã Ana, desencarnada em Macaé, entidade essa que foi fotografada pelo nosso confrade Sr. Henrique Ferraz Filho, residente no Rio de Janeiro, tendo sido o serviço fotográfico orientado pelo espírito da irmã Scheilla, igualmente materializado na mesma reunião. O retrato obtido constitui motivo de grande júbilo para os nossos corações que receberam, com essa dádiva, grande acréscimo de responsabilidade, tão grande é a bênção do mundo espiritual que esta fotografia traduz.

Para dar testemunho da realidade, assinamos a presente declaração.

Pedro Leopoldo, 14 de dezembro de 1953.

Francisco Cândido Xavier
Esmeralda Bittencourt
Jaks Aboab
Inaiá Ferraz Lacerda
Henrique Ferraz Filho
Wanda Lintz de Freitas Ferraz
Henrique Kemper Borges
Maria Conceição Lomba Ferraz
Francisco Peixoto Lins

Autenticação essa de próprio punho de Francisco Cândido Xavier e assinada pelas demais pessoas.*

• • •

Todas as outras fotografias seguintes foram autenticadas de próprio punho por Francisco Cândido Xavier com os seguintes dizeres:

"Declaro que esta fotografia foi batida em reunião de materialização em nossa residência, em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique Lomba Ferraz, servindo de médium o Sr. Francisco Peixoto Lins, achando-me presente, assim como diversos companheiros, que testemunharam o fenômeno e acompanharam a reunião em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-54.

Francisco Cândido Xavier

• • •

Essas autenticações** serão reproduzidas neste livro.

As reuniões em que foram batidas as fotografias contaram com a presença de grande número de pessoas respeitáveis. Todavia, para nós, é de tal modo decisivo o testemunho de Francisco Cândido Xavier, que consideramos desnecessárias outras assinaturas, mesmo porque as fotografias anteriores apresentam assinaturas de outros.

• • •

* Vide página 210.

** Vide páginas 210, 212, 214, 216, 218 e 220.

As fotografias foram realizadas com máquina Rolleiflex —; Diafragma: 8; — velocidade: 1/100; fragmação; Flash Silvania Super-Frex/ Press — 25 — 3.800.

Numa distância de 3 (três) metros.

Declara o sr. Henrique Ferraz Filho (Lomba) esta particularidade interessante: que embora o espírito estivesse materializado e a ordem **por voz** viesse dele, todas as vezes que queimou o **flash** não viu nada e ninguém diante de si. No entanto, ao revelar a chapa, lá estava o espírito que se propusera a ser fotografado. A oitava fotografia e última, batida em Pedro Leopoldo, não chegou às nossas mãos e nada podemos, no momento, afirmar a respeito.

• • •

Seguem reproduzidas as fotografias por ordem.

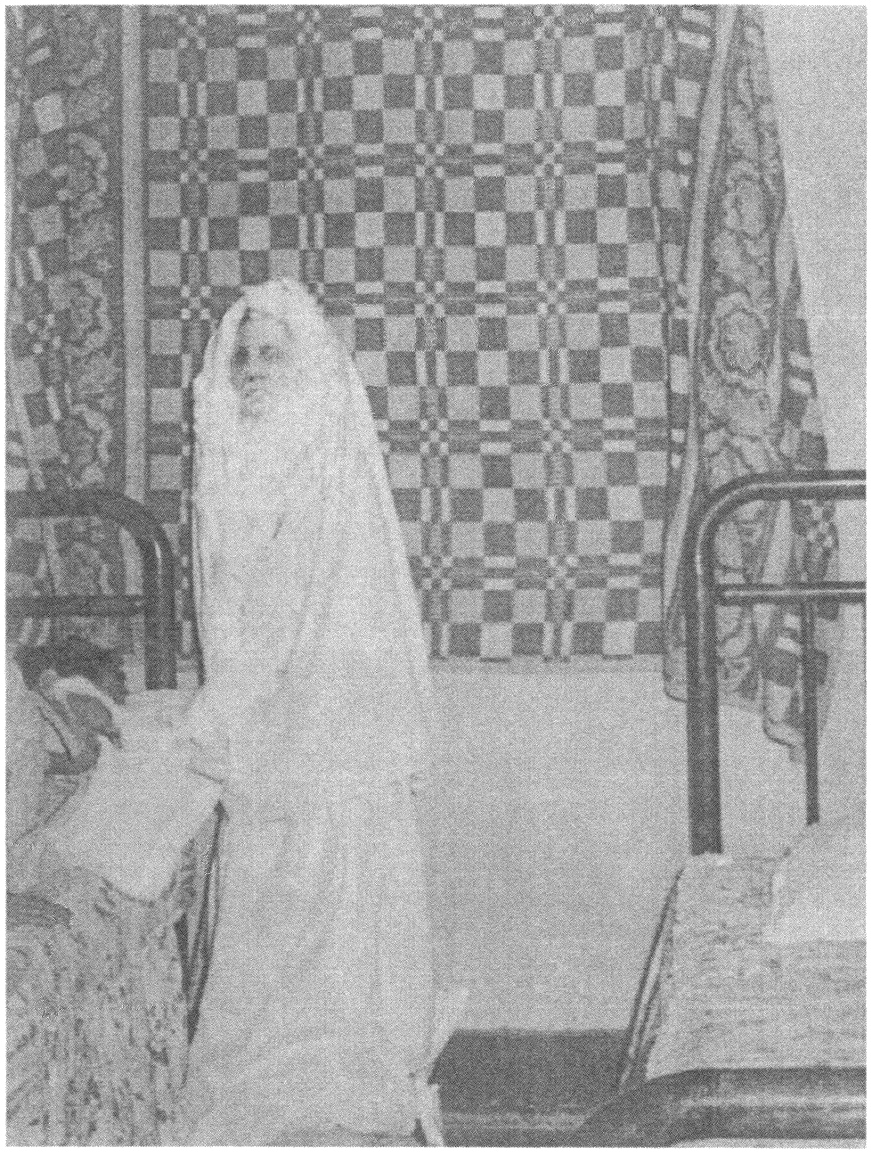


Foto nº 31 — ESPÍRITO MATERIALIZADO DE CAMERINO.

Na noite de de Abril de 1953, em nossa residencia de Pedro Leopoldo, reunido um grupo de amigos, servindo como medium o nosso irmão Francisco Peixoto Lins (Peixotinho) na cabine habitual das sessões de materialização, tivemos a felicidade de receber a visita do irmão Camerino, desencarnado na cidade de Macaé Estado do Rio, tendo sido fotografado pelo nosso companheiro Dr. Henrique Serraz Filho, residente no Rio de Janeiro, serviço êsse que foi efetuado sob a orientação do Espírito da Irmã Scheila, materializado igualmente, na mesma reunião. Para dar testemunho da verdade, nós, com outros companheiros presentes à sessão, assinamos o presente relato.

Pedro Leopoldo, 2 de maio de 1953

Francisco Cândido Xavier

Francisco Peixoto Lins

Foto nº 32 — ESPÍRITO MATERIALIZADO DE ANA.

Nós, abaixo assinados, presentes à reunião de materialização, realizada na residencia de Francisco Candido Xavier, na noite de 16 de setembro de 1953, em Pedro Leopoldo, declaramos que, servindo na cabine, como medium, o nosso companheiro Francisco Peixoto Lins (Peixotinho), residente à rua Miguel Heredia, 146, em Campos, Estado do Rio, foi a nossa reunião visitada pelo Espirito da Irmã Ana, desencarnada em , entidade essa que foi fotografada pelo nosso confrade Dr. Henrique Fenaz Filho, residente no Rio de Janeiro, tendo sido o serviço fotográfico orientado pelo Espirito da Irmã Scheilla, igualmente materializada na mesma reunião. O retrato obtido constitue motivo de grande jubilo para os nossos corações que receberam, com essa dádiva, grande acréscimo de responsabilidade, tão grande é a benção do mundo espiritual que esta fotografia traduz. Para dar testemunho da realidade, assinamos a presente declaração.

Pedro Leopoldo, 14 de dezembro de 1953

Francisco Cândido Xavier

Francisco Peixoto Lins

Wanda Lins de Freitas Ferraz

Foto nº 33 — ESPÍRITO MATERIALIZADO DE PINHEIROS (ECTOPLASMA EM MOVIMENTO).

Declaro que esta fotografia foi batida em reunião de materializações, em nossa residencia em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique Lomba Fenaz, servindo de medium o Sr. Francisco Peixoto Lins, achando-me presente, assim como diversos companheiros, que testemunharam o fenomeno e acompanharam a reunião em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-54
Francisco Candido Xavier

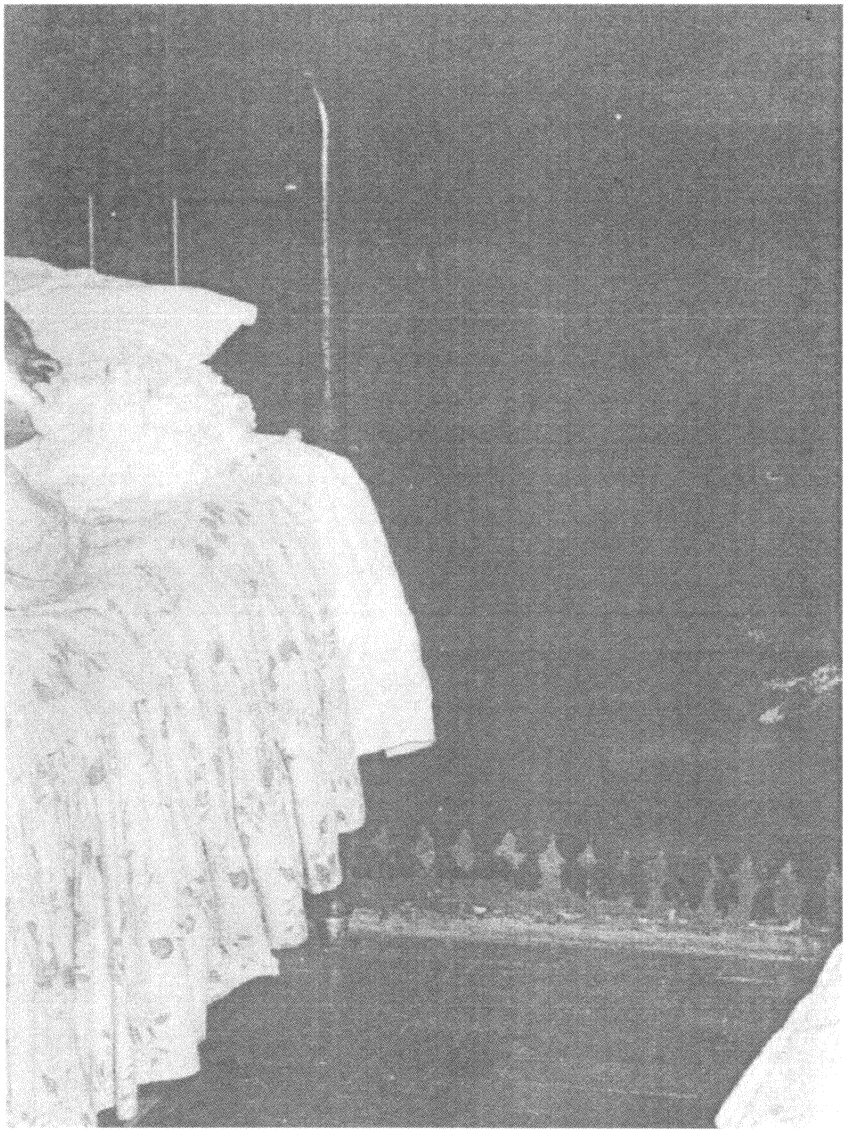


Foto nº 34 — ESPÍRITO MATERIALIZADO DE PINHEIROS (ECTOPLASMA EM MOVIMENTO).

Declaro que esta fotografia foi batida em reunião de materialização, em nossa residencia em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique Lomba Fenaz, servindo de medium o Sr. Francisco Peixoto Lins, achando-me presente, assim como diversos companheiros, que testemunharam o fenomeno e acompanharam a reunião em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-57
Francisco Candido Xavier

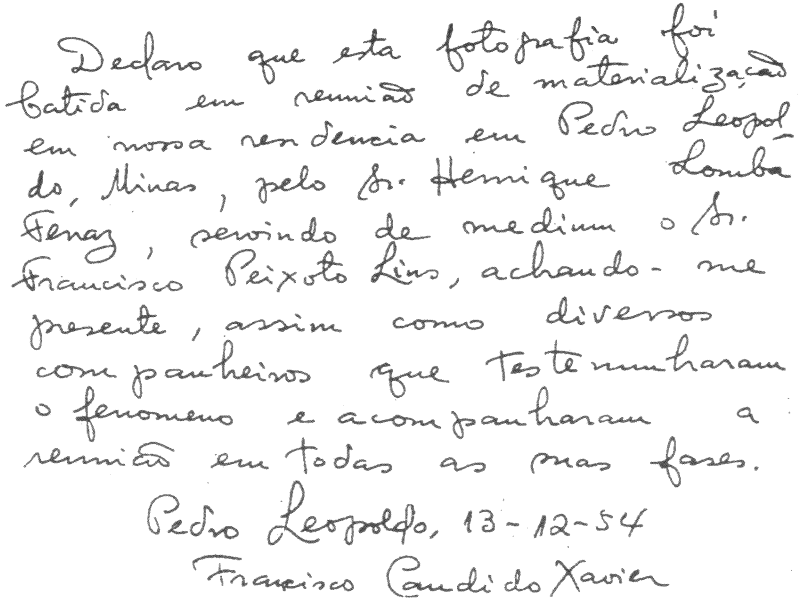
Foto nº 35 — ESPÍRITO MATERIALIZADO DE PINHEIROS (ECTOPLASMA EM MOVIMENTO).

Declaro que esta fotografia foi batida em reunião de materialização, em nossa residencia em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique Lomba Fenaz, servindo de medium o Sr. Francisco Peixoto Lins, achando-me presente, assim como diversos companheiros que testemunharam o fenomeno e acompanharam a reunião em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-54

Francisco Candido Xavier

Foto nº 36 — UMA AMIGA ESPIRITUAL DE FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER.


Declaro que esta fotografia foi batida em reunião de materialização em nossa residencia em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique Lomba Fenaz, servindo de medium o Sr. Francisco Peixoto Lins, achando-me presente, assim como diversos companheiros que testemunharam o fenomeno e acompanharam a reunião em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-54

Francisco Candido Xavier

CAPÍTULO V

Fotografia do espírito materializado de Maria Duarte Santos

Em 1952, em Fortaleza, estando ali o médium Peixotinho, foi em sessão espírita batida a fotografia, que se segue, de Maria Duarte Santos, esposa de Isidoro Duarte Santos, escritor residente em Portugal e muito conhecido no Brasil.

Passamos a transcrever trecho de uma carta enviada pelo fotógrafo, sr. Ubiracy de Carvalho Lima, ao nosso estimado amigo Henrique Magalhães, do Conselho Federativo da Federação Espírita Brasileira, em 2 de dezembro de 1952. Henrique Magalhães nos cedeu a carta e a fotografia remetidas pelo missivista para inclusão neste trabalho.*

• • •

Assim, na citada carta, diz o sr. Ubiracy de Carvalho Lima:

(*) Vide fotos ns. 37 e 38 nas páginas 225 e 226.

"De início quero esclarecer que, com a chegada de Peixotinho à Fortaleza, se congregou pequeno grupo espírita com o fim de favorecer à sua mediunidade admirável ambiência harmoniosa nos limites das possibilidades de uma improvisação e, na fase inicial, em conversa amistosa, falamos na possibilidade de obterem-se fotografias que ficassem como lembrança e registro da passagem dele por estas plagas. Peixotinho mostrou-se interessado, pois que não possuía nenhuma fotografia sua no ato da emissão ectoplasmática, o que sempre desejara. Prontifiquei-me a facilitar isso desde que os guias concordassem e dessem ordem, uma vez que bem sabia os efeitos nocivos ao médium em transe da ação intempestiva da luz e da responsabilidade que eu arcaria se queimasse o **flash** antes do tempo. Na expectativa, não perdi senão muito poucas sessões, quer de efeitos físicos, quer de materialização (estas, aliás, assisti a todos as quatro). E levava comigo o material fotográfico para o trabalho, uma vez que os guias concordaram com a experiência. Já quase desanimava quando, na última reunião para materialização, o Peixotinho, pouco antes de penetrar na câmara, avisou-me para preparar tudo.

Assim autorizado, entrei na câmara do médium, coloquei a máquina (Rolleiflex, 6 x 6, lente Zeiss Tessar 1.3:5, filme Kodak Super XX) no tripé, foquei o divã, cerrei o diafragma ao máximo para obter campo de nitidez máximo e, com tudo preparado fiquei fora logo junto à porta, cerrada por grande folha de "celotex" que a vedava em toda a largura, mas deixando, ao alto, uma frincha de cerca de 30 cm por onde se viam as luzes durante os trabalhos dos espíritos.

Fechada a luz, iniciou-se a sessão na forma habitual, com preces, cânticos, etc.. Numa pausa, por voz direta, José Grosso, um dos familiares do médium, autorizou-me a entrar e tirar "uma chapa só". Coloquei a lâmpada **flash** no aparelho, entrei na Câmara do médium, abri o obturador da máquina fotográfica e queimei o **flash**. Procurei, curiosamente, observar o que de anormal se via, mas o relâmpago ofuscou-me totalmente, ficando-me gravada na retina, porém, a figura do médium deitado no divã e mais nada. Em obediência às instruções saí e cerrei a porta atrás de mim. Ao sentar-me, Zé Grosso, de novo, indagou se a máquina ficara carregada, ao que respondi negativamente, lastimando intimamente por ver que a pergunta dava a entender que, em caso afirmativo, talvez autorizasse tirar outra foto... Para compensar tal lapso, indaguei, por minha vez, se desejavam que eu a preparasse de novo, mas negativa foi a resposta. Depois disso, a sessão continuou, como as anteriores, com a finalidade de obtenção de curas por operações astrais feitas por espíritos materializados.

Devo acrescentar, ainda, que o filme obtido foi revelado em laboratório profissional de 1ª ordem e inicialmente foi tirada pequena cópia de contato, a qual, depois de estudada e tendo sido nela encontrado aquilo que esperávamos, foi devidamente ampliada, tal como o amigo viu nas mãos de Peixotinho, ampliações essas feitas no mesmo laboratório, sem qualquer retoque."

• • •

Essa a descrição feita pelo fotógrafo sr. Ubiracy de Carvalho Lima.

A seguir publicamos para estudo dos leitores a fotografia do espírito materializado —, fotografia 37, assim como uma fotografia de Maria Duarte Santos quando viva —, foto-

grafia 38, a fim de que possam verificar a absoluta semelhança de traços fisionômicos.*

NOTA — O sr. Ubiracy de Carvalho Lima é alto funcionário do Banco do Brasil, no Ceará.

Foto nº 37 — ESPÍRITO MATERIALIZADO DE MARIA DUARTE SANTOS.

Foto nº 38 — RETRATO DE MARIA DUARTE SANTOS QUANDO VIVA.

CAPÍTULO VI

Organização de sessões de Materializações

Sabemos também que não existe até o momento um programa definido para organização de sessões espíritas de efeitos físicos e mais particularmente de materializações de ordem superior. Acreditamos seja útil deixar alguns conselhos com referência ao assunto pela experiência que já possuímos e de alguma forma pelo que conhecemos através de reuniões realizadas em qualquer parte do mundo.

Pensamos que as reuniões de efeitos físicos e materializações substituirão em futuro próximo as atuais reuniões de caridade pela incorporação simples, tão espalhadas em nosso país. E isso, porque chegou a hora e existe mesmo ambiente para reuniões de maior "certeza" e eficiência.

As reuniões atuais de caridade pela incorporação simples sempre produziram os mais belos frutos de bem e de auxílio ao próximo, isso é inegável. Contudo, já admitimos que os trabalhos espirituais dos **espíritos** no Brasil conduziram-nos a um clima de maiores possibilidades mediúnicas e entendimento espiritual, o que veio abrir novo campo.

A generalização de sessões de efeitos físicos e materializações, cremos nós, se fará em tempo relativamente curto e os médiuns dessa natureza se multiplicarão de tal

maneira que passarão elas a ser as reuniões habituais dos centros espíritas.

O cunho de certeza de que se revestem aumentará a fé dos assistentes e determinará um entusiasmo acentuado para o estudo.

CONSELHOS

Para se organizar um grupo a fim de atingir o clima propício aos fenômenos de efeitos físicos e materializações realizadas por espíritos de categoria superior, necessita-se de:

1º) Um ideal superior: estudo e prática da caridade.

2º) Um número certo, invariável, de elementos de boa vontade.

3º) Duas reuniões por semana.

4º) Freqüência permanente a essas reuniões dos elementos que a isso se dispuserem, admitindo-se a falta apenas por motivo de força maior, em casos extremos. Não haverá para faltar, a desculpa de "aniversários", "visitas", etc., etc. Exigência essencial.

5º) Início dos trabalhos em horário certo.

6º) A maior harmonia possível de pensamentos e semelhança de pontos de vista.

7º) Música.

8º) Cantos.

9º) Prece.

10º) Não se permitirá a entrada de pessoa alguma para assistir aos trabalhos do grupo sem prévia consulta aos espíritos-guias.

11º) Um diretor material à altura e que possua rigor, e qualidades de espírito e coração.

12º) Não comer carne.

13º) Não beber bebidas alcoólicas.

14º) Não fumar.

15º) Leitura de trechos de livros da Doutrina e comentários.

16º) Comentários realizados por todos os presentes.

17º) Preces feitas por todos os presentes.

18º) Hinos cantados por um grupo treinado, especialmente mulheres, e que deverão sempre ir sendo acompanhadas por outros.

19º) Número de pessoas presentes: — no mínimo 6 (seis). Ótimo — 12 (doze). No máximo — 25 (vinte e cinco). Não ir além de 25.

20º) Sentarem-se, possivelmente, nos mesmos lugares.

21º) Cabina.

22º) Médiuns.

23º) Não contar ao médium de transe nada do que se passa com ele durante o seu desenvolvimento e depois de desenvolvido ouvir a opinião dos espíritos sobre isso.

• • •

São esses os itens principais para organização de uma sessão de efeitos físicos e materialização. Desenvolveremos a seguir ponto por ponto, a fim de dar ligeiro esclarecimento. Com essas bases, os trabalhos poderão ter o seu curso até que as próprias entidades venham por voz direta ou materializadas dar a orientação segura.

Assim, vejamos.

11º) **Um ideal superior** — estudo e prática da caridade.

Só podem dar bons resultados as reuniões de efeitos físicos organizados com um fim útil. Esse objetivo atrai espíritos elevados, bons, sérios, que procurarão conduzir os trabalhos a finalidade superiores.

As reuniões realizadas sem seriedade, se porventura produzem inicialmente fenômenos interessantes, dentro de pouco tempo degeneram em brincadeira e mistificação. Aconselhamos, portanto, que as reuniões tenham sempre um cunho de estudo e de auxílio ao próximo.

2º) **Um número certo, invariável de elementos de boa vontade.**

É condição essencial. O grupo deve manter durante muito tempo os mesmos elementos. Pode-se permitir a entrada de novos elementos, a critério dos espíritos-guias mas todo o cuidado é pouco na seleção.

Para assistir a um ou outro trabalho também se deve recorrer à orientação espiritual do "espírito-orientador do Grupo".

Não havendo espírito que se comunique entre os presentes, é preferível não permitir a entrada de quem quer que seja.

Salvo a médiuns de reconhecida idoneidade ou elemento conhecido como espírita convicto, mesmo assim em **caráter excepcionalíssimo**.

Pode parecer, à primeira vista, excessivo rigor, mas esse é o método certo.

3º) **Duas reuniões por semana.**

As reuniões de efeitos físicos, em caráter superior, estudo e caridade, exigem sacrifícios extraordinários. Quem quiser fazer parte desses grupos deve antes pensar bem e depois dar a palavra de que os freqüentará assiduamente.

Duas sessões semanais são absolutamente necessárias de modo que se possa estabelecer mais facilmente o intercâmbio de vibração e homogeneidade fluídica.

4º) **Freqüência permanente**.

É condição essencial. Sem isso, nada se consegue. Não se pode admitir desculpa alguma para que se falte aos trabalhos. Naturalmente, haverá motivos prementes que se levarão em consideração, mas devem ser sempre excepcionais.

5º) **Início dos trabalhos em horário certo**.

Condição essencialíssima. Pode-se marcar uma tolerância de 10 a 15 minutos. Passado esse prazo, mesmo que falte o próprio diretor, deve-se iniciar ou então não se realizará reunião nesse dia. Fechada a porta ninguém deverá entrar, salvo se permitido pelo espírito-guia a quem se deverá consultar sempre.

O horário certo estabelece entre os cooperadores uma atmosfera de respeito e disciplina.

6º) **A maior harmonia possível de pensamentos e semelhança de pontos de vista**.

Não haverá resultado satisfatório se houver divergências de pontos de vista na organização geral dos trabalhos. Elementos que têm questão pessoal não devem fazer parte de um mesmo grupo. Os pensamentos contrários causam profunda perturbação nos trabalhos. É necessário que cada um saiba renunciar em benefício de todos. Aliás, não são as qualidades intelectuais que fazem um bom elemento. As qualidades morais e de coração produzem elementos que auxiliam extraordinariamente. Havendo desavença entre freqüentadores dos trabalhos, devem eles solucionar imediatamente seu problema ou então um deles se afastará. E mesmo, sendo preciso, os dois.

Se as divergências são em grande número em todo o grupo, deve-se dissolver o grupo nem que seja provisoriamente, reorganizando-se mais tarde com troca de alguns elementos por novos.

Pode-se usar também a suspensão das atividades durante certo tempo até que se note uma ansiedade geral de reinício.

7º) **Música**.

Toda reunião de efeitos físicos, se possível, deve ter uma vitrola ou eletrola com picape. A música influi poderosamente na "aglutinação fluídica" do ambiente e na modificação para melhor dos pensamentos e sentimentos dos presentes.

Pois a música atua diretamente no organismo perispiritual, fazendo-o vibrar intensamente, de acordo com a capacidade de sintonia de cada um. Retificadora de nossas vibrações, conduzindo-as para um mesmo padrão vibratório.

Os discos devem ser escolhidos por indicação dos espíritos-guias e, na falta destes, poderemos indicar os seguintes: para abertura e encerramento — Ave-Maria, de Gounod, ou Ave-Maria, de Schubert, **sem canto**.

A seguir: — Marcha Fúnebre, de Chopin, ou a Dança Macabra e, intercaladamente, poderão ser postos no aparelho Sonata ao Luar, de Beethoven, Luar do Sertão, No Jardim de um Templo Chinês, Mercado Persa e outras músicas de inspirações elevadas. Comum é os espíritos que se materializam indicarem a música de sua preferência. Geralmente, quando se materializa determinado espírito, ele pede que se toque a música de seu gosto. Existindo, no recinto, o disco, o próprio espírito o coloca na vitrola.

8º) **Cantos**.

Deve-se organizar um pequeno conjunto de pessoas, especialmente senhoras, a fim de cantarem hinos espirituais. Os sons da voz humana colaboram extraordinariamente na formação dos fenômenos, e determinam no perispírito de todos, vibrações e correntes vibratórias de profunda intensidade.

Letra e música desses hinos poderão ser conseguidas no grupo "André Luiz", no Rio de Janeiro (Rua Hiquibá — 191) e no Grupo Scheilla, de Belo Horizonte, (Rua Paraisópolis, 659 — S. Teresa).

9º) **Prece**.

Quase não seria necessário se falar do poder da prece e da sua absoluta necessidade. Todavia, como sabemos que existem pessoas que fazem sessão de materializações e efeitos físicos sem preces, somos obrigados a informar o que pensamos a respeito. Para as sessões de efeitos físicos que preconizamos, assim como para todas as outras, a prece tem o lugar mais destacado e sublime. Nada se faz sem prece. A oração é o grande poder que Deus entregou ao homem. A mais alta expressão de nossa capacidade espiritual. Espiritualista que não ora e que não usa a prece em seus trabalhos, pode ser tudo menos espiritualista. Prece e Evangelho, eis a escada que nos conduz ao Pai. Dessa forma, os trabalhos devem ser iniciados com uma prece e encerrados com outra. Intermediariamente se devem fazer orações em benefício dos trabalhos e em favor dos doentes e necessitados.

10º) **Não há**.

Comentários a propósito deste item.

11º) **Um diretor material**...

Necessário é que a reunião tenha um diretor material à altura. Deve ser rigoroso sem excesso; disciplinado sem exagero, sabendo cumprir as determinações do Alto com bom senso, espírito de serviço, boa vontade e compreensão dos problemas íntimos de cada pessoa do grupo.

Esses grupos de efeitos físicos, em geral, são atacados por entidades perversas que desejam dissolvê-

los. E o caminho que usam é sempre o de organizar "a confusão" entre os cooperadores encarnados.

Um diretor de qualidades superiores e certo rigor necessário, controlará as situações de cada um em benefício de todos. Antes de rebelar-se contra o diretor material dos trabalhos, por este ou aquele problema, será bom que cada um pese bem, mas muito bem, as suas responsabilidades.

12º) **Não comer carne**.

Quem quiser fazer parte dessas sessões deve se dispor de todos os sacrifícios. Um de grande importância é o de não comer carne.

Dizem os espíritos que a carne deixa no organismo perispiritual de quem a ingere nódoas negras, que deverão ser retiradas antes de se iniciarem os trabalhos de efeitos físicos. Porque se não fizerem assim, essas manchas, que são vibrações inferiores, atingirão o ectoplasma do médium e o prejudicarão em sua saúde física e espiritual. Não podendo retirá-las do elemento que as possui, os espíritos são obrigados a isolá-lo e para esse isolamento gastam fluido, que seria usado para os trabalhos de materializações ou para o tratamento de doentes. Não comendo carne, colaboramos com os espíritos. Eles não terão que nos isolar e nem gastarão a energia que será aplicada nos fenômenos.

Os freqüentadores assíduos do grupo devem se abster completamente desse hábito. Os outros, que vão assistir apenas a uma ou duas vezes os trabalhos, poderão deixar de comer carne, fumar ou beber bebidas alcoólicas, somente no dia da reunião.

13º) **Não beber bebidas alcoólicas. Não fumar**.

As bebidas alcoólicas e o fumo estão no mesmo caso da carne e, supomos nós, com maior gravidade. Quem gosta de beber e de fumar deve escolher entre

isso e as reuniões. Ninguém poderia imaginar Jesus embriagado ou fumando um cigarro, assim como não imaginaremos um dos apóstolos nessas condições. Logo, isso não foi feito para os cristãos.

15º) **Leitura de trechos de livros da doutrina e comentários**.

A leitura de trechos evangélicos, doutrinários, seguidos de comentários, é essencial. A Doutrina é de estudo e de progresso e sem estudo nada se pode fazer. Além disso, tal prática atrai Espíritos de ordem superior que virão nos assistir e inspirar.

16º) **Comentários realizados por todos os presentes**.

Os comentários às leituras devem ser realizados, alternadamente, por todos os presentes. Embora não comentem todos na mesma reunião. Não deve ficar a cargo só de um. Aquele que é convidado para comentar a lição não deve recusar. Falará naturalmente o que pensa acerca do trecho lido, buscando interpretar sempre o sentido mais próximo ao ensino da doutrina. Os comentários desenvolvem os freqüentadores e permitem-lhes, sem que eles saibam, venham espíritos superiores intuí-los e desenvolver-lhes a intuição e a inspiração. Não importa os erros que o comentador possa cometer. A tolerância nesse aspecto deve ser ilimitada. Haverá sempre, em toda a reunião, um comentário feito por pessoa mais habilitada.

17º) Da mesma forma que os comentários, o diretor dos trabalhos dará a palavra a uns e outros, durante a reunião, para fazerem preces em favor dos doentes e necessitados dos dois planos e em benefício dos trabalhos.

18º 19º) Não há necessidade de explicação.

20º) **Sentarem-se nos mesmos lugares**.

Sentarem-se, **possivelmente,** nos mesmos lugares. As vantagens são várias: primeiro, é uma questão

de disciplina. Evita confusões e perda de tempo. Cada um sabe onde deve sentar-se.

Segundo, como sabemos, nossas irradiações impregnam os objetos, os lugares onde nos encontramos, enfim, tudo que nos rodeia. Isso facilita aos espíritos a retirada de fluido de nosso organismo. Cada vez que mudamos de lugar exigimos, sem o saber, um trabalho especial para nós, de parte dos espíritos, dentro da reunião. Essa medida, aliás, não deve ser adotada só nos grupos de efeitos físicos, mas em todos os trabalhos mediúnicos em geral.

Nossas concentrações, se possível, devem ser feitas sempre no mesmo lugar. O abandono do recinto onde se trabalhou espiritualmente durante muitos anos é desprezo a extraordinário tesouro fluídico. Lembremo-nos que Jesus sempre orava no Horto.

21º) **Cabina**.

Torna-se sempre necessária a cabina quando se tem um médium de efeitos físicos desenvolvido. Pode ser ela uma divisão simples com um pano vermelho-escuro ou preto. Espécie de cortina em arame ou então um biombo de madeira. Deve dar espaço para conter uma cama ou uma cadeira espreguiçadeira, de lona, onde se deitará o médium principal. Essa cabina separa-se pela cortina ou biombo da parte que ficarão os outros elementos. É interessante a escuridade quando o médium é desenvolvido ou uma lâmpada vermelha, pequena, colocada no cômodo em que se encontram os assistentes.

Havendo facilidade de dois cômodos contíguos, separados por porta, pode-se colocar a cortina na porta, servindo o outro de cabina.

Para efeito de controle, porém, será bom que esse cômodo não tenha janela e se tiver deverá estar **obrigatoriamente** fechada de maneira a que não haja perigo de abrir-se de repente ou ser usada. Em todas as janelas e portas deverá haver uma cortina escura ou cobertor, de forma a vedar todas as aberturas. De modo algum deve penetrar **uma réstea sequer de luz**.

A penetração da luz exterior põe em risco a saúde do médium ou médiuns.

O maior silêncio é exigido e o movimento da cadeira e objetos deve-se fazer cuidadosamente, pois todos os rumores por mais insignificantes que sejam, repercutem no perispírito do médium como um trovão. Ele volta violentamente à consciência, o coração dispara e pode ficar dias abalado, o que atrasa o desenvolvimento dos trabalhos. A repetição de fatos dessa natureza pode causar-lhe um tremor, às vezes até subconscientemente, que impede que o seu espírito se afaste do corpo nas horas de trabalho espiritual e pode mesmo "criar-lhe uma reação interna" de maneira que permanecerá sempre acordado, reagindo sistematicamente ao estado de transe provocado pelos guias. Daí, perderem-se dias, meses e anos com um médium que dificilmente virá a produzir. É, pois, obrigação do diretor dos trabalhos verificar pessoalmente, em todas as reuniões, se existe penetração de luz e se as campainhas da casa, se houver, estão desligadas.

22º) **Médiuns**.

Para iniciar-se um grupo de efeitos físicos não há necessidade de ter-se um médium desenvolvido. Coloca-se na cabina uma das pessoas que os espíritos tenham indicado, por psicografia ou incorporação, como sendo médium de efeitos físicos.

Pode-se ainda experimentar colocando na cabina, sucessivamente, os assistentes, um de cada vez, durante dois ou três meses, após o que será substituído

um pelo outro. Independente disso, o trabalho também poderá ser realizado apenas com a concentração dos presentes sem que se ponha médium algum na cabina, até que comece a manifestar-se algum fenômeno. Neste caso, a reunião seguirá o mesmo ritmo como se de fato houvesse um médium de efeitos físicos desenvolvido. Os espíritos de qualquer modo aproveitarão as irradiações e as energias exteriorizadas pelo grupo e as aplicarão na cura dos doentes ou no esclarecimento de espíritos atrasados, no plano espiritual. Não devem ficar preocupados com o tempo que vai passando sem que se obtenha fenômeno. Geralmente, conseguem-se resultados positivos após alguns anos ininterruptos de trabalhos dessa ordem.

MÉDIUM PRINCIPAL

Quando houver um médium de efeitos físicos desenvolvido, já produzindo, não se deve ter para com ele tratamento algum especial, diferente do tratamento que se dedica ao resto do grupo. Todos são iguais perante Deus e um "tratamento especial" envaidecerá o médium fazendo com que ele se considere um "pequeno deus" e o levará provavelmente a perder suas faculdades. Educação e respeito, eis tudo.

23º) **Não contar ao médium**...

Enquanto o médium de efeitos físicos está em desenvolvimento, devem todos manter o maior segredo relativamente aos fenômenos que se passam com ele. Aliás, o diretor material deverá exigir de cada um compromisso severo a esse respeito, pois se contarmos ao médium em desenvolvimento os primeiros fenômenos produzidos por sua mediunidade incipiente, ele passará a ficar preocupado e estabelecerá dentro de si mesmo

uma capacidade de resistência ao transe. Deixa de adormecer e cessam incontinenti os fenômenos. Às vezes é comum ficar com medo, diante do que lhe contam e nesse caso pode-se quase que dar por perdida a esperança de desenvolvê-lo. Depois de desenvolvido, a critério dos espíritos, ficará sabendo apenas o que eles julgarem conveniente.

A chave-mestra dos fenômenos de efeitos físicos é "o sono".

Esse sono é provocado pela irradiação do organismo espiritual e exteriorização. Dessa forma, não poderá causar estranheza o fato de alguém, mesmo assistente, dormir na reunião. Será grave erro chamar a atenção daquele que dorme. Apenas o diretor é que deverá manter-se acordado para dirigir a reunião. Não nos esqueçamos que na Transfiguração do Tabor, enquanto Jesus entrava em entendimento com Moisés e Elias, os discípulos adormeceram tomados de profundo sono. Nós poderemos afirmar que aquele sono foi produzido pela extraordinária vibração ambiente que agiu poderosamente sobre o organismo dos apóstolos, que seriam médiuns de efeitos físicos.

CAPÍTULO VII

Mensagem de Emmanuel

Finalizando nossa contribuição aos estudos psíquicos no Brasil, inserimos aqui, como fecho, a mensagem que Emmanuel, através de Francisco Cândido Xavier, nos concedeu em dezembro de 1953, respondendo à consulta que lhe fizemos.

Eis, pois, a consulta e a resposta:

• • •

Se possível, desejava que o nosso irmão Emmanuel se pronunciasse a respeito do trabalho que temos em mãos para publicação breve, "Materializações Luminosas".

• • •

Meu amigo, Jesus nos fortaleça e abençoe.

Achamo-nos em pleno campo da renovação espiritual do mundo e todas as sementes dignas do aperfeiçoamento terrestre devem ser arrojadas ao solo dos sentimentos, na preparação do glorioso futuro humano.

Desejamos ao seu trabalho o mais amplo êxito, não só porque se refira ao nosso idealismo superior, mas porque se desenvolve em torno de um núcleo respeitável do Espiritismo fenomênico, suscetível de acordar as mais nobres convicções, dentro da esfera moral de nossa Consoladora Doutrina, atraindo corações para a Verdade e para o bem, nas legítimas finalidades das nossas tarefas com Jesus.

Emmanuel

CAPÍTULO VIII

Página de Emmanuel

Publicamos a seguinte página do espírito de Emmanuel, através de Chico Xavier, sobre materializações e que nos foi cedida generosamente por dona Esmeralda Bittencourt, em 1.1.54, no Rio, extraída do livro "Regeneração". Publicamo-la pelo valor que encerra.

NOS TRABALHOS DE MATERIALIZAÇÃO

Centralizemos os nossos esforços na plantação do bem e da luz. Certamente que a curiosidade bem orientada é o princípio de toda a sabedoria nos serviços de materialização, entretanto, nas tarefas dessa natureza urge levar em conta o fenômeno que podemos nomear como sendo a "descida vibratória".

Materializar é adensar, reconverter valores fluídicos, tangibilizar o que é sutil e indefinível ainda ao quadro dos conhecimentos terrestres.

Enquanto a espiritualidade nos convoca ao campo da vida sublimada, santificando-nos as sensações por reconciliar-nos com as nossas origens divinas, o trabalho de materialização é, em sua essência, uma aventura nas regiões inferiores da nossa jornada evolutiva.

Quando nos utilizamos da expressão "regiões inferiores", não desejamos malsinar os serviços desse teor.

As faculdades de materialização constituem só por si um tesouro, mas pedem a colaboração de amigos que saibam se desmaterializar nas faixas inferiores das emoções terrestres, para auxiliarem a materialização dos bens celestes.

Não podemos e nem devemos olvidar a bênção da luta educativa na carne, em processo de adensamento das nossas qualidades mais nobres.

A existência no mundo, só por si, constitui um fenômeno de materialização, a longo prazo, sustentado por intermédio dos mais variados recursos de alimentação físico-psíquica.

Pretendemos, assim, tão-somente destacar os imperativos de vigilância a que somos constrangidos na tarefa a que nos referimos, de vez que passamos a operar com energias primárias, que só o amor, profundamente sentido, pode controlar, com êxito, com vistas ao bem que nos propomos atingir.

Desenvolvamos, pois, o ministério a que atualmente se consagram, mas façamo-lo, conscientes das responsabilidades que nos competem. Sabemos que a nossa personalidade é um fulcro de forças vivas emitindo raios espirituais, em todas as direções. Cada qual fornece elementos do reservatório de energias guardado no próprio coração. Por isso mesmo, os conflitos na obra em andamento são justos e naturais.

Quantas vezes oferecemos aos mensageiros do Alto simplesmente obstáculos e inquietações?

Em quantas ocasiões, estaremos perturbando a ordem do conjunto com a interferência dos nossos caprichos individuais?

Daí, oferecemos clima favorável à perturbação doentia que freqüentemente nos aniquila as melhores promessas.

Enquanto emissários da sublimação se fazem sentir no propósito de socorrer-nos caridosamente, formas-pensa-

mentos de natureza menos digna podem adquirir consistência física, depois de nascerem às vezes no próprio cérebro mediúnico menos evangelizado ou na vida íntima dos assistentes, alterando o programa de ação que deveria ser mantido no mais elevado nível moral.

Quando esses choques aparecem, violentos e imponderáveis, as linhas magnéticas da reunião oferecem acesso a irmãos nossos de consciência turvada, que penetram o recinto da prece, à maneira de animais violando os altares de um templo.

Por isso, se a nossa experiência pode cooperar convosco, sugerimos sejam quaisquer serviços de materialização movimentados na direção da saúde humana. Por enquanto, só o esforço assistencial aos doentes justifica o desdobramento intensivo das nossas atividades nesse setor, considerando que a sementeira das convenções sadias pode ter lugar, ao lado do pronto-socorro e da enfermagem, sem campo aberto às indagações sem proveito, que quase sempre começam em votos brilhantes, acabando em fascinação enfermiça, suscetível de arrastar os instrumentos mediúnicos e cooperadores respeitáveis da fé a compromissos destrutivos com a sombra.

Emmanuel

Paranapanema, — fevereiro de 1955.

CAPÍTULO IX

Suíte Fotográfica

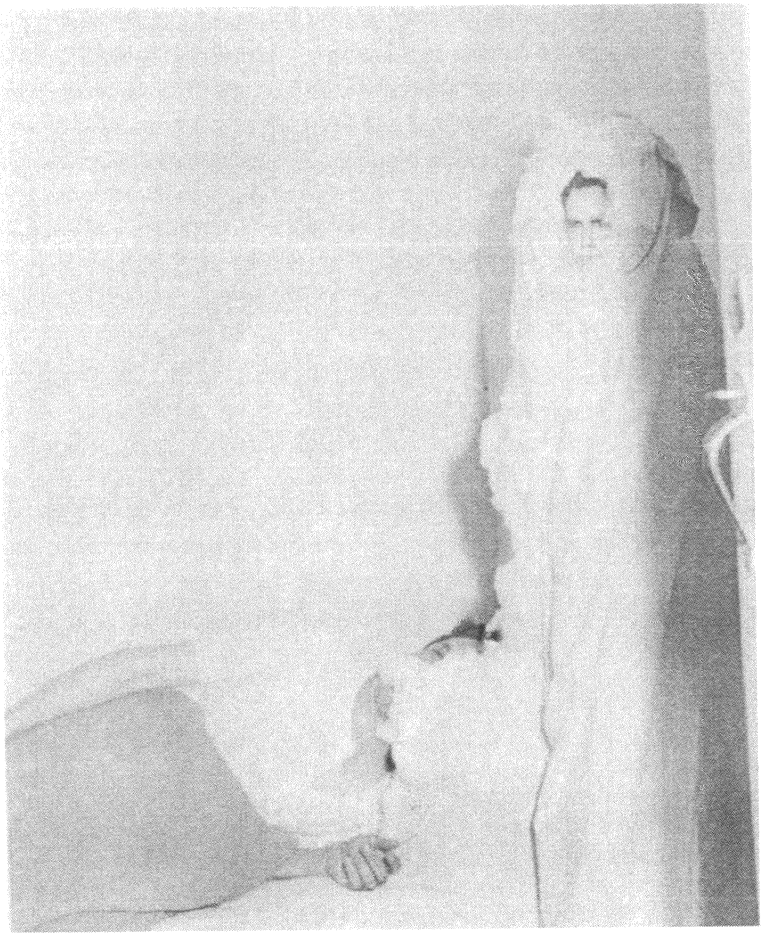
contendo

Fotos inéditas obtidas
em lugares fidedignos
conferidas pelo autor

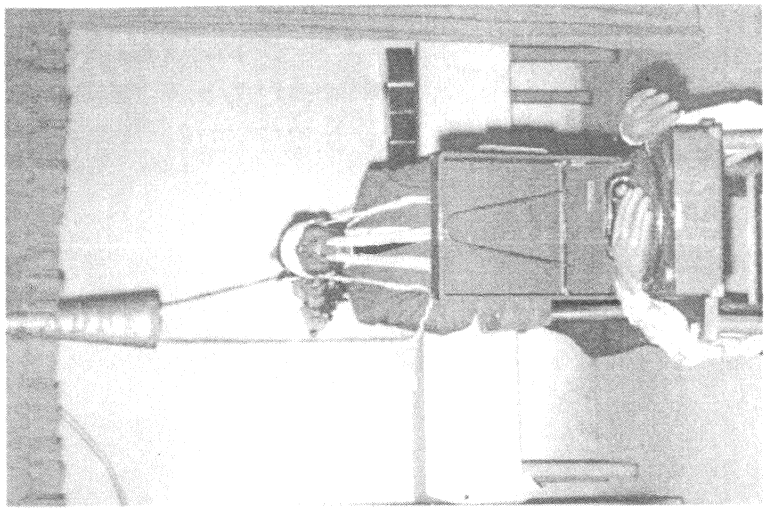
Ao lado, dois espíritos sendo Kennedy e Rose. Rose contou detalhe de sua última existência na Terra. Casada, sofreu muito com o marido que bebia e trocava o lar pelas orgias noturnas. Chegava a maltratá-la fisicamente e, certa madrugada, ao regressar da boemia, empurrou-a do alto da escada pela qual rolou e na queda quebrou a coluna vertebral, motivo porque assim aparece. Muito bonita, foi irmã de Kennedy no passado. Ela que o amparou no Além e também o conduziu à sessão. Espírito bom e fraternal. Disse que vai se reencarnar na família Kennedy com a qual se acha ligada há séculos.

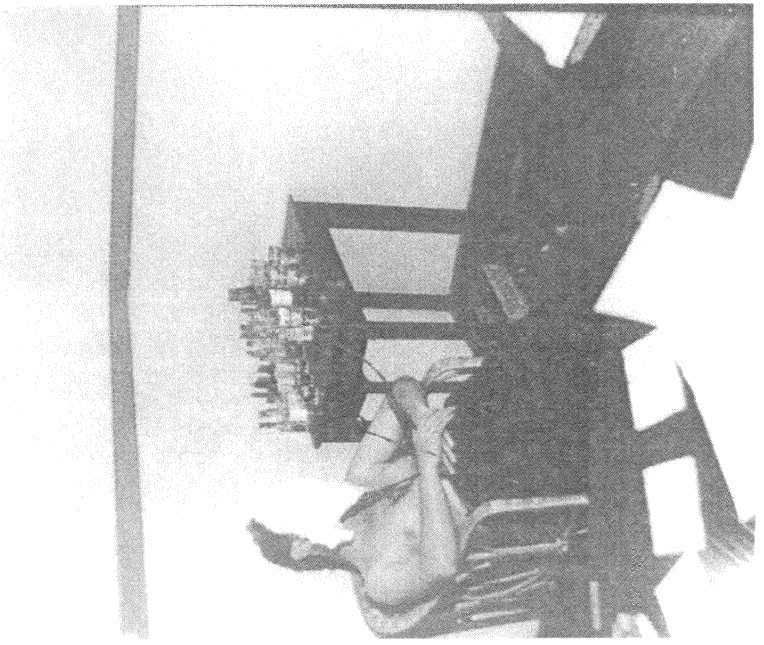
Marlí era o espírito de uma mulher muito linda; se dirigia a todos com grande meiguice. Disse ter vivido na Grécia, tendo sido contemporânea de Sócrates. Sempre se fazia acompanhar do Espírito de uma espanhola. Certa vez revelou que "no futuro este grupo será muito grande e atenderá pessoas do Brasil inteiro", e que "outra equipe, com trabalhos elevadíssimos", tomariam o lugar daqueles trabalhadores do Além. Os que viriam seriam médicos e enfermeiros para atender os que sofrem. Disse, ainda: "o médium tem tanto fluido, que pode ser expelido até pelos orifícios inferiores ou sejam, uretra e ânus." Doze anos se passaram. O grupo se dissolveu e o médium passou a trabalhar na psicografia e receituário. Voltaremos aos domínios da ectoplasmia? (Médium Pedro Machado)

Reunião de materialização realizada na residência de Da. Ester Monteiro em Dezembro de 1964 em São Paulo, estando presente entre outras pessoas, Jalembeck (Jazão Monteiro), Antonio Milani (diretor geral da Secretaria da Fazenda de São Paulo), Celso Lema Alves (oficial de gabinete da Secretaria do Trabalho), Cel. Jenesio Nitrini.

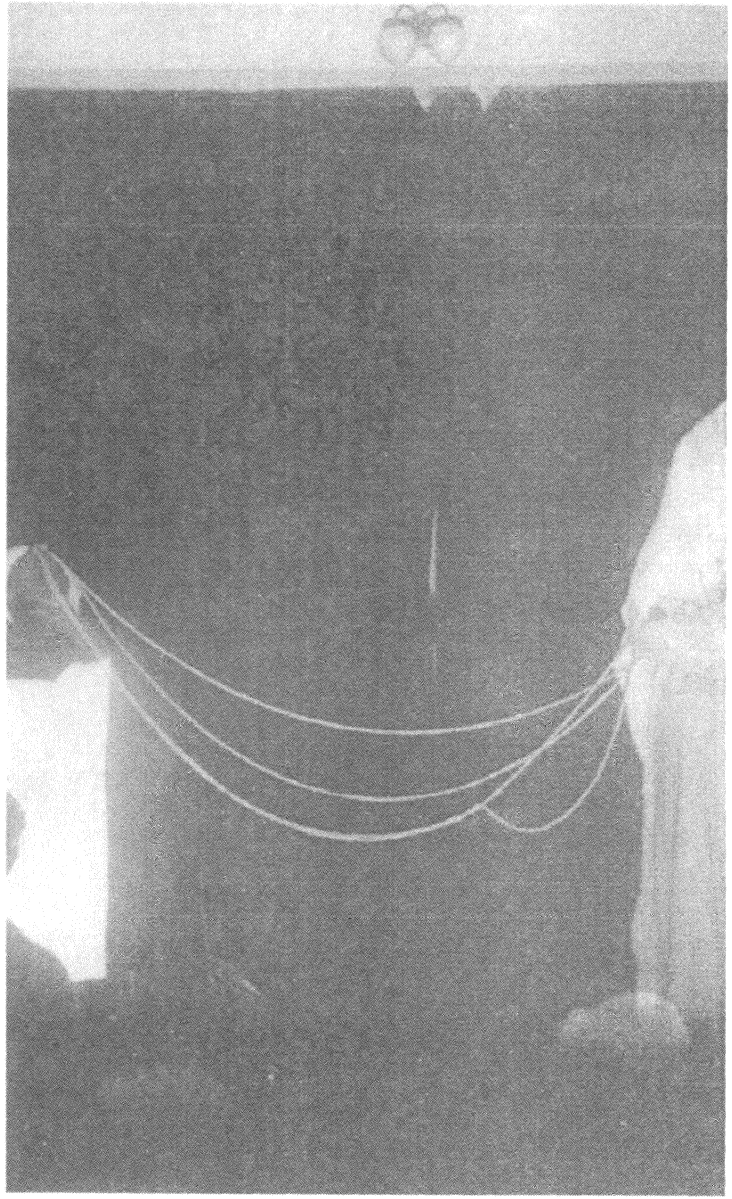


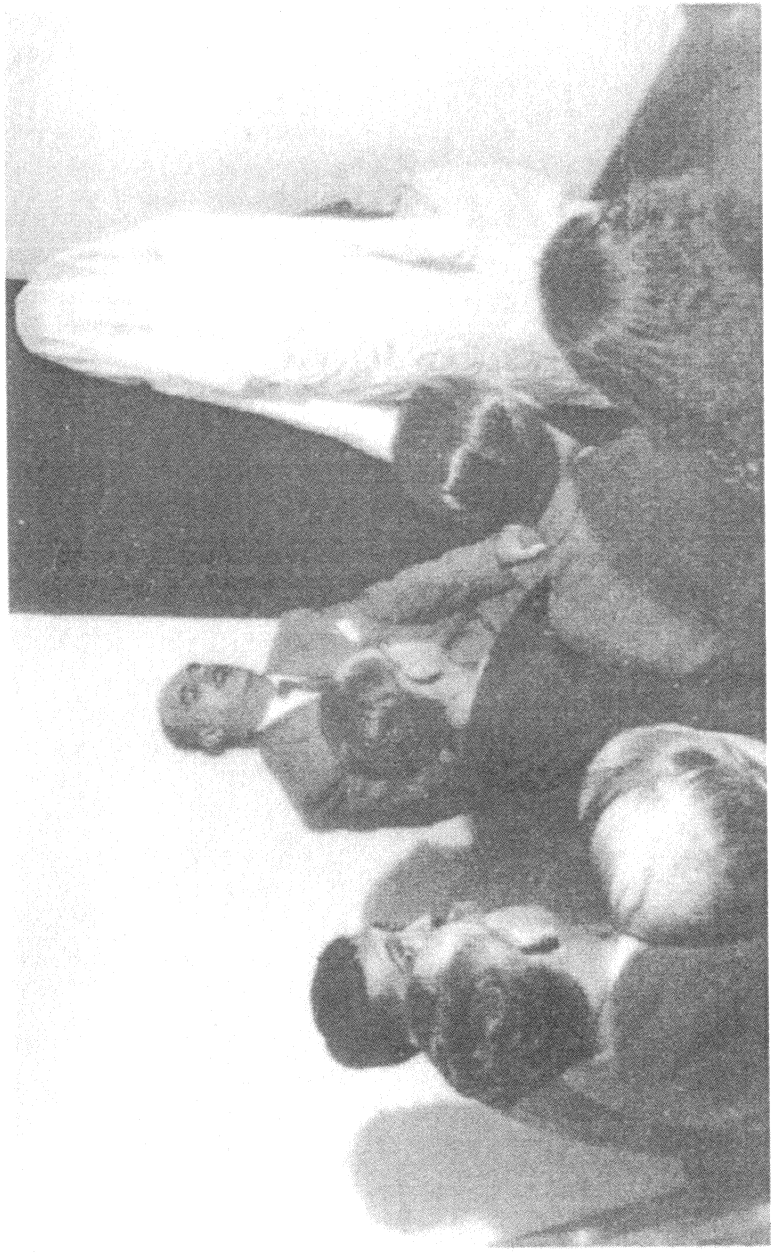
Fotografia batida em reunião de materialização por um grupo de trabalhos espirituais, em Pedro Leopoldo, Minas, pelo Sr. Henrique L. Ferraz, servindo de médium o Sr. Francisco Peixoto Lins.

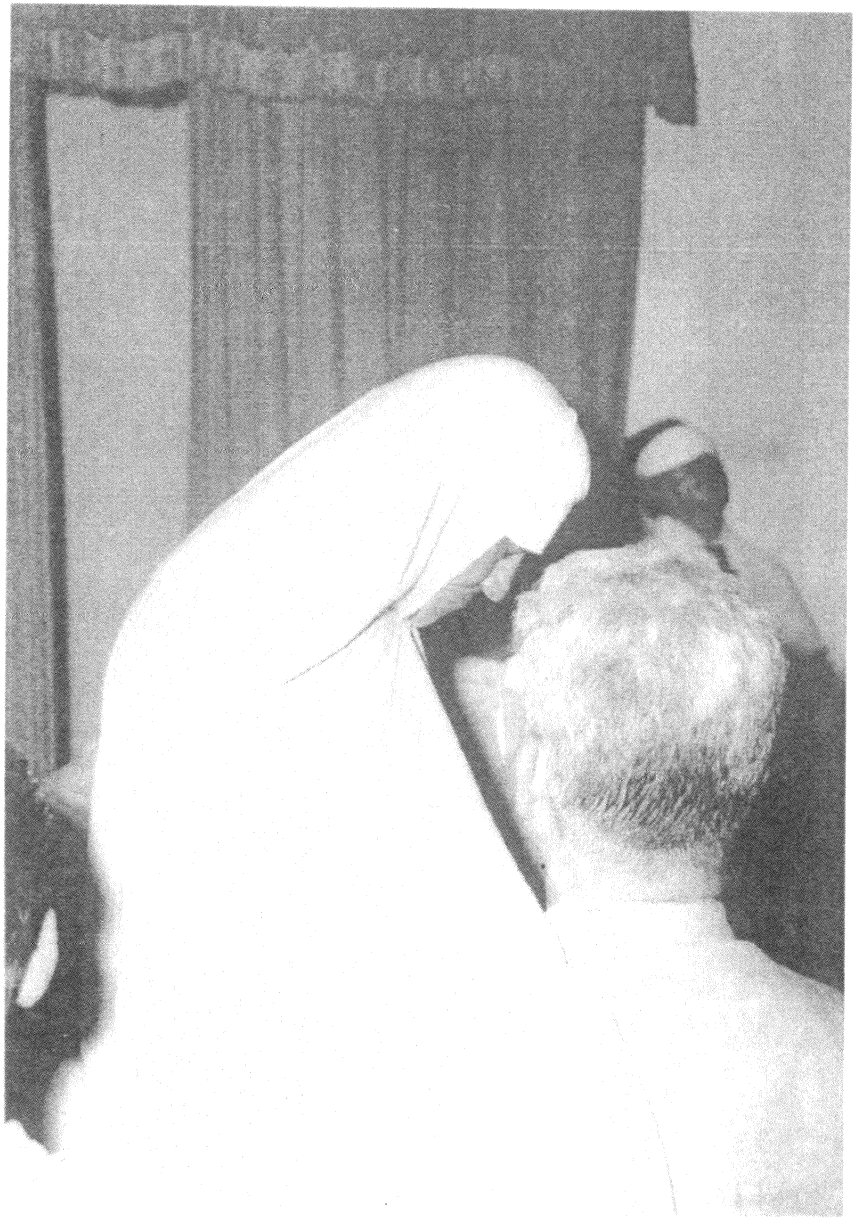


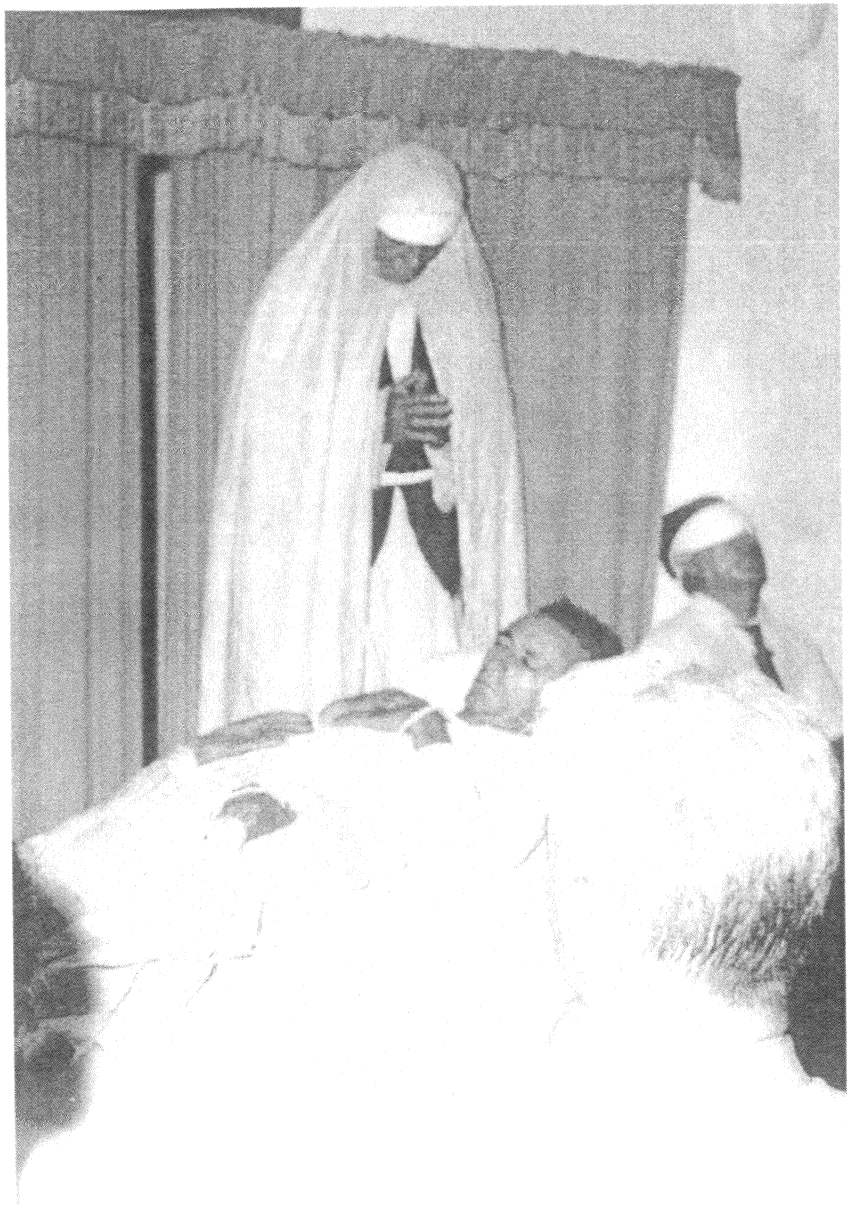


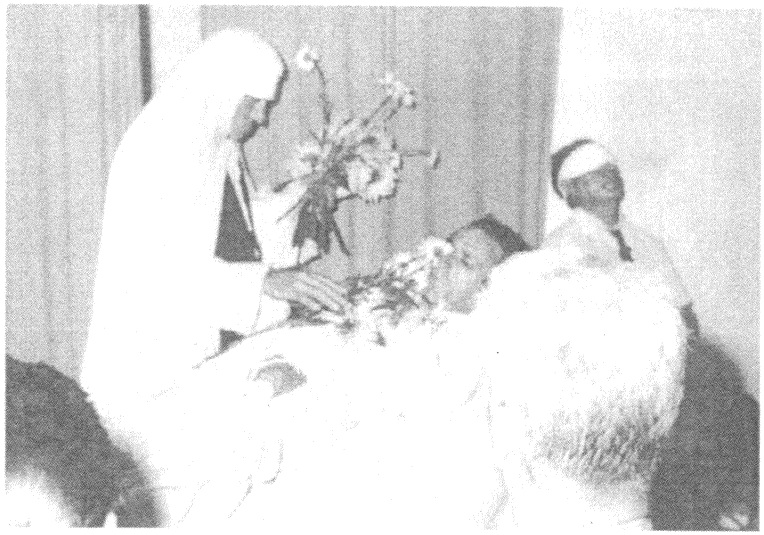
Reunião de Materialização realizada em Outubro de 1964 em São Paulo.

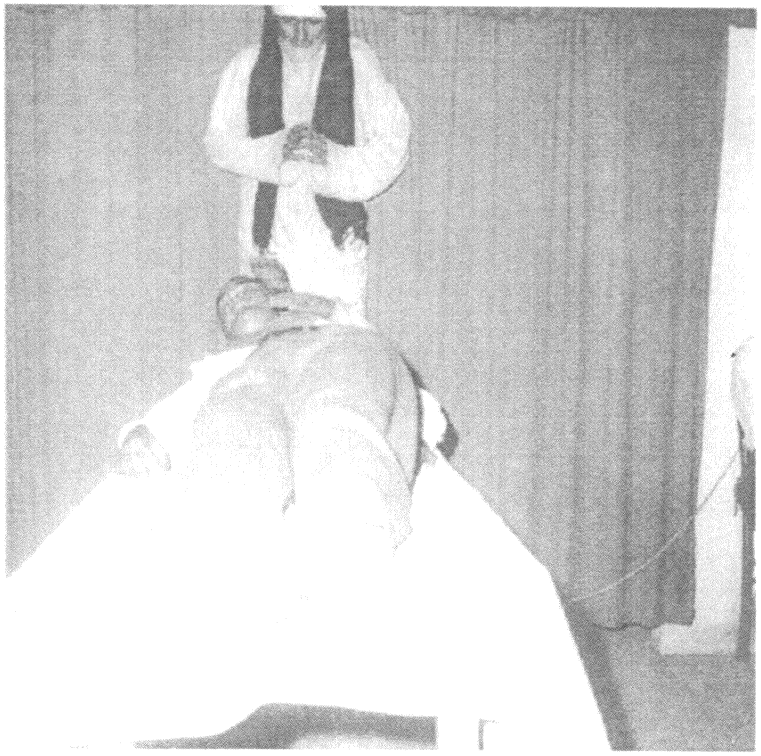


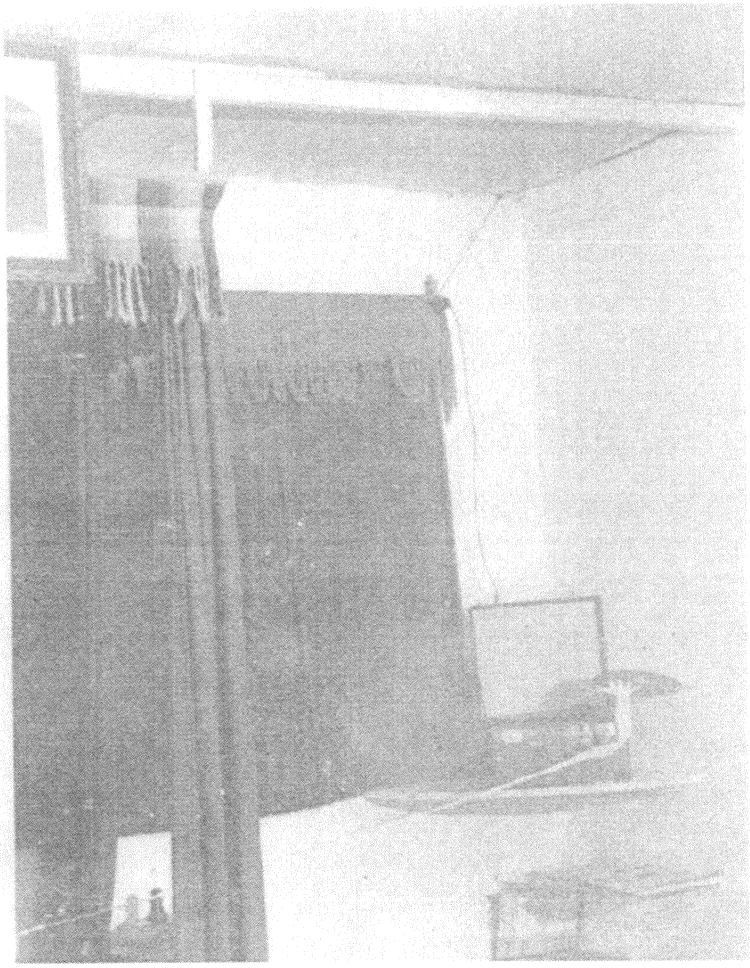




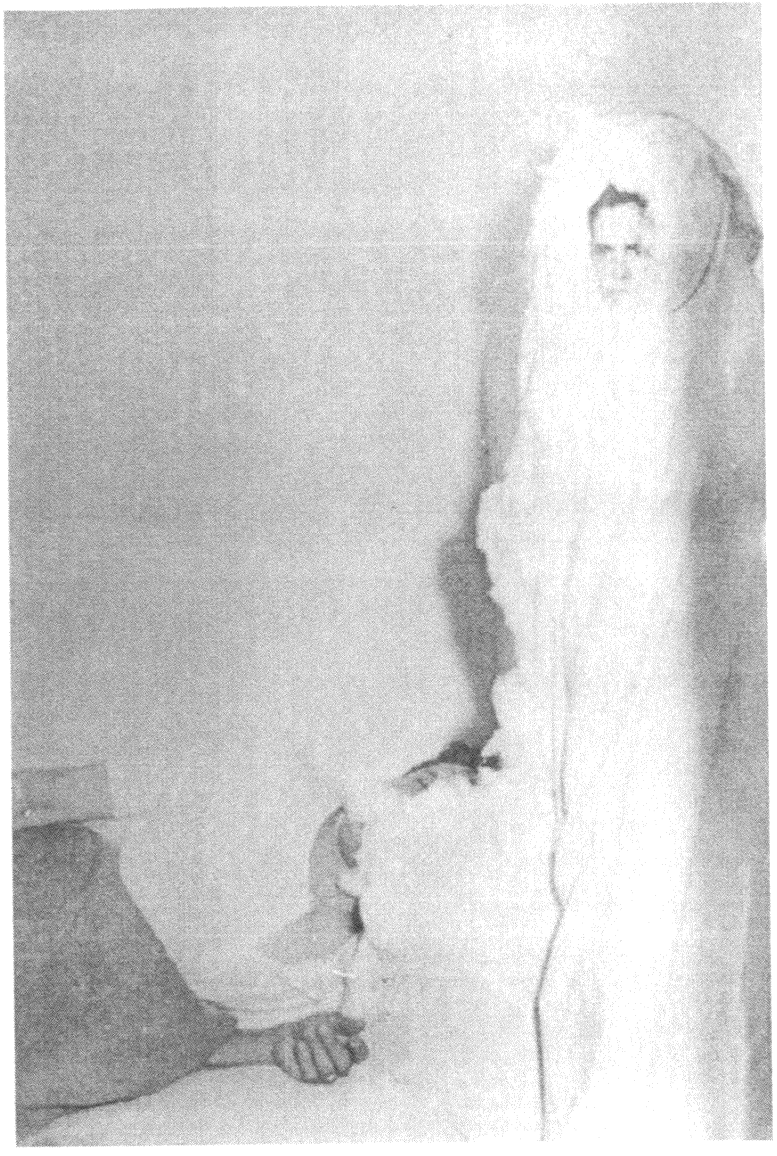




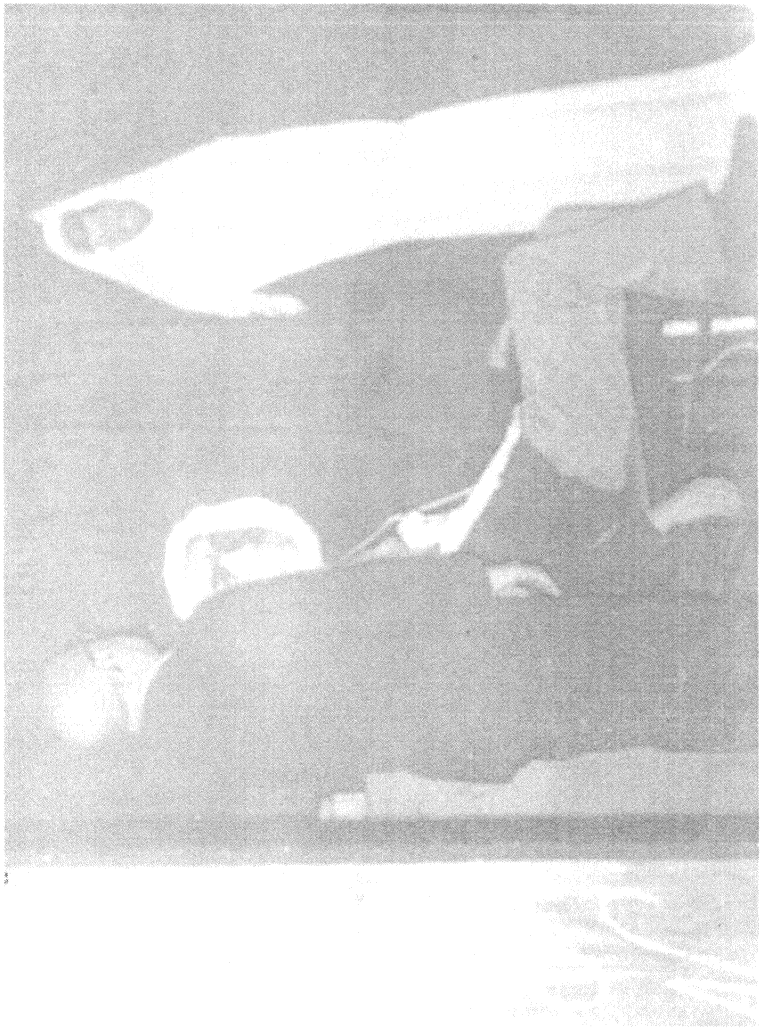


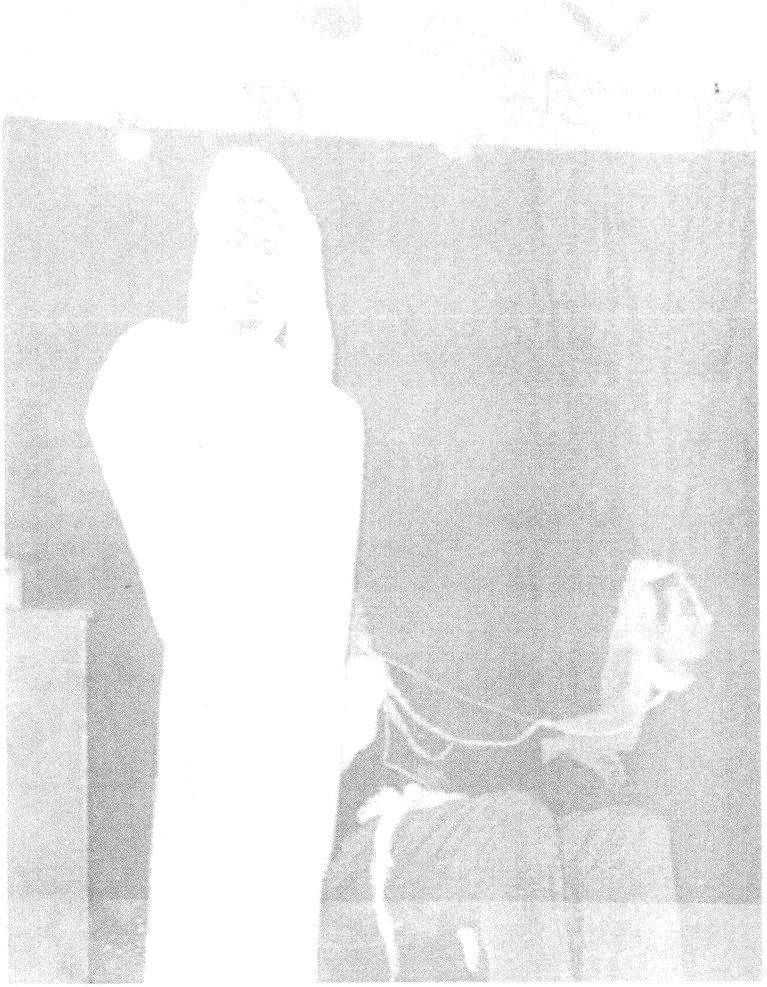


Vê-se uma fita ectoplasmática que partindo da cabina do médium, é continuada por ante-braço e mão, de pequenas dimensões, sustentando um disco.



Um observador assistindo às evoluções do fantasma de Kennedy no ambiente, tendo o Presidente americano se dirigido em inglês. Falou pouco e desapareceu aos olhos do observador.





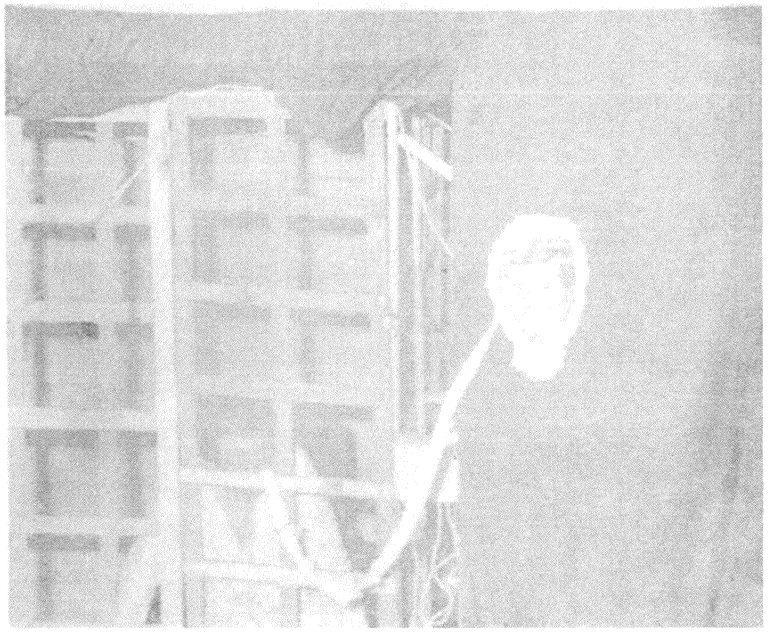
Os Espectros que surgiam não eram figuras extáticas. Movimentavam-se pelo salão e chegavam até aos assistentes, sob luz vermelha clara. O médium preferia postar-se fora da cabine, à vista de todos para comprovação de que ele não se levantava na cadeira durante os trabalhos. Houve noite em que havia até quatro Espíritos no salão. Marli e a bela entidade que se deixou filmar. Era uma das cooperadoras assíduas e muito carinhosa para com todos. Vê-se também massas ectoplásmicas saindo abundantemente pelos orifícios anal e uretral. Ao lado uma entidade espanhola, que permanecia longamente nas sessões tocando castanholas e espargindo perfume. Está suspensa por "alavanca psíquica" expelida pela narina direita do médium. (Médium Pedro Machado)

Vê-se o médium quando começava a expelir o ectoplasma pelas narinas notando-se como o fluido é flácido e se torna de plasticidade como se fosse uma cola branca sobre a virilha do médium Pedro Machado.

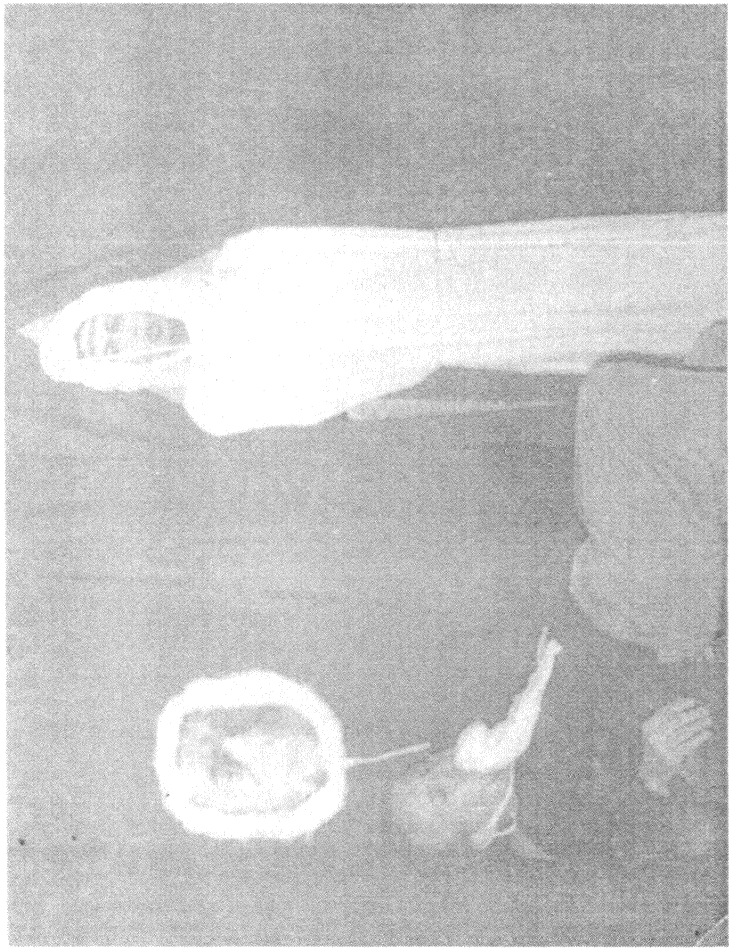
A mesma cena mais distanciada abrangendo quase toda a beirada da mesa forrada com tecido estampado.

Ectoplasma sendo expelido pela boca e formando o medalhão o Espírito de J. Herculano Pires, notável espírita de São Paulo.
Entre a cama e a mesa materializou-se o Espírito de Fernando vendo-se parte da aparição em pé.

Este filme, batido cinco minutos após a primeira, mostra o medalhão ectoplásmico recomposto e maior quantidade de material plástico saindo do ouvido direito do médium indo até ao braço esquerdo. Vê-se, também, uma nova formação proveniente do filé fluídico expelido pelo ouvido esquerdo enquanto que da boca a massa fluídica escorre abundantemente a que um Espírito chamou de "galopante branca" e que serviria para formação do sistema pulmonar da entidade que se apresentaria logo a seguir. Nota-se tambémque o medalhão subiu de posição, sustentado por uma "alavanca ectoplasmática" que é ligada ao Pedro Machado. Essas sessões, de caráter essencialmente científico, eram assistidas por grande número de pessoas e por isso muito heterogêneas e indisciplinadas, não submetidas às exigências requeridas no Grupo da Fraternidade e o rigoroso selecionamento na admissão de novos elementos às sessões, motivo porque o médium, após as experiências se sentia bastante mal, com náuseas e dores de cabeça.



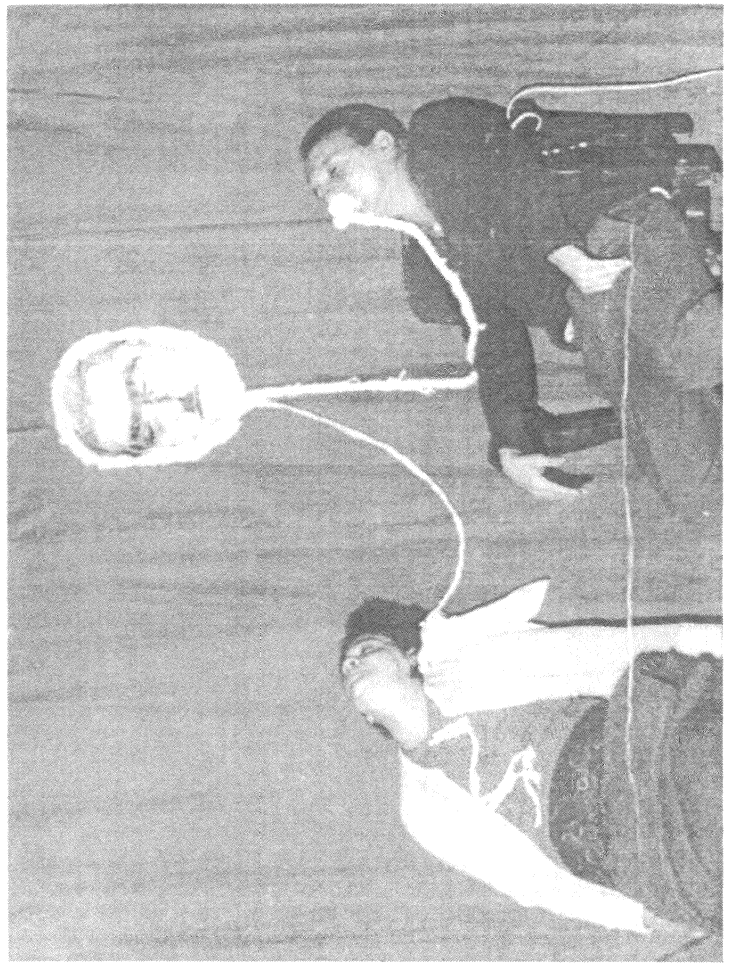
Havia pouco tempo que Kennedy desencarnara e eis que certa vez ele apareceu entre nós, sorrindo como habitualmente o fazia na Terra. Duvidaram. Aliás, no Grupo havia muitos Tomés que queriam "pegar para crer". Tanto que mandaram fazer uma cabine na qual me trancaram com corrente e cadeado e lá me introduziam de pijama, lacrando-se a porta. Eu me submetia a isso sem a mínima revolta por duvidarem da minha ombridade. Os fenômenos eram tão patentes, tão visíveis e materiais que os confundiam. Muitos ainda não tinham conhecimentos mais profundos da fenomenologia. Apenas lições superficiais. Por isso o motivo de duvidarem não atingiam o médium, porque "para crer não basta ver, é preciso antes de tudo compreender", conforme nos diz Allan Kardec. E ninguém pode compreender sem estudar. Kennedy, portanto, ali estava, com curativo na fronte, andando e falando monossilabicamente coisas ininteligíveis (Médium Pedro Machado).



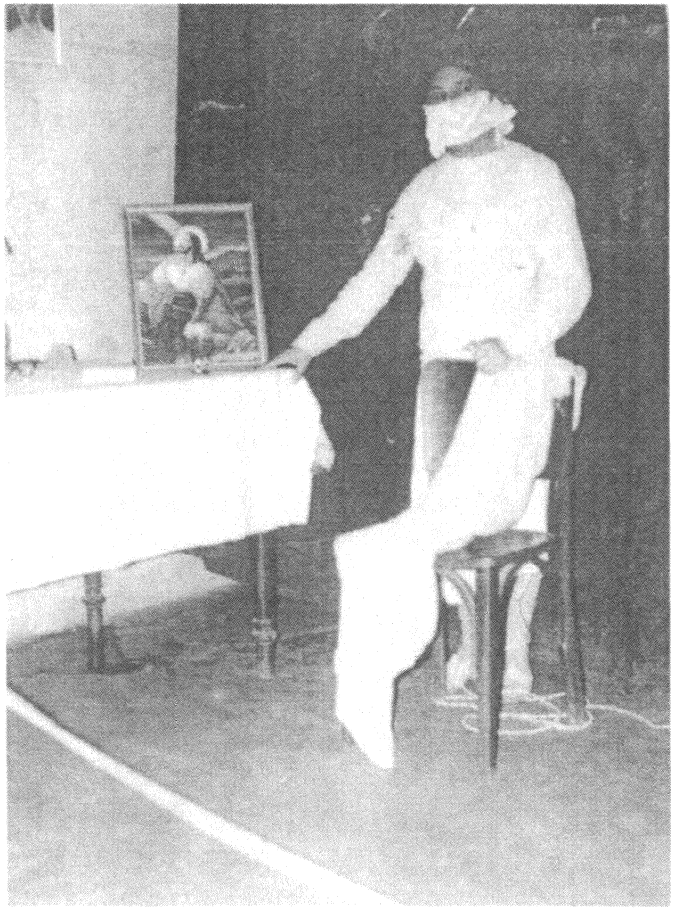
Eis a primeira fotografia obtida na primeira sessão do grupo. A mesma foi batida antes do sinal convencionado pelos Espíritos, ocasionando a queima dos fluidos no medalhão que ainda se formava notando-se, então, deformidade facial do lado direito. O outro espectro nada sofreu porque já se achava materializado. O médium expele abundante ectoplasma pela boca e ouvido e parece contorcer-se em transe. Na foto subseqüente verificaremos a recomposição facial do medalhão ectoplásmico (Médium Pedro Machado).

Foi o primeiro Espírito a se apresentar nesses trabalhos. Materializa-se de corpo inteiro sobrepondo sua forma espiritual sobre o perispírito do médium, motivo porque sua fisionomia guarda grande semelhança com a do médium, bem como as mãos sendo, no entanto bastante avantajado de corpo, como se vê na foto. Suas fotografias fluídicas no entanto, mostram grande diferença de traços fisionômicos, pois que nelas ele usa apenas o ectoplasma e não a forma anímica do intermediário. Vê-se portanto que o animismo tem grande influência quando o Espírito opera sobre o duplo do médium, mormente nas primeiras materializações, o que leva os leigos a duvidar do fenômeno. O observador, perspicaz, porém, não perde outros detalhes positivos tais como a obesidade do Espírito comparando-a com o do médium que é magrinho e frágil, bem como a estatura bem mais alta. Há também o fator vestimenta, barba, etc. Na foto ao lado vemos junto a um assistente mais alto e mais avantajado de físico do que o Pedro Machado e que no entanto está bem mais miúdo que o Árabe. São detalhes que devem ser levados em conta em se tratando dessa complexíssima ciência.

Uma das mais curiosas materializações deve-se a uma jovem conterrânea do médium que se apresentava toda de branco, inclusive meias e sapatos. Usava um véu à maneira de menina vestida para a Primeira Comunhão. Embora usasse a forma desdobrada do perispírito do médium, seu vestido fino deixava transparecer o busto de mulher adolescente. Mesma altura do médium e as mesmas mãos dele, às vezes surgia sem a venda que lhe cobria parte do rosto. Olhos verdes. Gostava de brincar e muitas vezes levantava a cortina para mostrar o médium dormindo e dizia gracejando: "Olhem o Pedrinho dormindo como uma pedrinha..." Certo dia disse que usava a venda porque sua família era de tradição católica e se por acaso visse ela materializada não iria gostar e ela não queria contrariar a fé de seus familiares. Note-se ainda a abundância de seus cabelos enquanto o médium tem testa larga e longas entradas. Na foto aparece aplicando passe numa moça presente à sessão.



Monteiro Lobato sob Novo Ângulo. Mesma sessão anterior vendo-se o medalhão sob novo ângulo e em ponto maior. À direita uma médium que se desenvolvia, notando-se o pleno transe em que se achava.

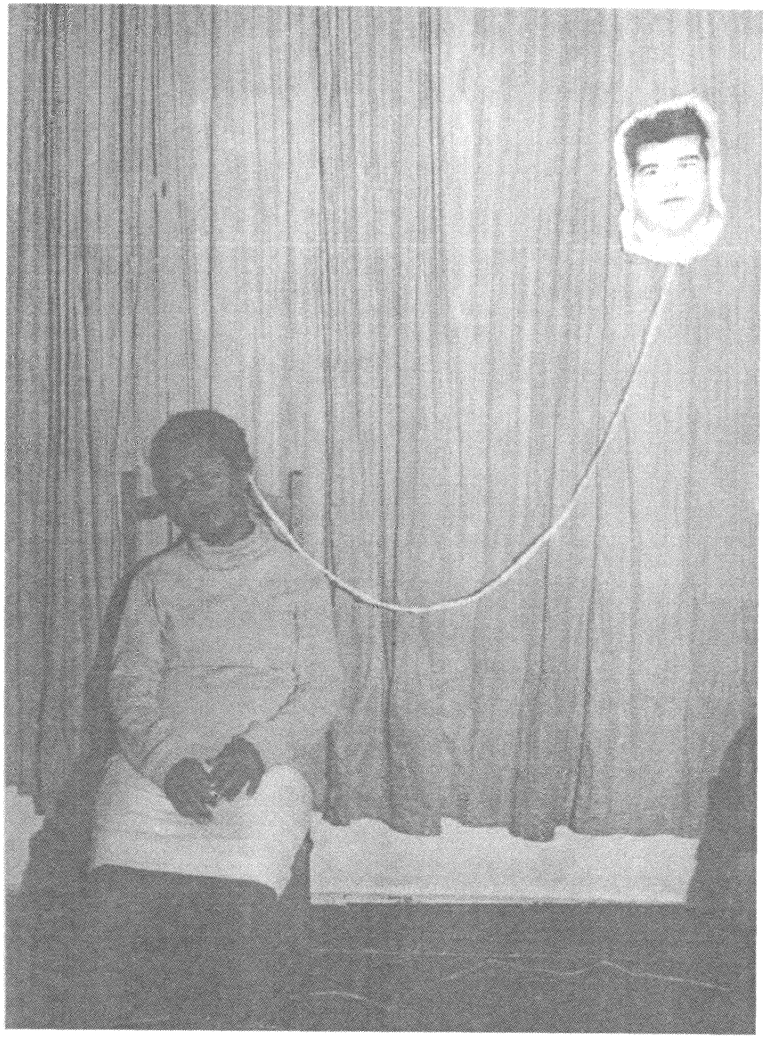


Eis novamente a moça de Uberaba posando para o fotógrafo da sessão. Vê-se o busto da jovem, meias e sapatos brancos, bem como o véu sobre a cadeira vazia. Na mesa quadro de Jesus e na parede o retrato de Emmanuel. Enquanto isso o médium gemia na cabine, preso com corrente e cadeado. Certa vez, em plena sessão falou: "Daqui a pouco vou trazer uma coisa do bairro Venda Nova". Cinco minutos após, no meio do salão, caiu um objeto de grande porte com farfalhar de folhas. Era uma cana medindo três metros de cumprimento. Um capitão de Venda Nova que assistia a sessão disse que no quintal da sua casa havia cana daquela altura. Seria de lá? O Espírito não esclareceu, mas tudo nos leva a crer que sim.

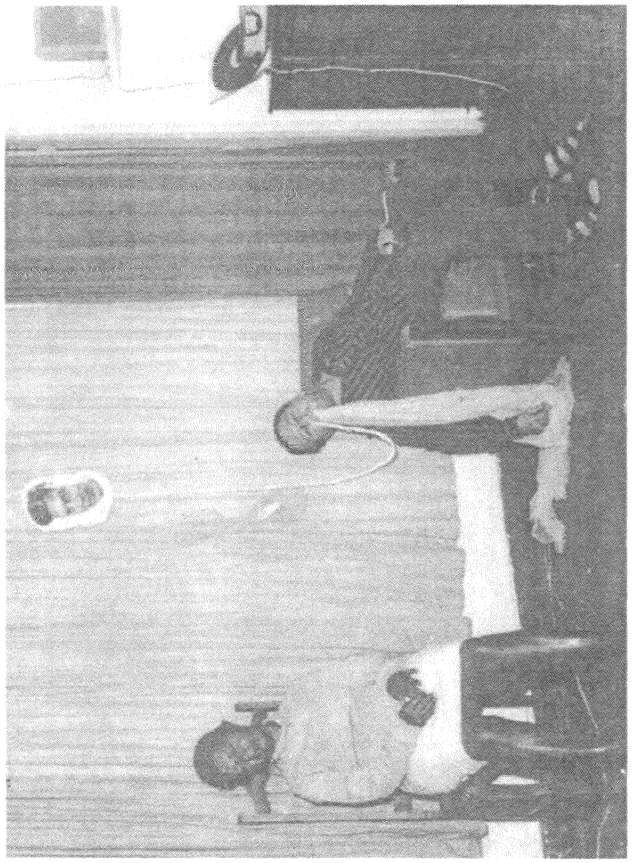
Aspecto do aniversário do médium Pedro Machado, em pé ao lado de uma mocinha, vendo-se também a médium Ana Bernardino Ferreira.

Juntamente com sua mãe, irmã e filhos, desencarnara em desastre aviatório. Sobrinha da Presidente da União Espírita Mineira, família tradicional na Capital. Apresentou-se em uma das nossas sessões materializando-se. Freqüentou a Mocidade Espírita da União. Moça alegre e comunicativa. Casada e mãe, sofreu o desencarne quando voltava com demais

parentes em pequeno avião que regressava a Belo Horizonte. Após a primeira foto, pediu outra na qual queria aparecer sorrindo. Vê-se grande nuvem de ectoplasmia à sua volta. Fenômeno luminoso. Nota-se também manchas de queimaduras no queixo e rosto. Foi reconhecida por seus familiares. (Médium Ana)

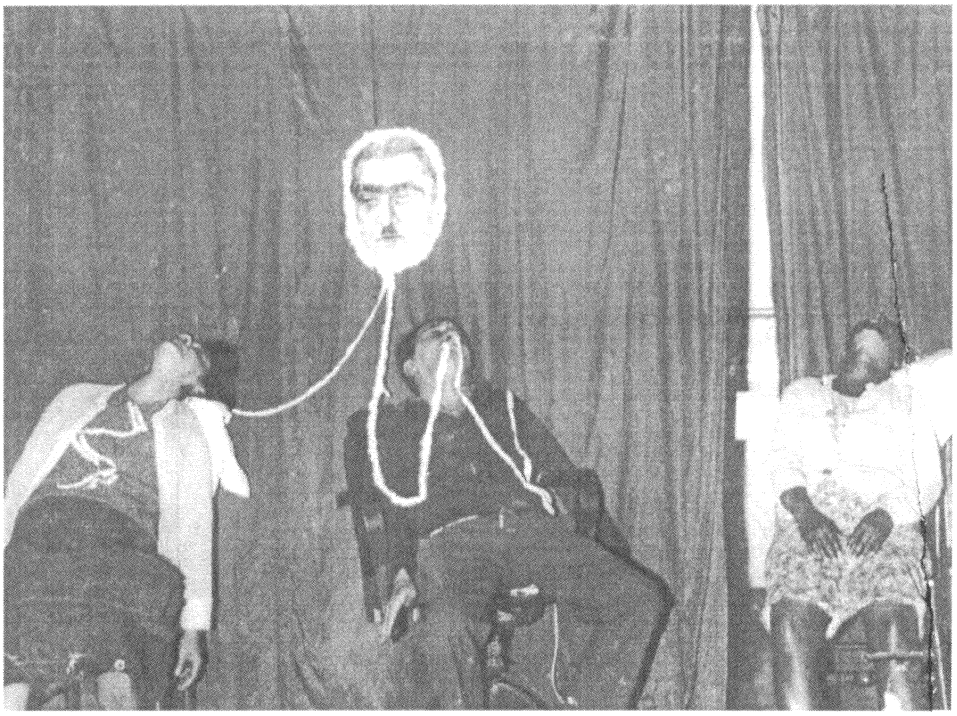


Ana Bernardino Ferreira, muito ligada a Chico Xavier e aos Espíritas de Pedro Leopoldo, humilde e boa médium de efeitos físicos, conosco, quando desenvolvia. Numa sessão no Centro Esp. "Odilon Cruz", serviu de intermediária para o medalhão de Alípio Silva, conhecido batalhador espírita da Capital. Sua esposa presente à sessão ficou muito emocionada com a surpreendente aparição de seu esposo desencarnado.



No mesmo Centro Espírita, foi realizada nova sessão e, estando presente Da. Vera Lúcia, residente na Av. Pedro II, 111 - A, pediu mentalmente o retrato de seu falecido pai, pois que não tinha nenhum no seu álbum de família. O morto veio e atendeu a filha querida. De posse do medalhão, mandou ampliá-lo para o álbum.

Monteiro Lobato era um dos Espíritos amigos que se apresentava no Grupo. Desta vez a sessão se realizou no C.E. "Poder da Boa Vontade", vendo-se o médium Pedrinho Machado entre duas médiuns auxiliares.
O medalhão mostra Lobato que nos disse ser "seu rosto mesmo, pois, não há fotografia igual no Brasil. É original."



Monteiro Lobato com Pedrinho Machado.

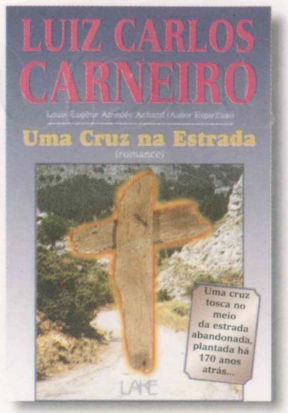
Impressão e Acabamento
Com fotolitos fornecidos pelo Editor

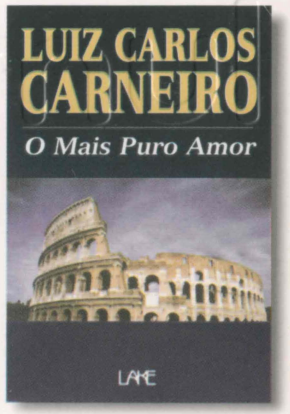
EDITORA e GRÁFICA
VIDA & CONSCIÊNCIA

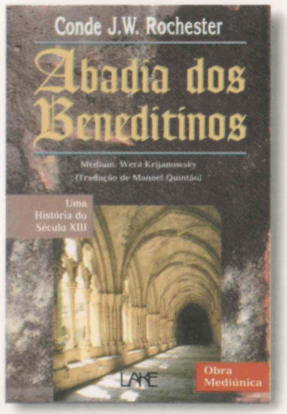
R. Agostinho Gomes, 2312 • Ipiranga • SP
Fonefax: (11) 6161-2739 / 6161-2670
e-mail:grafica@vidaeconsciencia.com.br
site: www.vidaeconsciencia.com.br

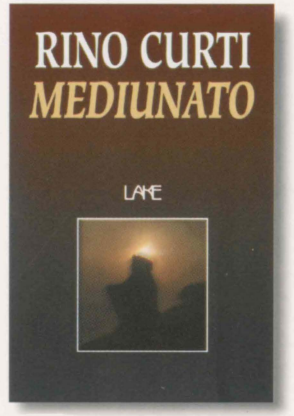
OUTRAS OBRAS DE EDIÇÃO

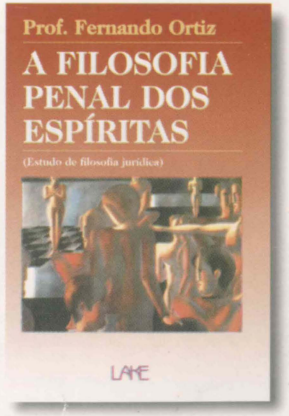
LAKE

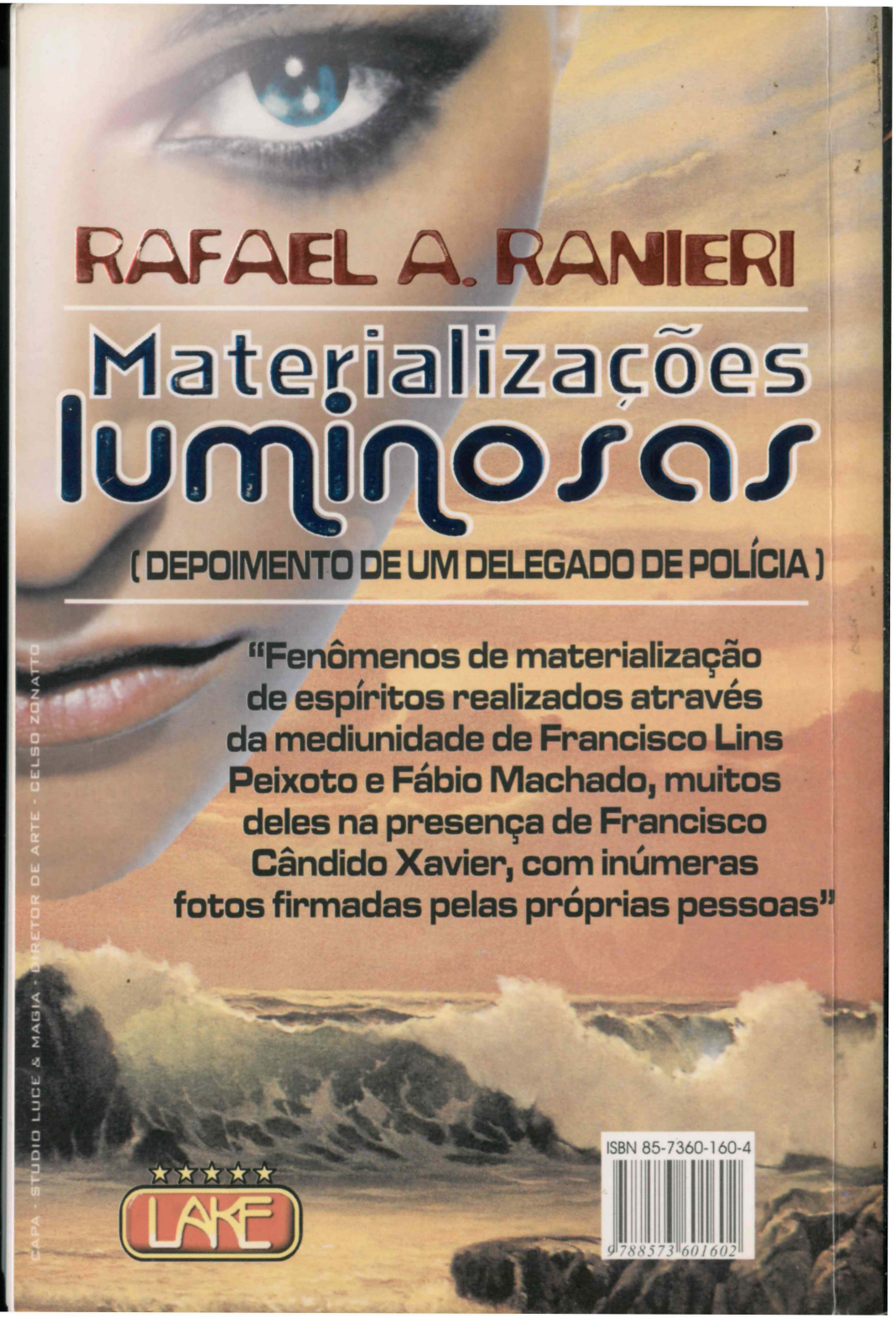











RAFAEL A. RANIERI
Materializações
luminosas
(DEPOIMENTO DE UM DELEGADO DE POLÍCIA)
"Fenômenos de materialização
de espíritos realizados através
da mediunidade de Francisco Lins
Peixoto e Fábio Machado, muitos
deles na presença de Francisco
Cândido Xavier, com inúmeras
fotos firmadas pelas próprias pessoas"
CAPA - STUDIO LUCE & MAGIA - DIRETOR DE ARTE - CELSO ZONATTO
LAKE
ISBN 85-7360-160-4
9 788573 601602